

## O segundo livro do tratado *De Arte Voluntatis* de Juan Eusebio Nieremberg (1595-1658)

*Paulo Roberto de Andrada Pacheco*

**Recibido: 15 de Junio de 2014**

**Evaluado: 6 de Julio de 2014**

### 1 Introdução

“No es explicable el gozo que recibe un alma mortificada que no tiene voluntad ni querer sino el de Dios; porque [...] a todo cumplimiento de voluntad se sigue algún gusto, y el cumplimiento de la voluntad divina tiene un gusto divino.”

(Nieremberg, 1633)

No último número desta Revista, tivemos a oportunidade de publicar, pela primeira vez, em língua portuguesa, o Livro I do tratado de Filosofia Moral *De Arte Voluntatis* (doravante DAV), escrito pelo jesuíta espanhol Juan Eusébio Nieremberg<sup>1</sup>. Na sequência, apresentaremos o Livro II que, segundo a edição latina,

*Addit aliqua, quae ad idem iuvent, & magis probat dicta. Mox praeceptiones aliquas commendas ad tollenda impedimenta facilioris gubernationis huius instrumenti animi. Subiicit tandem regulas aliquas ad illud exercendum ex parte sui quoad modum, & conatum, &c.*<sup>2</sup>

Este livro encontra-se dividido, como dissemos, em oito partes, sendo três *appendicis* e cinco *ascesis*. O primeiro dos complementos ao que foi discutido no Livro I, intitulado *Tolerantia, & temperantia rerum*<sup>3</sup> – traduzido para o francês como “Meios infalíveis para adquirir a felicidade. Primeiro Meio: PELA prática da Paciência e

<sup>1</sup> Pacheco, 2013: 170-258.

<sup>2</sup> “Acrescenta-se algo mais ao que foi dito para provar o argumento [discutido no Livro I]. Em seguida, [apresenta] algumas recomendações e impedimentos que visam a e facilitam o governo dos instrumentos da alma. Apresenta, por fim, algumas regras para exercitar-se” (DAV, 1639, f. 5, tradução nossa).

<sup>3</sup> Sobre a tolerância e a temperança (DAV, 1639, II, 1).

moderação” – é o mais extenso de todos e possui 34 parágrafos. O segundo *appendix* é intitulado *Praecautio poenitentorum*<sup>4</sup> – traduzido por Videl como “Segundo Meio: QUE é preciso evitar, cuidadosamente, tudo aquilo que pode nos causar arrependimento” – e está distribuído em 8 parágrafos. O último dos *appendicis*, chamado de *Actiones honestae alunt laetitiam*<sup>5</sup> – que ficou traduzido para o francês como “Terceiro Meio: QUE devemos praticar as ações virtuosas e que elas nutrem alegria” –, por sua vez, possui 12 parágrafos. Em seguida, Nieremberg apresenta cinco exercícios ou regras práticas para se exercitar que podem auxiliar no trabalho de conduzir a vontade adequadamente: a *ascesis I*, chamada *Eruderanda perturbationibus voluntas*<sup>6</sup>; a segunda, *Passio passione non eluenda*<sup>7</sup>; a terceira regra de título *Conatus, & impetus ad bonum*<sup>8</sup>; a *ascesis IV*, intitulada *Diligentia de bono*<sup>9</sup>; e, finalmente, a quinta e última regra chamada de *Bonum debet esse continuum*<sup>10</sup>.

Vale lembrar que, ao longo do texto, procuraremos apontar, em notas, comentários ao texto, que visem a uma compreensão mais adequada do desenvolvimento de raciocínio na obra nieremberguiana em análise, ou no sentido de indicar possíveis dificuldades enfrentadas com a tradução ou com o reconhecimento de referências apontadas pelo autor ao longo do texto.

<sup>4</sup> Precaução de se arrepender (DAV, 1639, II, 2).

<sup>5</sup> As ações honestas nutrem a alegria (DAV, 1639, II, 3).

<sup>6</sup> Limpando as perturbações da vontade (DAV, 1639, II, 4). O tradutor francês, como vimos, preferiu dar sequência ao seu pensamento, chamando as partes seguintes do Livro II, de *Quarto, Quinto, Sexto, Sétimo e Oitavo Meios*. A este “quarto” meio, Videl deu o nome de “QUE é preciso purificar a Vontade de tudo aquilo que é capaz de perturbá-la”.

<sup>7</sup> A paixão não é lavada por outra paixão (DAV, 1639, II, 5). Traduzido para o francês como “Quinto Meio: QUE não devemos nos curar de uma paixão com outra”.

<sup>8</sup> Os esforços e ímpetos para o bem (DAV, 1639, II, 6). Videl o traduziu assim: “Sexto Meio: QUE é preciso vencer a repugnância que temos em agir bem, e nos esforçarmos para isso”.

<sup>9</sup> O cuidado com o bem (DAV, 1639, II, 7). Traduzido por Videl como “Sétimo Meio: PELA prática da diligência”.

<sup>10</sup> O bem deve ser contínuo (DAV, 1639, II, 8). Segundo o texto francês, esta parte do Livro II, ficou denominada “Oitavo Meio: QUE é preciso se esforçar continuamente pelo bem”.

**2 O De Arte Voluntatis<sup>11</sup>****A ARTE  
DE CONDUZIR  
A VONTADE****LIVRO SEGUNDO****COMPLEMENTO I*****Sobre a tolerância e a temperança***

Mas, chegou o momento de retornar ao nosso tema principal; é preciso que nos recoliquemos inteiramente na obra. Aqueles que batem a marreta na bigorna sabem que nem todos os golpes são justos e firmes; há muitos que caem fora, muitos que batem em falso; e para dar alguns bons golpes muitos são golpeados inutilmente. Voltemos, então, aos meios para estabelecer solidamente o repouso de nossa Vontade; dediquemo-nos a torná-la firme e constante e, conseqüentemente, feliz. Importa, para esse fim, retornar sobre as coisas que foram simplesmente esboçadas, nos apoiar sobre aquelas coisas sobre as quais tocamos ligeiramente, terminar nosso rascunho e nosso esboço. Verdadeiramente é nossa intenção corrigir os defeitos do homem; nosso objetivo principal é instruí-lo; mas gostaríamos mesmo é de refazê-lo inteiramente; teríamos mais satisfação no formá-lo outra vez. A Arte que mostra como se vive bem não é nem complicada nem longa; o difícil é menos aprendê-la do que se aplicar a ela, e a afeição é mais necessária do que a memória. Não há nada que seja menos difícil de adquirir do que a ciência de fazer o bem, desde que se estude aquela que ensina a esquecer o mal; aquela é, sem dúvida, a mais difícil, bem como a mais necessária de todas. Passaremos, em seguida, a dois preceitos cujo conhecimento e prática nos colocarão seguramente no caminho que leva para onde desejamos ir; arranjarremos dois meios infalíveis para estabelecer com firmeza nosso repouso, a Tolerância e a Temperança<sup>12</sup>. Na medida em

---

<sup>11</sup> Optamos, como dissemos anteriormente, por uma tradução em que, na medida do possível, se preservasse a estrutura argumentativa utilizada pelo autor e pelos tradutores francês e italiano. Quando a pontuação ou a formação das frases dificultava por demais a compreensão do conteúdo, optamos por tornar o texto o mais próximo da estrutura gramatical da língua portuguesa sem, no entanto, ferir os estilos do autor e dos tradutores. Nossa tradução foi baseada no texto francês e no texto italiano, mas sempre tomando como fundamento para a organização da apresentação do texto traduzido o texto original latino de 1639. Assim, optamos por manter os títulos de seções conformes ao original latino, retirando as referências, a cada parágrafo, a uma nova subseção (como é o caso do texto francês). No texto latino, os parágrafos são identificados à margem do texto, onde, inclusive, o autor toma o cuidado de apontar algumas referências citadas por ele ao longo do texto.

<sup>12</sup> No texto francês, Videll traduziu por “moderação e paciência”. Optamos por manter os conceitos utilizados por Nieremberg no texto latino.

que as deixarmos presidirem nossa conduta e as admitamos no governo de nosso espírito, não deixaremos mais de ser felizes; seremos instruídos pela primeira a nos conter na prosperidade, e aprenderemos da outra a sofrer constantemente a miséria. Assim, aquela agindo como um freio e esta como uma espora, farão com que pratiquemos a habilidade com a qual chegaremos à meta montados em um cavalo desobediente e suscetível. Obrigaremos a nós mesmos a atravessar o mal caminho, a ultrapassar as coisas que nos parecem difíceis, a desprezar, a pisar com os pés aquilo que nos causa medo, aquilo que nos retém e nos impede de avançar no caminho da Virtude. Nossa tolerância no mal produz nossa temperança no bem. É difícil dizer qual das duas prevalece sobre a outra, mas é bem certo que é preciso fazer igualmente essas duas coisas: sofrer muito e desejar pouco. Esta última está inteiramente em nosso poder. Qualquer que seja a grandeza daquilo que a Fortuna nos causa, sem dúvida nenhuma não conseguirá se igualar ao Império que a Paciência nos dá sobre ela<sup>13</sup>. E julgemos se não é justamente que esta excelente e rara virtude está em primeiro lugar entre todas as demais, visto que não há nada de tão difícil que ela não seja capaz de ultrapassar e que, sozinha, e sem armas, ela alcance, ela triunfe, sobre o furor e a potência dos homens armados<sup>14</sup>.

Como é muito fácil bem viver, também é muito fácil, sem dúvida, aprender o meio para isso. A Arte que nos ensina isso se dedica apenas à prática dessas duas virtudes, a Tolerância e a Temperança. Ela consiste única e exclusivamente nisso. Elas<sup>15</sup> produzem a felicidade da mesma maneira que compõem a sabedoria. Não pensemos que estejam nisso os mistérios eleusinos<sup>16</sup>, onde os profanos não eram admitidos; pois nesse caso, ele está aberto indiferentemente a todos; cada um de nós pode ter em sua casa essas Divindades tutelares de sua alegria. Certamente, quem sabe se abster de coisas prazerosas e sabe suportar as desagradáveis, possui uma perfeita tranquilidade, pode ter certeza de ser soberanamente feliz. São as duas colunas que sustentam o trono da Virtude; é o fundamento onde toda nossa felicidade repousa<sup>17</sup>: ser tolerante e temperante; recusar os bens da Fortuna e, para dizer de forma mais justa, seus brinquedos; sofrer constantemente suas perseguições; tudo isso é estar no cúmulo da felicidade e da sabedoria. Diógenes<sup>18</sup> tendo feito uma coroa de pinho para si mesmo, da

<sup>13</sup> Refere-se à Fortuna.

<sup>14</sup> No texto latino, Nieremberg parece citar alguém, no entanto não encontramos referência à frase citada ao final de sua argumentação: “*Pauca tu potes, et multa in te potest fortuna, in quam maxime patientia potes maxima inter virtutes, quae vincit inermis, / Armatosque solet vincere saepe viros*” (“Poucas coisas tu podes fazer, e muitas a Fortuna pode fazer em ti, mas o pouco que podes com a Paciência é a máxima virtude que ‘vence o duelo contra os homens que, normalmente armados, costumam vencer’”, tradução nossa”)

<sup>15</sup> As virtudes da temperança e da tolerância, ou, segundo o texto francês, a moderação e a paciência.

<sup>16</sup> Os Mistérios de Elêusis – ou Mistérios Eleusinos – eram ritos de iniciação ao culto das deusas da agricultura Deméter e Perséfone, que eram celebrados em Elêusis, cidade grega próxima de Atenas. Esses ritos eram guardados em segredo e só podiam ser transmitidos aos novos iniciados.

<sup>17</sup> No texto latino, Nieremberg diz: “*Hanc Philosophiae summam cum Epicteto puta sustine et abstine*” (“A suprema Filosofia de Epicteto afirma ‘suporta e abstém-te’”). Refere-se, portanto, ao filósofo estoico, Epicteto (55-135), nascido em Hierápolis e que viveu como escravo de Epafrodito por toda a vida mas, apesar da condição de escravo, conseguiu assistir às preleções de Caio Musônio Rufo, filósofo estoico romano.

<sup>18</sup> Refere-se, no original latino, a Diógenes de Sínope (c.404 a.C.-c.323 a.C.), filósofo cínico que viveu na Grécia.

mesma forma como fazem aqueles que ganham o prêmio de combates sagrados, ao ver como o Magistrado quis lhe defender as marcas de uma honra que acreditava ser maior do que realmente era, visto que ninguém nunca o havia visto no liceu com os Atletas, lhe respondeu dizendo que ele trazia essa coroa muito justamente quando conseguira vencer dois poderosos adversários, a Dor e a Volúpia. Não teria sido porque ele sabia a Arte de sofrer e se abster? Só depende de nós ter a mesma vantagem que este Filósofo; podemos chegar a uma vitória tão grande quanto esta; tendo, como temos, para isso, dois dos melhores e mais fortes ajudantes que nos podem ser úteis no combate que temos que empreender contra a Fortuna, a Tolerância e a Temperança. Através desta conseguimos parar, de início, os avanços e a celeridade desta inimiga; e através daquela evitamos suas intrigas; tornamos inúteis as práticas que ela, por muito tempo, empreendeu contra nós. Os primeiros movimentos de sua cólera são ingênuos e sem artifício porque são sem premeditação; e como, então, ela emprega tudo o que lhe vem nas mãos, como ela emprega como armas tudo aquilo que ela encontra pela frente, ela acaba por fazer uso de coisas frágeis e leves que não nos feririam ou nos feririam apenas levemente. Mas, como os efeitos de seu ódio são lentos e tardios, são eles a quem devemos temer, visto que, muito frequentemente, eles ajustam a malícia à força; eles partem de conselho e de deliberação. O meio mais ordinário que ela emprega para nos suscitar o mal, a máquina mais forte de que ela se serve para guerrear contra nós, é nos dando coisas que não queremos e nos recusando aquelas que desejamos. Abstenhamo-nos destas e suportemos constantemente as outras. Dessa forma, nós a desarmaremos inteiramente, venceremos todos os seus empreendimentos e todos os seus esforços.

Portanto, temos tanto interesse em praticar a Tolerância e a Temperança que é certo que, sem elas, nossas pretensões de fazer progresso na virtude são inúteis, e todos os desígnios que concebemos para o estabelecimento de nossa felicidade são como crianças desafortunadas que nunca nascem. Esta infelicidade procede do fato de ignorarmos como é necessário querer e não querer as coisas; e como nos tornamos igualmente ridículos através de nossos desgostos e nossos desejos. Desejamos fora da época certa, quando somos reduzidos a uma necessária pobreza que, na verdade, deve ser desejada; a propósito, desejamos de forma errada, quando queremos que a Fortuna se obstine a nos apresentar suas recusas, ou quando aquilo que desejamos dela não se encontra em seu poder. Procuramos no inverno aquilo que só pode ser encontrado na primavera, e que a Natureza só nos poderia dar por uma desordem sua pior do que a nossa. Assim, nossos próprios desejos se punem a si mesmos; a impossibilidade de cumpri-lo na qual nos encontramos é o castigo de sua indiscrição. Não sabemos que a Fortuna tem seu inverno assim como o ano o tem; e que suas recusas procedem, às vezes, tanto de sua impotência quanto de seu rigor. Por que queremos as coisas que pertencem a outros? Não vale mais a pena ceder voluntariamente ao tempo, que é obrigado a depender dela, com uma sujeição de escravo? Nossa cobiça nos dá este gosto depravado, esses apetites extravagantes e monstruosos, que chegam às mulheres quando elas estão para se tornarem Mães; e não apenas preferimos, como elas, o gesso e o carvão às boas carnes, como também, por uma doença muito mais estranha e mais monstruosa, sentimos aversão por aquelas que satisfazem mais agradavelmente o nosso gosto. Eu vos pergunto, o que é isso de se abster das coisas prazerosas e suportar as desagradáveis? É saber a Arte de se acomodar a todos os movimentos da Fortuna; é compreender a maneira de querer e de não querer; em uma palavra, é nada desejar. Arranquemos portanto nossa cobiça, visto que se a mantivermos, a bem dizer, estaremos confirmando e mantendo a Fortuna no poder que ela usurpou de nós; estenderemos para

cada vez mais longe os limites de seu Império, nos descobriremos e nos exporemos ainda mais ao seu ódio. Não confiemos no fato de ela ser cega; não por isso ela é menos segura e deixa de nos açoitara e de nos alcançar em todos os lugares mesmo quando ela não tinha nenhum interesse em nos alcançar. Será que devemos nos surpreender com um homem que, não vendo nada, nunca erra o golpe? Que, virando-se para qualquer lado, sempre chega ao seu objetivo? E que tem necessidade de visar sempre, visto que nossa cobiça nos dirige sempre para todas as coisas? É impossível atirar em falso, dando um tiro no meio de uma multidão. Somos o alvo eterno onde recaem todas as flechas da Fortuna; ela as atira tanto mais certamente quanto mais estivermos em meio à multidão de nossos desejos.

Consideremos seriamente o quão rara é a vantagem que a moderação nos concede, já que é certo que, reprimindo nossa cobiça, arrancamos da Fortuna o mais seguro meio que ela possui de nos causar mal. Mas, não pensemos, no entanto, que nisso precisamos de nossa vontade inteira, seguramente a metade já será suficiente. E saibamos que é como um arco, cuja força aumenta quanto mais curvado for, e que não tem força nenhuma se estiver estendido. Pensemos em nossa liberdade natural como se ela tivesse duas mãos; pois é assim que, muito propriamente, se pode nomear seus dois privilégios – querer e não querer. Somos frágeis e impotentes no caso da primeira<sup>19</sup>; mas, pelo contrário, somos muito mais fortes quanto a outra, já que está absolutamente em nosso poder não querer aquilo que não temos. Através daquela, nós nos abandonamos, nós nos entregamos a todas as coisas que estão fora de nós, tornamo-nos escravos da Fortuna; mas através desta, nós nos tornamos seus senhores, nós a submetemos absolutamente a nosso poder. Aquele que obstaculiza sua cobiça pode muito bem se gloriar de estar protegido e como que entrincheirado contra os esforços desta inimiga. Que fraqueza é essa nossa que chega a temê-la, se somos mais fortes do que ela somente usando metade de nossa vontade, como o somos seguramente? Basta-nos uma mão para resistir a ela. Basta-nos uma perna para correr atrás de nossa felicidade. Mas, não é apenas nisso que se encontra toda vantagem que a moderação nos traz. Como ela nos permite apreender as injúrias da Fortuna, ela nos dá muito abundantemente o suficiente para não desejar seus favores; ela nos enche de bens; e sua magnificência se dirige a nós de forma tão favorável que, comparados a nós, os mais opulentos Monarcas parecem pobres. E o que é ainda mais raro é que nossa riqueza não é menos inesperada que grande, visto que para adquiri-la seja necessário apenas não querer. Toda a prudência humana seria capaz de nos conferir um meio mais adequado e seguro para nos enriquecer? O que poderíamos desejar mais do que ver pobre, em comparação conosco mesmos, aquela que dispensa os próprios tesouros? Assim, ela não terá nada que nos atraia e nos chame a atenção. Não haverá nada em nós que aja segundo sua inteligência e que conspire a favor dos desígnios que ela tem de nos agradar, para nos enganar. Por uma vantagem muito mais excelente que a do famoso Rei cujo toque criava ouro<sup>20</sup>, nós possuímos tudo, simplesmente não querendo nada; nós possuímos tudo não apenas não tendo o trabalho de tocar as coisas, como também sequer tendo o trabalho de lançar um olhar; imagine-se o quão mais fácil é ter sem desejar? Assim, por um maravilhoso efeito de nossa moderação, seremos ricos de nossa

<sup>19</sup> Das mãos.

<sup>20</sup> Trata-se do Rei Midas, personagem da mitologia grega agraciado por Baco com o dom de transformar em ouro tudo o que tocava.

pobreza mesma. Escutemos, a esse respeito, um grande homem<sup>21</sup> que nos ensina que é preciso estimar rico e feliz aquele que limitando suas esperanças e seus desejos, persuade-se de ter o suficiente, mesmo que, com efeito, ele tenha pouco. Que, pelo contrário, aquele que lhe dá livre e plena extensão e que se dedica sem cessar a adquirir novos bens, seria incapaz de se defender de ser pobre, não conseguiria evitar ser infeliz; visto que ele se considera como tal; que mesmo parecendo rico, ele, na verdade, não o é; e que a cobiça é um abismo que, contra a natureza dos outros, se enche muito mais de pequenas coisas do que de grandes. Assim, somos muito mais ricos quanto mais possuímos tudo através da Vontade que nada quer. Temos tudo, certamente, desde que creiamos ter o suficiente. O que eu poderia dizer a mais? Temos muito mais do que poderíamos ter; todas as coisas do mundo são supérfluas para nós; e se nós não as temos realmente, imaginemos possuir infinitamente mais, já que temos o meio para isso.

Eis como a Temperança produz bens infinitos. A Tolerância não produz menos, e sua prática é mais fácil para nós, visto que, sem dúvida, um mesmo estudo pode nos servir par uma e para outra, e nos é suficiente instruímo-nos naquela para sabermos usar esta. Encontraremos esta mesma conformidade nos vícios que são seus opostos. A impaciência se excita e cresce pela cobiça; e começamos a temer tão logo começamos a esperar. Cortemos esta raiz fatal de todos os nossos males; entrincheiremos nossas esperanças e nossos desejos, experimentaremos que a má sorte pode não apenas ser sofrida com paciência, mas também com alegria. Não sei quem foi aquele, pelo exemplo de quem, pretendo justificar esta verdade; mas só pode ser um homem excelente que, estando em risco de naufrágio, jogou todos os seus bens no mar e rendeu graças à Fortuna pelo fato de ela, por uma feliz infelicidade, lhe ter obrigado a descarregar ao mesmo tempo seu navio e seu espírito daquilo que poderia igualmente fazer afundar um e outro<sup>22</sup>. Que cada um de nós faça o mesmo num encontro semelhante e mantenha, nesse momento, uma conversação como essa. *Fortuna, eu te agradeço pelo cuidado que tu testemunhas ter com minha salvação. Tu me obrigas bastante, vindo buscar, pessoalmente, aquilo que, há bastante, eu tinha que devolver. Tu me fizeste um grande favor ao me permitires usar daquilo que não é meu; mas tu me fizeste um favor ainda maior ao retirá-lo de mim, evitando, por esse meio, de abusar. Tu me advertiste docemente de meu dever. Foi a melhor coisa que tu me poderias ter feito. Compreendo suficientemente tua intenção. Tu queres minha emenda, tu queres que eu retorne a mim mesmo, que eu trabalhe no sentido de me tornar um homem de bem, que eu obedeça a Deus, que eu me submeta inteiramente às Suas vontades, que eu tenha uma perfeita resignação. Tu te serves de teu direito, vindo retomar aquilo que te pertence, e por uma agradável severidade, que vale, sem dúvida alguma, muito mais do que tua doçura, tu me exortas não apenas a abraçar a virtude, como também a me dirigir para ela, tu me obrigas a ela. Eu bendigo a tempestade que tu me suscitais, pois ela me lança no porto;*

<sup>21</sup>No original latino, Nieremberg escreve: “*Egregie Eusebius philosophatur: Πλάσιον(...)*”. A citação em grego continua, mas apresenta inúmeras manchas que dificultam a transcrição, assim como a nota à margem que traduz o texto para o latim. De qualquer forma, fica claro que o “filósofo” a que se refere é Eusébio de Cesareia (c.265-339), que é considerado o “pai da história da Igreja”, visto ser o primeiro a se dedicar à história do cristianismo primitivo.

<sup>22</sup>No original latino, Nieremberg anota: “Crates, sive Zeno, magnus quidem, quicumque sit, aspero Neptuno exoneraturus mercibus navem libens, laetus opes suas in mare iecit, & gratias fortunae agens, inquit: *Bene, o Fortuna, bonorum mihi magistra*”. Trata-se, portanto, do filósofo Crates de Tebas (c.368 a.C.-c.288 a.C.), grego pertencente à escola cínica de filosofia. Foi professor de Zenão de Cítio e discípulo de Diógenes de Sínope.

*eu te rendo graças por me encontrar inteiro e são depois do naufrágio. Restaram-me ainda muitas coisas que tu poderias ter levado; reconheço francamente que elas te pertencem todas. Tu me fizeste tantos bens, dos quais tu nem sequer te lembras mais, mas eu conservo a memória de todos eles. Retoma tudo o que tenho fora de minha pessoa, sobre a qual tu não tens nenhum direito; da mesma forma que eu não tenho nenhum direito sobre aquelas que tu me deixas, porque tu mostras suficientemente o quanto desprezas o que não te pertence. Queira Deus que sejamos capazes de resolver fazer com ela aquilo que um certo homem fez com aqueles que o assaltavam; como ele os ouviu entrando em sua casa, ele lhes disse peguem tudo aquilo que quiserem, e não se colocou em posição de os impedir. Os ladrões, levando tudo o que lhes pareceu mais precioso e lhe deixando a bolsa, contra a sua expectativa, foram seguidos por ele que a apresentou a eles, acrescentando, eis algo de que vocês se esqueceram. Essa frieza e essa ingenuidade, certamente, lhes agradou tanto que não somente eles a deixaram, como também lhe devolveram todo o resto. Que sabemos nós do que a Fortuna poderá fazer, se usarmos dos mesmos modos com ela? Quem sabe ela não ficaria de tal forma tocada com um procedimento tão franco a ponto de fazer o mesmo conosco?*<sup>23</sup>

Mas, se não podemos sofrer sua<sup>24</sup> selvageria e violência naturais, se nos é impossível competir com ela, pelo menos não deveríamos, razoavelmente, nos lamentar disso; fazemos-lhe injustiça ao lhe imputar a causa dos problemas que nos chegam, visto ser indubitável que eles procedem puramente de nós, que ela não tem nenhum meio de nos afligir que lhe seja próprio ou, pelo menos, não tenha sido instruída nele por nós mesmos, e que ela faz a guerra com nossas próprias armas. Verdadeiramente, se queremos estar protegidos de suas ações, é preciso renunciar inteiramente a nossas esperanças e a nossos desejos; é preciso nos desfazer totalmente deles. Nós lhe arrancaremos as coisas que a favorecem e lhe dão poder sobre nós; enfraqueceremos extremamente a sua potência ou, pelo menos, diminuiremos sua capacidade de nos prender. Quando nos dermos conta de que ela nos quer reduzir à pobreza, prevenimo-nos contra esse seu desígnio, reduzindo-nos nós mesmos à pobreza; coloquemo-nos onde vemos que ela está mirando e, certamente, estaremos no lugar mais seguro possível. Um homem galante, entre os antigos, vendo um mal Arqueiro que sempre errava o alvo, alojou-se exatamente ali, onde cria ter menos motivos para temer<sup>25</sup>. A Fortuna é cega, conseqüentemente ela é muito desajeitada e inábil; alojemo-nos exatamente onde é o seu alvo, pois ali ela não nos atingirá; e quando suas flechas vierem a cair sobre nós e vejamos que estamos ao seu alcance, estejamos certos de que, se estivermos sem cobiça, elas não terão força, não terão pontas. Nossa moderação é quem tira a força e a ponta de suas flechas e as coloca em um estado tal que não precisamos temer, de forma alguma, que eles possam nos ferir.

Aqui, me dou conta de que o Filósofo que quis nos tornar fácil o estudo da sabedoria, reduzindo-a toda ao exercício do suportar e se abster<sup>26</sup>, se afastou bastante de

<sup>23</sup> No original latino, Nieremberg se refere a “cristão” como sendo o personagem desse relato.

<sup>24</sup> Da Fortuna.

<sup>25</sup> No original latino, Nieremberg se refere ao certo *Stratonicus*. Ao que tudo indica, trata-se de Estratônico de Atenas, músico famosos que viveu no século IV a.C., em Atenas, na Grécia.

<sup>26</sup> No original latino, Nieremberg cita Epicteto. O tradutor francês substitui *sustine et abstine* por “paciência e moderação”; no entanto, é claro que está se referindo às duas virtudes sobre as quais Nieremberg vem tratando ao longo desse “complemento”, quais sejam, a Tolerância e a Temperança.

seu objetivo; e não apenas não a resumiu, como também a reduziu a metade, visto que a restringiu apenas à prática da Temperança. E, em verdade, quem pode dizer razoavelmente que não deseja nada, porque tem algo que não deseja? Porque tem algo que não é de seu agrado e que não desejou? Para dizer mais corretamente, é um sofrimento não estender nossos desejos para além daquilo que temos, não os levar para mais longe do que a nossa posse presente. É saber esta arte tão necessária de se acomodar aos movimentos, aos caprichos da Fortuna; e não duvidemos de que aquele que conserva sua vontade clara e pura suporta muito melhor o que lhe acontece de ruim, visto que ele sabe por experiência que a adversidade é leve e que ela só nos pesa porque nos encontra já carregados de nosso apetite. Assim, é o arreio que nos incomoda e não a carga. Entretanto, porque não a conhecemos, achamos que nos aliviemos, mas nos sobrecarregamos de novo; tudo o que fazemos é aumentar bastante o peso de nossa miséria. Nisso, não somos menos ridículos do que o Aldeão que, voltando do trabalho no campo, acoplou seu arado a um dos animais da lavoura e foi tão pouco razoável de montar sobre ele; mas vendo que, por causa de um tão grande fardo o animal não conseguia se mover, ele pôs os pés no chão, tomou sobre si o arado e montou no animal, imaginando que assim o aliviaria do peso. Temos imensos cuidados em descarregar nosso espírito do fardo dos desejos que pesam sobre ele; mas, pelo contrário, nós o aumentamos sempre e sem que a Fortuna se meta nisso, sem que ela acrescente coisa alguma; somos nós que nos colocamos na situação de não poder suportar-nos a nós mesmos. Tiremos, portanto, nosso apetite e sofreremos sem nenhuma dificuldade qualquer problema que possa chegar a nós; não há nada de insuportável, nada de duro e de incômodo para quem não sobrecarrega seu espírito com os tristes pensamentos sobre o futuro. São grandes fardos que têm a maravilhosa habilidade de se tornarem pequenos e se fazerem tão pouco volumosos a ponto de entrarem facilmente em nosso coração e torná-lo suscetível ao temor por acontecimentos que frequentemente o tempo sozinho não produziria. Mas nossa tristeza é tal que a espera pelos bens não nos causa maior mal do que o medo pelos males. Não seríamos capazes de ter, ao mesmo tempo, tudo o que podemos apreender; é muito pouco tudo aquilo que a Fortuna nos pode suscitar de uma única vez; e se ela não tomasse de empréstimo de nós mesmos, se ela não se valesse de nossos desejos, ela seria desarmada já na primeira ocasião, ela seria esvaziada de sua astúcia bem cedo. Tiremos desta verdade que, reprimindo nossa cobiça e praticando a Temperança, não apenas tiraremos todas as vantagens que a acompanham, como também conseguiremos as vantagens que vêm da Tolerância. Abstendo-nos do desejo pelos bens, sofreremos muito facilmente os males, iremos rumo à felicidade pela via melhor e mais curta.

Além do mais, não entendemos apenas através da Paciência<sup>27</sup>, esta excelente virtude que nos concede a vantagem de não sermos nunca vencidos pelos males, a nunca sucumbirmos à dor, mas ela também nos ensina a sofrer com constância a má sorte. Escutamos também aquela que nos ensina de que maneira se deve suportar a boa sorte; e acreditamos que esta é a mais frequentemente difícil de se praticar. Aquela é puramente passiva e esta consiste toda em ação; como não é nosso objetivo tratar sobre isso, nós a reservaremos para outro momento. Ela se divide em vários empregos, e este

<sup>27</sup> No texto latino, Nieremberg, de fato, trata, neste parágrafo e na sequência dele, acerca da paciência: “Caeterum, cum patientiam nomino, non dico rem simplicem”.

caule se divide em vários ramos. Um grande Doutor da Igreja<sup>28</sup> lhe dá três principais usos, um para Deus, outro para os homens e um terceiro para o seu inimigo comum. Poderíamos acrescentar um novo, muito mais difícil, como também mais importante que os outros e que tem por objeto cada um de nós em particular, e que pode ser reduzido ao exercício desses dois princípios: agir para outros e agir para nós. Esta que nos diz respeito é mais nobre e mais excelente, já que sabemos que há mais dificuldade em carregar o que está sobre nós do que o que simplesmente sustentar o que está perto de nós. É muito mais fácil para os animais de carga puxar um fardo do que carregá-lo; e para um só homem que ordinariamente os sobrecarrega, os animais de carga puxariam uma família inteira. A Paciência é a base e o fundamento da tranquilidade do espírito; é o título soberano de nossa paz e de nossa alegria. Eu vos pergunto, do que nos serve estar de mal com os outros, mantendo, como fazemos, uma guerra contínua conosco? Dedicamo-nos, primeiramente, a acalmar as tempestades que o apetite levantou em nosso coração; tenhamos cuidado em estabelecer nele um firme repouso, e não teremos nenhuma dificuldade em sofrer tudo aquilo que nos vier de bem ou de mal, ser-nos-á muito fácil suportar a nós mesmos.

Como não há nada de mais próprio ao homem do que sofrer, nada lhe é mais necessário do que a Paciência. É um raro e maravilhoso remédio que recebemos da natureza, para nos servirmos contra nossos males; que tem a virtude de nos curar de nossos mais agudos problemas e que, por uma propriedade maravilhosa, acaba com a ponta de todas as flechas da má sorte. Nossa condição não é mais infeliz do que a dos animais; cada um deles tem seus próprios ditames. O Javali ferido corre para as ervas. O Dragão, para o alface selvagem. A Cobra, para a erva-doce. A Tartaruga, para o tomilho. Há também os que têm seu remédio mais pronto e mais próximo: o cão, por um privilégio particular, encontra sua cura em si mesmo e não tem precisão de outro balsamo do que de sua língua. Nosso universal e soberano ditame é suportar pacientemente, sem desgosto e sem murmúrios, nossas calamidades. Não é suficiente para nos explicar dizer que não há nada de mais próprio a nós do que sofrer. Digamos que nos seja absolutamente necessário. Consequentemente, não há nada de que tenhamos mais necessidade do que de paciência. E podemos dizer com ainda maior razão que, por uma graça antecipada, o hábito que temos de sofrer faz com que não soframos com nada. Tornamo-nos impassíveis sofrendo pacientemente; por esse meio, nosso espírito se torna invulnerável às mais poderosas flechas da Fortuna; e é apenas por causa do vício contrário, pela impaciência, que ele pode ser ferido, como Aquiles no calcanhar<sup>29</sup>. Se a vantagem que esse hábito excelente nos traz não chega ao ponto de nos impedir de buscar os males, ele nos faz, pelo menos, sofrer sem coerção e sem pena quando eles nos chegam. Através desse meio, escapamos aos mais duros problemas desta vida, criamos uma muralha segura contra toda sorte de infelicidade. Portanto, soframos agradavelmente aquilo que precisamos sofrer por necessidade. Assim, tornaremos nossa paciência ainda mais gloriosa do que se nós adquiríssemos o mérito a partir de uma ação voluntária e livre. Nossas mãos, nossos pés e as outras partes de nosso corpo se tornaram ainda mais inábeis em suas próprias funções do que incapazes

<sup>28</sup>No original latino, Nieremberg anota:

“*Aliis distribuitur modis patientia: adivino Ephrem trifariam: aliam dixit patientiam erga Deum; aliam erga Dæmonem; aliam erga homines*”. Trata-se, portanto, de Santo Efrém (306-373) que foi teólogo, monge, poeta e é considerado Doutor da Igreja.

<sup>29</sup> Trata-se do personagem da mitologia, herói grego, que teria participado da Guerra de Troia.

de sofrer. Seja como for que elas estejam<sup>30</sup>, eles poderão servir de matéria para nossa virtude, elas estarão sempre em bom estado para isso, mesmo depois da mais cruel violência do ferro e das doenças. Um Sofista afligido pela gota dizia, *eu não tenho pés nem mãos quando é preciso que eu coma ou que eu caminhe, mas eu os tenho quando é preciso que eu sofra*<sup>31</sup>. Isto justifica que, por mais impotente e mutilado que seja nosso corpo, podemos nos gloriar de ser inteiramente capazes de sofrer; é nisso que consiste nossa perfeição; e o sofrimento é tão conforme à nossa natureza que podemos sofrer nas mãos e nos pés, quando não temos quase nem mãos nem pés. Não pensemos que há contradição nisso, mas saibamos que quem não pode sofrer neles, não pode verdadeiramente crer possui-los. Não nos faltará nunca suficientes motivos para exercermos nossa paciência. Podemos mesmo estar certos de que nós é que faltaremos aos motivos, quando nosso corpo mesmo vier a nos faltar.

Imprimamos bem fundo no nosso coração as palavras do Temanita<sup>32</sup>, que tendo estudado seriamente esta vida, disse que o homem nasceu para sofrer, como o pássaro para voar. Pode essa verdade ser representada por uma comparação mais justa e própria do que essa? O que falta ao pássaro de tudo aquilo que serve para a sua leveza e que fazer parte de sua natureza? Consideremos como ele tem o bico como se fosse uma proa, para fender o ar; como sua cauda lhe serve de timão para manter firme sua rota e modificá-la quando lhe parecer necessário; como suas asas são compostas de uma dupla camada de penas de diferentes tamanhos, como se tivesse uma fila dupla de remos; como, ao voar, ele recolhe seus pés dentro de si mesmo, e como ele os lança para fora como se fossem duas âncoras que ele quer pousar sobre um galho, a que podemos dar o nome de porto. Será preciso refletir mais sobre isso? Não foi sobre esse modelo que os homens construíram tantos navios que, atravessando em tão pouco tempo um tão grande espaço de mares, imitam tão bem esses navios do ar em sua velocidade e em sua estrutura? Assim, o homem é votado ao sofrimento pela condição de seu nascimento. A natureza parece ter se explicado suficientemente sobre o desígnio que ela teve de colocá-lo para isso no mundo; tendo-o deixado nu, pobre, sem armas; desprovido de tudo aquilo que lhe poderia servir de defesa; abandonado frequentemente a si mesmo; e, para dizer em uma palavra, tendo lhe dado a miséria por elemento, como deu o ar ao pássaro. Assim, mesmo que algumas vezes ele não tenha aquilo que lhe é necessário para passar a vida, ele tem tudo o que lhe é necessário para suportar a dor. Como o pássaro tem suficientemente tudo o que é necessário para voar. No entanto, há, entre eles essa diferença: aos pássaros, as asas, que são o instrumento de sua leveza, podem faltar; enquanto que aos homens não poderia faltar aquilo que lhes confere o meio de sofrer. A Natureza lhe foi bastante favorável ao não colocá-lo longe de um bem tão

<sup>30</sup> Todas partes de nosso corpo.

<sup>31</sup> No original latino, Nieremberg escreve:

*“Egregie Herodes Sophista, dumpodagra & chiragra laborabat. Cum, inquit, edere oportet, manus non habeo; oportet progredi, non sunt mihi pedes; oportet dolere, tunc & pedes mihi sunt, & manus”*. Trata-se, portanto, de Herodes Ático (101-176), também conhecido como Lúcio Vibúlio Hiparco Tibério Cláudio Ático Herodes, que foi um retórico grego e político a serviço do Império Romano, famoso pela fortuna que possuía. Sua vida é conhecida a partir das obras de Filóstrato (170-250), sobretudo no texto *Vidados Sofistas*.

<sup>32</sup> Trata-se de um dos três companheiros de Jó, Elifaz o Temanita. Conforme o relato do segundo capítulo de Jó, Elifaz é o consolador cujo discurso é o mais extenso. Os outros “consoladores” são Bildade e Zofar (Cf. Jó 2, 1).

importante. E, verdadeiramente, pode acontecer muito mais ao Cervo de não conseguir correr, pode acontecer ao lobo e aos outros animais carniceiros de não viver de suas vítimas, ao Leão de não assustar, do que ao homem de não poder sofrer. Eis aqui, sem dúvida, a mais alta marca do cuidado que a Natureza teve para com ele. Ela não permitiu que ele pudesse ser privado de uma vantagem que lhe confere outras tantas.

O homem nasce chorando; as primeiras produções da sua Primavera são as lágrimas; julguemos disso quais serão as outras estações de sua vida, e que frutos poderão nascer dessas flores. Não passa tempo algum, para ele, entre nascer e sofrer; no mesmo instante, as duas coisas acontecem; e tão logo ele chega ao mundo, já se aflige de ter vindo a ele. A dor é o primeiro reconhecimento ao preço do qual ele paga a visão do dia; e ele o paga, em seguida, até ao fim da vida, outros tributos à miséria. Aquele que resiste a um dever tão necessário e natural comete injúria contra a dignidade de sua própria condição, ofende a natureza ao acreditar que ela não o fez capaz de sofrer; e por isso ele decai, ele se torna indigno de todas as vantagens que recebeu dela. Que ele sofra, portanto, na maturidade o que sofreu na infância, e que não tenha vergonha do seu destino, já que ele não abriu sua boca mais para respirar do que para se lamentar. Que ele pense que esteja nisso o verdadeiro emprego de sua vida, e que se possa dizer que ele é menos inocente por viver do que por sofrer. Esta é a primeira lição que nos é dada, e a última que aprendemos. Todos os animais conhecem, desde o princípio, suas forças e, sem qualquer outro estudo que seu instinto, sabem e procuram aquilo que lhes é próprio. Só o homem nasce ignorante, nasce inábil para tudo menos para as lágrimas, que é um bem que ele recebeu da liberalidade da Natureza. Ela lhe deu as lágrimas gratuitamente; e ele deve saber lhe ser grato por isso, mas também deve saber a causa. E é para moderar, de alguma maneira, os rigores que ela lhe impôs e para temperar sua amargura com alguma doçura; por isso, ela quis lhe dar essa atenuação comum de seus males, ela quis lhe dar esse instrumento e lhe preparar esse primeiro remédio contra os golpes que ele receberá da Fortuna. A experiência nos ensinou que esse remédio é de uma virtude singular para que o homem ache menos rude os golpes da Fortuna, e para que as chagas mais dolorosas sejam aquelas que não sangrem à vista dos olhos. Aprendamos disso o quão natural é para o homem sofrer, pois somente ele tem o dom de chorar. A felicidade dessa vida – falo daquela que procuramos fora de nós – é tanto menos curta quanto é violenta. O brilho das coisas do mundo é apenas uma luz falsa que a Fortuna lhes empresta contra sua vontade para que, por essa mesma razão, ela possa retirar esse mesmo brilho e ele desaparece em um piscar de olhos. Desta instabilidade procede tudo o que nos faz mal. Assim, portanto, nos é extremamente natural sofrer. Alguém poderia pensar que nisso é que se encontra nossa infelicidade. Até posso dizer que sim, desde que soframos impacientemente. Mas, saibamos que a Natureza não nos faltou em nada daquelas coisas que ela julgou como necessárias para nós; e saibamos ainda mais que recebemos também uma particular assistência do Céu. Houve muitos homens que nunca quiseram rir, mas nunca se viu um homem que não tenha chorado. Mesmo aquele para quem a vida sempre foi motivo de risos, Demócrito<sup>33</sup>, chorou quando nasceu. Certamente não existe a pessoa que possa se gloriar de nunca ter sofrido; está por nascer essa pessoa que possua a vantagem de ser isenta de dor e de pena.

<sup>33</sup> Demócrito de Abdera (c.460 a.C.-370 a.C.) ficou conhecido, durante o Renascimento, como o “filósofo que ri”, devido às anedotas ligadas a ele segundo as quais costumava rir de tudo, afirmando que o riso tornava o homem sábio.

Disso tiraremos, talvez, motivo para nos espantar: por que o homem, o único dos animais destinado à beatitude, nasce para a pena e para a dor? Por que ele se devota à alegria chorando? Por que, sendo o único capaz de felicidade, é o único capaz de lágrimas? Isso não nos parecerá estranho quando entendermos que ele nasceu para a virtude, a única via para se chegar à felicidade; conseqüentemente, ele nasceu para o sacrifício, que é a matéria de que é composta a virtude; quando entendermos também que o caminho para chegar a ela é todo coberto de espinhos, é cheio de dificuldades e impedimentos. E quantas e quão grandes ocasiões não faltam à Natureza, eu vos pergunto, de agir? Onde haveria ocasião se não houvesse miséria? De que serviria a constância? Qual a glória que ela nos daria se não sofrêssemos mal algum, se a vida não fosse cheia de calamidades e desgraças? Quem seria liberal e caritativo se não houvesse pobres? Enfim, para mostrar a força dessa verdade a apoiaremos sobre a mais potente das provas: se os homens não fossem mortais, como adquiririam a imortalidade desprezando a morte? Eis onde se ajusta mais precisamente a relação entre o homem e o pássaro. Este, deixando a terra, se eleva o mais alto que pode no ar, de forma que parece que seu voo tem por único objetivo o Céu mesmo, e vivendo nas regiões que são mais próximas do Céu, como se estivesse na sua verdadeira morada, não desdenha de lançar os olhos sobre aquilo que está por baixo dele; o pássaro também vendo, às vezes, que sua força está acabando e que seu voo se estendeu por demais, desce e se aproxima de nós, sem jamais se esquecer do instinto que tem de se elevar, não buscando, com isso, lugares mais eminentes ou se esquecendo que seu elemento não é a terra. O homem, como o pássaro, nasceu para o Céu, olhando o mundo como um objeto bem abaixo de sua ambição, e considerando a dignidade do tempo para o qual anseia a partir de seus sacrifícios, como o pássaro a partir de suas asas. Sem mentir, a Providência se mostrou maravilhosa ao nos impor a necessidade de uma coisa cuja excelência sozinha seria suficiente para nos solicitar os desejos e que é tão vantajosa para nossa natureza quanto inseparável dela. Isso não deveria ser o bastante para nos fazer amar a paciência? Um Doutor Árabe<sup>34</sup> teve razão ao dizer que ela se mensura pelo bem e utilidade que dela recebemos. E a experiência justifica suficientemente que o sacrifício nos foi necessário para que a vantagem que o acompanha nos fosse infalível. Assim, quando a Fortuna se debruçar em favor de alguém, tornando-o mestre de tudo o que ela possui de bens e sem temor de empobrecer, tornando-o rico; quando ela passar para ele até a última gota de prodigalidade, não duvidemos de que essa pessoa tão feliz não tenha visto nem uma vez sequer sua vida reduzida ao sofrimento; e que na abundância e na plenitude de todas as coisas ela não tenha encontrado algum sofrimento. Haverá uma prova mais evidente do que a extremidade na qual caíram, um dia, dois dos mais poderosos Príncipes do mundo, Dário<sup>35</sup> e Pompeu<sup>36</sup>, o extremo de não possuírem nem mesmo uma gota de água para matar a sede, de se verem, então, inutilmente donos de tantos rios? O Grande Alexandre<sup>37</sup> não pode nem mesmo, algumas vezes, se proteger do frio, mesmo sendo possuidor absoluto do Oriente e estando sempre como se na casa do Sol; ele teve em seu

<sup>34</sup> No original latino, Nieremberg também fala genericamente de um árabe, mas não menciona nome.

<sup>35</sup> Apesar dos vários personagens da história persa com o nome Dário, dado o contexto do argumento nieremberguiano, é evidente que está tratando de Dário I, o Grande (550 a.C.-486 a.C.), que foi o terceiro rei do Império Aquemênida.

<sup>36</sup> Trata-se de Pompeu, o Grande (106 a.C.-48 a.C.), general e político romano que compôs o Primeiro Triunvirato, juntamente com Júlio César (100 a.C.-44 a.C.) e Marco Licínio Crasso (115 a.C.-53 a.C.).

<sup>37</sup> Trata-se de Alexandre III, da Macedônia, conhecido como Alexandre, o Grande (356 a.C.-323 a.C.).

poder o princípio e a fonte do calor; e sua dominação foi tamanha que a única coisa que lhe era possível era impedir que este Astro trouxesse o dia para o Universo, todo o resto lhe parecia possível.

Mas, apesar de a necessidade de sofrer nos ter sido soberanamente imposta pela Natureza, apesar de esta ser a mais rigorosa condição e a lei mais absoluta a que ela nos submeteu, é de extrema importância para nós, segundo o pensamento de um Filósofo<sup>38</sup>, *que nos acostumemos a sofrer voluntariamente, a fim de formar em nós o hábito de sofrer sem pena aquilo que sofremos por necessidade*. Assim, vemos o bastante que o remédio infalível contra os sofrimentos depende puramente de nós; por mais difíceis e duros que seja, a prática os torna fáceis de serem suportados, graças ao costume. E verdadeiramente, como as mordidas dos animais venenosos só são curadas pela aplicação mesma de seu veneno, assim também nós encontraremos um tão salutar antídoto. Os sacrifícios sofridos voluntariamente e de nosso bom grado adoçam e temperam aqueles que devemos suportar necessariamente. Mas esta lei natural não nos seria difícil e não sentiríamos repugnância por ela, se guardássemos algumas regras e medidas no sofrimento, se não nos fizessemos mais infelizes do que realmente somos. Porque é certo que nossa miséria cresce bastante por nossa própria falta. Outro Filósofo teve muita razão em dizer que *sofremos, em parte, porque ignoramos a verdadeira maneira de sofrer*<sup>39</sup>. Aqueles que são os mais felizes devem curiosamente se instruir das misérias desta vida, para terem a vantagem de as conhecer e sofrê-las com menos dificuldade caso aconteça de serem acolhidos por elas e se lhes for impossível evitá-las. E, para falar seriamente, o que poderíamos fazer de mais razoável do que nos tornarmos sabedores do estado e das condições de nossa natureza? O que mais poderíamos fazer do que aprender que somos sujeitos à morte? Do que mais poderíamos tirar uma vantagem tão grande do que desta meditação tão salutar? Trabalhem, portanto, para adquirir uma ciência tão útil e tão necessária, desacostumando-nos da reverência que temos pela Fortuna, aprendendo a suportar seus flagelos de tão bom coração como se os tivéssemos desejado.

Sem dúvida um excelente meio de nos instruir na paciência é causar em nós mesmos sofrimentos voluntários; ou, se nossa coragem não nos permite chegar até a este ponto, pelo menos esperar constantemente aquilo que nos é necessário sofrer. Mas, trata-se de algo maravilhoso que as tristezas sendo, como são, tão frequentes na vida, que se possa quase contá-las por horas e momentos, sejamos acolhidos por elas antes que nos imaginemos capazes de chegar a elas. Nós só acreditamos que somos miseráveis quando a presença mesma de nossa miséria não nos permite ter nenhuma dúvida disso. É preciso, pois, nos prepararmos para o sofrimento dos males necessários, impondo-nos a sofrê-los de bom grado. Mas prestemos atenção de, nesse ponto, no aviso de Demócrito, que acreditava ser inútil aprender a sofrer, visto ser também preciso, ele dizia, necessariamente, que soframos e que, por meio disso, não aprendemos a nos proteger dos males. Certamente ele foi sábio e não encontrou nada que tenha sido motivo para o seu riso, tendo motivo justamente nisso. Ele deveria

<sup>38</sup> No original latino, Nieremberg escreve:

*“ElegansPhilosophusinhocEusebiusait:voluntariilabore,necesariisuntlaboribusinposterumeventuris,quosfaciliustolerabilille,quispontesuapraexercitatusinipsisfuerit”*. Trata-se, portanto, de Eusébio da Cesareia (c. 265-339).

<sup>39</sup> No original latino, não encontramos nenhuma referência a este autor. Ao que tudo indica, esse “Filósofo” foi incluído pelo tradutor.

considerar que, ainda que essa aprendizagem não afaste de nós os males, é ela que nos concede, que nos traz este bem tão grande que é fazer com que evitemos as desordens onde a impaciência nos faria cair. Além do mais, é preciso lembrar que se alguém viesse a se formar na constância, a partir do exemplo de nossa fraqueza, aprenderia a se defender dos males da Natureza e da Fortuna; e nós, vendo isso, sentiríamos vergonha de nos vermos incapazes de tirar vantagem para nós mesmos de algo que foi usado por outros. Porque, falando mais claramente, os únicos verdadeiros males são aqueles que a impaciência nos suscita. Todo o resto é inocente para nós e também é incapaz de nos ferir, como se fosse uma espada em sua bainha. Portanto, somente a nossa opinião e a nossa impaciência é que nos fazem mal. Uma e outra atiram esta espada contra nós. E um Filósofo teve razão em dizer<sup>40</sup> que o maior dos males é não poder sofrer o mal. Assim, sem uma tão necessária ciência, ser-nos-á impossível encontrar o repouso na vida; ela é apenas uma contínua matéria de dor e de problemas para quem não tomou o cuidado de se formar o hábito de sofrer.

Acostumemo-nos, portanto, com os sofrimentos, tornemo-los familiares a nós, visto que este é o meio infalível para que eles se tornem fáceis para nós. Imitemos o soldado para quem as constantes escaramuças formam a coragem e conferem a segurança para os grandes combates. Experimentemo-nos através dos sofrimentos suaves, para sermos mais audazes e resolutos quando cairmos nas mãos da Fortuna; quando ela nos atacar mais fortemente e ela empregar todo o seu poder contra nós. A história menciona um homem que, para se tornar sábio na arte de sofrer, colocava um carvão em brasa em seu braço nu, soprando-o sempre para que ele se acendesse, experimentando sua paciência através da dor e querendo saber até que ponto ela poderia ir<sup>41</sup>. Certamente esse pequeno fogo foi capaz de impedir que ele fosse queimado pela ira da Fortuna; esse pequeno fogo o garantiu contra todos os ultrajes que ela lhe poderia causar, no maior ardor de sua ira. Como nossa providência enfraquece e diminui os males, a tentativa que fazemos corrige e tempera sua amargura; dessa forma, eles se tornam para nós, sem dúvida, menos formidáveis. O conhecimento e os hábitos que parece que formamos com eles, arranca de nós o terror e o temor e, conseqüentemente, nos arranca aquilo que nos faz acreditar muito mais sensível e incômodo o que, de fato, não o é. Foi uma má razão aquela que um Sibarita usou para falar da audácia com a qual os Lacedemônios<sup>42</sup> se portavam nos perigos da guerra; quando considerou sua penosa forma de viver e a austeridade dos exercícios a que se dedicavam desde sua infância, ele atribuiu seu valor a uma impaciência de morrer, para se livrar de uma vida que era considerada por eles como uma suplício contínuo; ele deu o nome de covardia ao maior efeito da Virtude. Foi muito injusto ter esse pensamento, foi sinal de muita ignorância não saber que nada nos fortifica mais contra os sofrimentos do que os sofrimentos

<sup>40</sup>No original latino não há referência a nenhum outro autor além de Demócrito de Abdera, já citado anteriormente neste mesmo “complemento”.

<sup>41</sup>No original latino, Nieremberg menciona um certo Salústio que viveu na época de Simplício. Não encontramos, porém, referências a este personagem.

<sup>42</sup>Os espartanos. Tratando dos espartanos, Sahlins (2006) comenta que “simplicidade, austeridade e igualdade deveriam reger o consumo. E nessa sociedade de ‘iguais’ (*homoioi*), uma uniformidade essencial se impunha sobre os objetos da existência pessoal e familiar: casas e móveis, vestimenta e dieta. ‘A luxúria’, diz Plutarco, ‘pouco a pouco privada daquilo que a alimentava e fomentava, reduziu-se a nada e feneceu por si mesma’. Ateneu fala de um certo visitante sibarita que, depois de jantar em Esparta, comentou: ‘Não é de surpreender que os espartanos sejam os homens mais corajosos do mundo; pois qualquer um em sã consciência preferiria morrer dez mil vezes a viver uma vida tão pobre’” (pp. 73-74) (Sahlins, 2006).

mesmos, e que a Paciência é o soberano remédio contra a dor. A constância dos Espartanos não era, portanto, um desespero, como esse Sibarita pensava, mas era uma virtude confirmada por contínuos sofrimentos, com a qual não apenas eles suportavam sem dificuldades os sofrimentos necessários, como também ultrapassavam a dureza do destino; e, por uma morte voluntária, eles triunfavam sobre a violência da morte mesma. O famoso Príncipe<sup>43</sup> que tomando veneno o tornou inocente na medida em que o tornou familiar para si; que evitou o perigo se expondo a ele, se abandonando a ele; e por um milagre do hábito fez com que servisse para o sustento de sua vida aquilo que só poderia destruí-la. Cheguemos a ter uma habilidade como essa, a fim de nos garantirmos contra a malignidade de nossa própria Natureza; endureçamo-nos contra os sofrimentos pelos sofrimentos mesmos. Aquilo que achamos que vai nos perder será o que nos salvará; e faremos a experiência desta importante verdade: que a Paciência é um antídoto que se torna ainda mais excelente e mais salutar pela prática.

Assim, portanto, devemos estar bastante atentos aos sofrimentos ordinários e contínuos, visto que é indubitável que os sofremos; pois isto é instruir suficientemente a paciência; e justifica que eles formam e produzem em nós esta excelente virtude. Os Gladiadores, e outros tipos de gente perdida, que a desumanidade dos Príncipes Romanos sacrificava para o divertimento do povo, quando ainda estavam apenas mediocremente empregados na sua profissão infame, achavam que a constância e a firmeza eram coisas muito boas, de forma que preferiam morrer sob golpes a ter a vergonha de se retirar do combate e deixar aparecer a menor demonstração de dor e de impaciência, até ao ponto de, caídos por terra, todos cobertos de chagas, todos manchados de sangue, esperarem de seus mestres aquilo que desejavam deles. Se eles recebessem a ordem de morrer, obedeceriam sem replicar; apresentavam corajosamente sua garganta ao ferro do inimigo. Não é verdade que não admiramos em nada uma obediência tão exata, uma fidelidade tão inteira em uma coisa tão pouco séria? Não é preciso que, por imaginar que a Fortuna brinca conosco, que ela oportuna e voluntariamente nos causa algum mal, estejamos menos prontos a sofrer, que ela nos encontre menos firmes e menos resolutos até para a enfrentar a morte, se for o caso. O Sábio deve estar pronto, como um corajoso Atleta, a executar as ordens que lhe vêm do Céu. Depois de ter combatido por muito tempo, ele deve perguntar a Deus o que ainda pode fazer por Ele; apresentar-se mesmo à espada ao invés de se afastar covardemente dela; e empregar o resto de seu sangue para testemunhar sua obediência. É um combate sagrado que ele trava contra a Fortuna; ele é dedicado a Deus; ele tem os homens e os Anjos como expectadores. Que ele sofra, portanto, pacientemente, visto ser infalível meio de conseguir uma vantagem sobre esta inimiga. Nos combates de espada, aquele que feriu a mão do seu adversário sendo obrigado a se deixar tocar e não estando, por isso, cansado de receber golpes, foi muito mais glorioso do que aquele que levou a coroa nos jogos Olímpicos. O Sábio deve, assim, vencer todos os esforços da Fortuna; ele a deve deixar por sua paciência. Dessa maneira, não se poderá dizer que a desvantagem do combate seja dele; pois nem o que é ferido é vencido, tanto menos o que é tocado é vitorioso. Foi esse o louvor que mereceu o Famoso Gladiador Melancome<sup>44</sup>, combatendo todos os dias, durante os mais violentos calores do verão,

<sup>43</sup>No original latino, Nieremberg se refere a Mitrídates e, certamente, trata-se de Mitrídates VI do Ponto (132 a.C.-63 a.C.), que foi rei do Ponto e um dos mais bem sucedidos inimigos do Império Romano.

<sup>44</sup>Não encontramos nenhuma referência a este personagem que, segundo se verá na sequência, trata-se de um “famoso gladiador” que será, várias vezes, referido no texto de Nieremberg.

contra dois adversários muito poderosos, um dos quais era o Sol, que parecia estender ainda mais mãos contra ele do que raios, por assim dizer. Tudo o que ele fez foi enfrentar os golpes, sustentando seu esforço, conseguiu vencer um e outro. Podendo vencer pela força, ele preferiu vencer pela paciência; ele acreditou que o mais valente dos homens pode tombar sob os golpes do mais covarde; e não acreditando ser verdadeira vitória aquela onde o inimigo é obrigado a se render sem ser ferido, ele encontrou ainda maior honra na sua vitória, na qual o adversário não foi vencido por suas chagas, mas por si mesmo.

Façamos, portanto, através de um verdadeiro movimento de virtude, aquilo que pessoas de nada, almas servis, que não têm os sentimentos de honra tais como os que temos, só fazem por maus princípios. Aquilo que a falsa paciência pôde fazer com eles, a boa, a legítima certamente fará melhor por nós. Aquilo que um Gladiador<sup>45</sup> fez apenas com sua força do hábito, façamos o mesmo com a luz da razão; e aquilo que ela produziu num Estoico, esperemos o mesmo plenamente da Graça<sup>46</sup>. Não duvidemos que dela recebemos uma tão grande assistência, nem mesmo que tantos excelentes homens também a receberam, ou tão corajosos Atletas a quem ela se comunica tão abundantemente. Nossa miséria é a matéria mais comum onde ela encontra prazer em se derramar; onde ela faz suas mais abundantes efusões; que foi, se pode dizer, seu objeto de estudo, aquilo no que ela mais se exercitou; e que, por frequentes tentativas dela, ela chegou à perfeição, ela produziu, finalmente, sua obra-prima. Para vocês, tratar-se-á do fato de ela nos arrancar nossos males ou de ela nos ter dado força para suportá-los? Foi dessa segunda maneira. De outra forma, que honra, que vantagem teria ela de empregar sua potência contra nossa enfermidade? Experimentar sua força contra nossa fraqueza? Ela age em nosso espírito, da mesma forma que agiria em um sujeito livre e, conseqüentemente, mais nobre e mais digno da excelência de suas funções; ela o assegura contra os esforços e as falhas da má sorte; ela o fortifica contra as dores e, sem dúvida, obtém muito mais glória agindo sobre ele do que contra ela.

Se, para nós, é difícil praticar um tão duro meio de nos instruir à paciência, eis um do qual poderemos nos servir com facilidade. Esperemos com constância e de pés firmes os males, por maiores que sejam, por estranhos que nos pareçam, sem medo algum: a segurança com a qual nos os veremos vir assustará a metade deles; corrigirá o sabor e amassará a ponta. Mas se nós nos fixarmos nas vãs promessas da Fortuna, a que sempre nos deixamos levar, por mais que continuemos a nos lamentar e a maldizer, por mais que, para falar a verdade, ela nos construa torres perigosas, as tristezas sempre nos tomarão de improviso e nos destruíram pela sua vinda repentina. Não pensemos que seja preciso sofrer muito a fim de evitá-las; sem nos colocarmos diante delas, acabaremos as esperando, as vendo vir e, para uma segurança maior do que dissemos, acabaremos sempre esperando os eventos que são contrários à nossa expectativa, porque o que vemos mais ordinariamente, eu vos pergunto, do que os sucessos que não respondem às nossas esperanças e a nossos desejos? Certamente não há dia que não nos traga penas, ou nos quais não tenhamos que, no mínimo, combater os desígnios que a Fortuna tem de nos causar mal. Sendo assim, não é estranho que a fraqueza de nosso corpo, querendo todos os dias ser reparada e sustentada pelo alimento, seja regularmente

<sup>45</sup> Trata-se de Melancome.

<sup>46</sup>No original latino, Nieremberg se refere a Posidônio (c. 135 a.C.-50 a.C.), político, astrônomo, geógrafo, historiador e filósofo adepto do Estoicismo.

atendida por horas de dedicação, e no entanto não dedicamos nem um minuto sequer às limitações de nosso espírito, contra as dores que ele sofre e contra as quais não temos que nos defender por apenas um dia, mas por toda a nossa vida? Consideremos um pouco de quantos diferentes um homem sozinho faz a sua mesa, e como apenas uma de suas refeições tem e consume mais coisas do que a superstição do Paganismo empregava no mais solene de seus sacrifícios. Que loucura é essa a nossa que nos leva a preparar com tanto cuidado aquilo que as Volúpias possuirão, de buscar com tanta curiosidade o uso de delícias que sabemos bem não nos chegarão todas as vezes que quisermos; e sermos tão negligentes no nos fortalecermos contra os males, mantendo-nos seguros, como devemos ser, de que é necessário que soframos os males frequentemente e quando menos pensamos neles, pois podemos sofrer de repente? Quem não se assusta com a repentina aproximação de um poderoso e cruel inimigo, de quem já sentiu várias vezes a ira? Quem, pelo contrário, ao inopinado encontro com um amigo fiel e generoso sente desgosto e confusão? Certamente que nossa cegueira é extrema, quando sofremos dia e noite procurando novas delícias e nunca nos ordenando na preservação dos males. Como não há nada de mais ordinário para nós do que comer e dormir, sempre temos muita atenção nessas tarefas para que sejam agradáveis de se realizar; porém, não cuidamos do fato de que nos é ainda mais ordinário sofrer. Trabalhamos sem cessar para o sustento de nosso corpo e não pensamos nunca em suportar a enfermidade de nossa própria natureza. Por que não nos dedicamos para que não tenhamos motivo para sofrimento? Sem dúvida a moleza e a ociosidade nos tornam mais sensíveis à dor; e não há dor mais doida do que aquela que não foi experimentada antes. Um homem sentado pode ser tanto mais abatido que é como se estivesse meio caído; e aquele que seu inimigo surpreende caído por terra perde, por essa desvantagem, todos os meios de se defender. Assim, não duvidemos que se a Fortuna nos encontra repousando, nos encontra sentados, ela terá muito mais facilidade de nos causar algum mal. Que ela nos encontre, portanto, de pé e acostumados a sofrer. Além do mais, é preciso lembrar que dessa forma estaremos melhor preparados para resistir a ela, evitaremos o inconveniente que a ociosidade causa depois dela, de nos atormentar pela nossa própria impaciência, e de nos paralisar de dor em meio às delícias e às Volúpias.

Certamente, quando penso nas desordens que a impaciência causa em nosso espírito, quando faço uma imagem ingênua disso, não consigo pensar numa maneira mais adequada de atingir meu objetivo do que a comparando a Efialtes<sup>47</sup>; àquela obstrução do estômago que nos atinge quando dormimos, por causa dos vapores que a indigestão faz se elevar dentro dele loucamente e que, enchendo-o com violência, fazem com que nos parece estar carregando um fardo pesado e dão a uma imaginação a força de uma verdade. Não há homem que nunca tenha sentido, alguma vez pelo menos, a pena que causa esta curta doença. Porque, a fim de que, no estudo que estamos fazendo de nossa miséria, aprendamos bem até onde se estende seu alcance e, dessa forma, saibamos que nosso repouso mesmo tem seus incômodos; tanto que é indubitável que devemos praticar todo um outro meio para nos garantir contra os males; outro meio que não seja a resistência ou a fuga, visto que só de pensar nos males que nos alcançam quando estamos dormindo já nos damos conta de que é quase infinito. Para falar a verdade, é mesmo no sono que isso nos acontece; e nosso sofrimento é tamanho que nos

<sup>47</sup>Trata-se do nome de diversos personagens da mitologia grega. Porém, nesse caso, Nieremberg está tratando do *daimon*, ou espírito dos pesadelos. No original latino, Nieremberg escreve: “Aestimo impatientiam esse vigiliae incubonem, atque ephialtem vitae”.

faz lamentar tão alto e nos atormentarmos tanto como se estivéssemos sempre diante de um perigo iminente, como se estivéssemos sempre a ponto de nos tornarmos presa de uma besta selvagem. Às vezes, parece que estamos caindo em um precipício. Às vezes, parece que estamos sendo engolidos por abismos no mar. E a agitação que nos causa o medo desse perigo imaginário é tão grande que, mesmo quando despertamos, e descobrimos que era um erro, continuamos tremendo, sentimos dificuldade em nos assegurarmos outra vez<sup>48</sup>. Mas o pior é que nos atormentamos inutilmente e nossos esforços para nos desfazermos desse fardo são tão vãos como os fardos mesmos. É preciso dizer mais? Há momentos em que parece que vamos correr sem parar; há momentos em que gritamos com toda força que temos; mas, de repente, as pernas se cansam e a voz nos falta. Quem poderia dar uma imagem mais ingênua dos efeitos da impaciência? Principalmente quando ela age num espírito adormecido nas delícias e na preguiça. Sem ter outro fardo que aquele de sua própria fraqueza, o espírito adormecido tenta se desfazer desse fardo, chora, grita, atormenta-se; e fazendo isso, sobrecarrega-se ainda mais, ao invés de se aliviar. Todas as dificuldades que sofrem os impacientes vêm do fato de não quererem sofrer; mas se eles acordassem de vez em quando e voltassem a si, e se resolvessem a querer aquilo que é preciso necessariamente querer, aquilo que nos é impossível evitar, sem dúvida o fardo que os incomodava se desfaria e eles se encontrariam, a partir de então, curados de sua doença. Trata-se de conhecer mal a Fortuna pensar que a podemos vencer com a força. Só conseguimos vencê-la, seguramente, através da paciência. Através dela, tornamo-nos tão poderosos e, por assim dizer, tão robustos, que podemos muito bem dizer que nos é muito fácil suportar todas as coisas, valendo-nos apenas de nossa vontade. Sansão<sup>49</sup> derrubou as portas da cidade onde os Filisteus acreditavam que o manteriam preso. Sua força consistia em seus cabelos, da mesma forma que a força de Ptérela e Niso<sup>50</sup>. Para falar a verdade, a forçaera muito grande, no entanto, não era uma força da qual pudessem se assegurar plenamente. Aquele que sabe sofrer com constância tem, dentro de si, o título e a prova de uma força bem maior; ele carrega tudo o que quer e, para falar mais razoavelmente, para ele é como se a paciência fosse seu ombro. Assim, nosso espírito não precisa nem de máquinas ou de outros artifícios para suportar algum sofrimento, alguma calamidade que lhe chegue. Sua força está toda nele mesmo e ele não precisa procurá-la em outro lugar.

<sup>48</sup> Videl, no texto publicado na França, omitiu alguns versos da obra *De Rerum Natura*, do poeta latino Tito Lucrécio Caro (99 a.C.-55 a.C.), citados por Nieremberg, oferecendo para o leitor francês uma adaptação da poesia, mantendo o sentido dado pelo jesuíta espanhol: “*Tollunt clamorem, quae si iugulentur. Et rursus idem Lucretius ait: Multi depugnant, gemitusque doloribus edunt, / Et quae Pantherae morsu, saevive leonis / Mandantur: magnis clamoribus omnia complent. / [...] Multi mortem obeunt: multi de montibus altis, / Ut quae praecipitent ad terram corpore toto, / Exterrentur, & ex somno quae mentibus capti / Vix ad se redeunt permoti corporis aestu. Ad haec maior omnium moléstia est sine spe remedii irritis conatibus conari in imaginem ponderis. Nec quicquam ávidos extendere cursus / Velle videmur, & in mediis conatibus agri / Succidimus: non língua valet, non corpore notae / Sufficiunt vires: nec vox, aut verba sequuntur*”. Toda a citação é tirada do Livro Quarto da obra de Lucrécio.

<sup>49</sup> Segundo o livro de Juízes (capítulos 13 a 16), Sansão foi o décimo terceiro juiz de Israel, tendo assumido esse posto aproximadamente entre 1177 a.C. e 1157 a.C. Segundo o relato bíblico, Sansão era portador de uma força sobre-humana, cuja fonte eram seus cabelos.

<sup>50</sup> Sabemos que ambos são personagens da mitologia grega: segundo o relato da vida de Hércules, Ptérela era o Rei de Tafos; enquanto que Niso era o Rei de Mégara, traído por sua filha Sila apaixonada por seu maior inimigo, o Rei Minos. Não encontramos, porém, nos relatos acerca desses dois personagens, nenhuma menção à força deles e sua origem nos cabelos.

De resto, os sofrimentos são também necessários, se não for para o bem daquele que sofre, pelo menos que seja para a instrução daqueles que ainda vão sofrer. E, assim como um bom Cidadão se expõe voluntariamente à morte pelo bem do Estado, sem dúvida, podemos dizer que, por essa via – não desculpando nosso sofrimento –, ensinamos aos outros a maneira como se deve sofrer: nosso exemplo é de utilidade pública, excita a coragem e a emulação nos outros, faz de nós objetos de imitação quanto a este fundamento infalível, que é saber que aquilo que se sofreu uma vez pode ainda ser sofrido, mas sofrido com mais paciência do que antes. Assim como a sabedoria da Natureza que fez o bambu com nós que se espaçam uns dos outros regularmente para que, assim, sua durabilidade seja maior e sua fraqueza reparada, também a Providência e a sabedoria eterna tornaram firme e fortaleceram nossa enfermidade natural, suscitando-nos, de tempos em tempos, excelentes modelos de paciência, de quem pudéssemos aprender a suportar com constância a miséria de nossa condição; até a vinda daquele que sozinho foi capaz de reparar e plenamente sustentar essa mesma condição, pelo mérito infinito de sua morte e de seus sofrimentos<sup>51</sup>. No entanto, a fim de que nunca faltasse no mundo exemplos de paciência, ele deu ordem de que a sua fosse sempre soberanamente representada no mundo através daqueles que ele honrou com o nome de seus enviados e de seus Precursores; ele quis que Abel<sup>52</sup> carregasse o mais eminente dos títulos. Ele o consagrou à inocência desse primeiro justo, por direito de origem, como princípio, e o transmitiu aos outros por privilégio, como se fosse uma rica herança da qual cada um deles teve uma parte igual; tendo querido que, por uma graça particular ligada a esta sucessão, eles tivessem que sofrer menos, pela consolação, que eles sofressem injustamente e que o rigor de seu sofrimento fosse moderado e atenuado pela alegria que lhes daria sua inocência<sup>53</sup>. As calamidades dessa vida começam com a vida mesma. Elas se produziram no primeiro homem como se numa terra ingrata e infeliz; foram os frutos de seu pecado; mas, para que o remédio não estivesse distante do mal, a rebelião de Adão é que inventou os sofrimentos, mas a inocência de Abel deu início ao uso da paciência. Certamente, ela é a mais preciosa riqueza dos justos; eles não têm nada de mais caro, de mais agradável, do que sofrer com constância. Mas, não sejamos injustos com aquele que nos parece ser, aqui, o primeiro e o mais nobre exemplo dessa verdade, pensando que o mérito de sua paciência recebeu alguma diminuição pelo clamor de seu sangue, que subiu até ao Céu e se derramou no tribunal de Deus mesmo. Por que sua aparência teria sido favoravelmente recebida, e ela teria encontrado suporte e proteção se ela estava cheia de agruras e de impaciência? Não podemos dizer, de forma alguma, que Abel, sendo o primeiro dos homens a morrer injustamente, tenha sido aquele a mostrar, por isso, os fundamentos do Império da morte como infelizes e frágeis, já que, apesar dela, ele ainda vive e fala por seu sangue que não cessa de gritar por vingança<sup>54</sup>. E como não poderiam ser frágeis sendo que estão estabelecidos sobre a injustiça e nada mais, sendo que a morte adquiriu poder sobre o mundo exatamente por esse motivo, entrando e reinando no mundo só por causa do pecado? Ela poderia muito bem se lamentar de ter dado seu

<sup>51</sup> Trata-se de Jesus Cristo.

<sup>52</sup> Segundo o relato bíblico, do Gêneses, Abel é filho de Adão e Eva.

<sup>53</sup> Nesse trecho do argumento, Nieremberg refere Santo Adelmo (639-709) como sendo o pensador que desenvolve a ideia de Abel como precursor da inocência.

<sup>54</sup> Aqui, Nieremberg cita o Arcebispo Pedro I de Alexandria (?-311) que, em uma de suas cartas, desenvolve este argumento de Abel fundamento dos justos.

golpe de forma muito inábil, tendo podido mais felizmente tê-lo deixado cair sobre Caim, justificando dessa forma o primeiro ato de seu rigor, exercendo-o sobre aquele cuja malícia tornava o golpe bastante digno, cujos pensamentos e premeditações do crime o declaravam suficientemente culpável. Mas, não foi sem mistério que ela errou dessa forma, visto que, por uma feliz necessidade de nossa salvação, é preciso que, para dar lugar ao efeito da condenação que lhe foi pronunciada, ele tenha feito morrer um justo; dessa forma, ela se tornou criminosa, para que ela mesma pudesse morrer pela mesma morte daquele em quem reside a soberana justiça. Ela gritou também, no início, por um secreto presságio de sua derrota segura, o mesmo que Heron gritou vendo partir da mão do caçador a ave de que ele seria a presa<sup>55</sup>. Portanto, ela morreu naquele contra quem ela não tinha nenhum poder, já que seu poder vem do pecado, do que ele, porém, era soberanamente isento.

Ao exemplo de Abel se segue, num intervalo justo, o de Jó<sup>56</sup>, que, por inocente e feliz que fosse, nunca acreditou que sua felicidade fosse perfeita se não vivesse alguma paciência, se ela não fosse revestida e decorada por um tão precioso ornamento. Certamente que ela só se encontra com maior satisfação e alegria entre os bons e os inocentes; é muito raro encontrar a justiça e a probidade entre as riquezas, entre as pompas e no luxo. Foi necessário que a constância desse homem excelente brilhasse mais pela sua adversidade; foi necessário que a perda de todos os seus bens, colocando sua paciência diante de uma última provação, a trouxesse à luz do mais belo dia, a fizesse aparecer no seu mais belo lustre. Assim como a virtude não saberia subsistir, não saberia viver sem o sofrimento – que é seu alimento natural –, sem dúvida alguma a paciência é tão mais obrigada e incomodada pelas delícias do que pela falta de alimento, por estar fora do seu elemento. É por isso que ela é a partilha das pessoas de bem. Um dos amigos de Jó certamente teve razão em lhe dizer que as aflições não vêm da Terra. Não é menos justo acreditar que, às vezes, elas vêm do Céu, elas partem de onde procedem os dons e as graças. Isso pode ser mais bem justificado pelos sacrifícios e sofrimentos dos bons e dos inocentes, daqueles que, estando ainda encerrados num corpo mortal, vivem como se já estivessem separados dele e livres, não se apegam quase nada à Terra e não se ressentem das enfermidades dessa vida<sup>57</sup>.

Depois de Jó – e num outro espaço de tempo – veio Tobias, que acreditou não ter nada de mais soberano para praticar do que a paciência na tristeza da cegueira que as andorinhas lhe causaram<sup>58</sup>. Não seria esse um remédio muito mais excelente do que aquele que a Natureza faz com que esse tipo de pássaros busque quando uma enfermidade parecida lhes aflige? Por maior que tenha sido o mérito de sua caridade ao levar os mortos para a tumba, a glória de sua constância foi ainda maior por suportar a

<sup>55</sup>No original latino, Nieremberg não menciona nenhum Heron, mas coloca esse mesmo argumento na boca de Santo Efrém (306-373), como se ele o tivesse contado, mas não refere o nome do personagem.

<sup>56</sup>Nieremberg cita os discursos de Elifaz a Jó (Jó 4; Jó 15 e Jó 22).

<sup>57</sup>O parágrafo termina, na verdade, assim: “Exemplo ipso suo alexicacum universi mali patientiam ostendit atque Cyrenaicum Silphium animorum. Optime quidam ad Iesum”, referindo uma planta típica de Cirene, o sílfio, uma erva medicinal extinta, que ilustrava as moedas que circulavam na cidade; e, ao final, deixa claro que, em matéria de paciência, ninguém se iguala a Jesus. Inclusive, o parágrafo, no original latino, se estende um pouco mais do que a versão oferecida por Videll, mostrando as relações entre paciência e obediência encarnadas no Verbo Divino.

<sup>58</sup>O autor se refere, na verdade, a Tobit, pai de Tobias. Segundo o relato bíblico (Livro de Tobias), Tobit fica cego depois que lhe caem fezes de andorinhas nos olhos (Tob 2, 11).

perseguição dos vivos<sup>59</sup>. Por um necessário efeito de sua inocência, ele foi o digno emulador da paciência de Jó. Ele instruiu o mundo através de suas penas e de seus sofrimentos, até a vinda daquele que, querendo nos conceder a graça de sofrer por nós, se revestiu de nossa Natureza, a fim de realizar seu desígnio, tomando nossa carne para se tornar passível<sup>60</sup>. Certamente, não nos seria necessário um motivo menor de imitação, para que formemos nossa paciência; e precisaríamos ser excitados pelos sofrimentos voluntários do Salvador do mundo, a não ter repugnância por aqueles sofrimentos que a fraqueza de nossa natureza nos impôs necessariamente. Ele quis nos ensinar, por meio de seu próprio exemplo, que a Paciência é o antídoto raro e geral contra nossos males, o lenitivo de todas as dores do espírito e, como ele disse de si mesmo, *o bálsamo salutar e divino que dá inteira cura a todas as chagas*. Não era para este mistério que a antiguidade visava, nas trevas de sua ignorância, quando, buscando um perfeito modelo de virtude, por meio de quem a natureza humana pudesse se instruir no sofrimento, e não encontrando nada sobre a face da Terra que não fosse tão inferior à ideia que ela havia concebido, ela fez descer do Céu o filho de um Deus, sob o nome de Hércules, em que se encontrasse uma constância invencível; tendo estendido a liberdade que ela se deu de o fingir até ao ponto de cumprir todos os dons e todas as vantagens que ela pudesse desejar? Ela acreditou que, ainda que os sofrimentos sejam contraditórios e repugnantes para a perfeição da Natureza divina, eles não são, no entanto, indignos. Ela acreditou que era mais necessário nos propor os sofrimentos de um Deus, que nos imporiam uma dupla obrigação de suportar com constância os nossos – seja pelo mérito que há de sofrer, seja pela dignidade da pessoa que nos será proposta para nos mostrar o exemplo. Graças à soberana causa de todos os nossos bens, esse fingimento deu lugar à Verdade. Nós tivemos essa real e perfeita virtude na sagrada pessoa de JESUS CRISTO, que nos tendo deixado o exemplo de sua paciência, nos deu o Soberano remédio para todas as nossas enfermidades. E o que mais poderemos esperar daquele cujos ensinamentos, como todas as suas outras ações, só respiraram doçura? Daquele que, para o dizer em uma palavra, foi a doçura e a benevolência mesmas? São esses excelentes homens, esses Heróis, a quem é justo e necessário imitar; e não seus exemplos imperfeitos que o Paganismo nos deixou, de uma constância falsa ou certamente limitada, de quem pode sofrer muito, mas não por si mesmos. Em verdade, por mais razões que tenhamos para estimar tão altamente esse Filósofo<sup>61</sup> cujos sentimentos são, às vezes, tão conformes às máximas e à pureza da doutrina Cristã que parece que ele os tirou da mesma fonte de onde a doutrina Cristã veio, não há desculpas que justifiquem a morte de Catão como sendo devida ao mais alto efeito da verdadeira constância e de ter sido tão injurioso contra a virtude a ponto de ser honrado tão

<sup>59</sup>Segundo o relato bíblico, Tobit, ao saber por Tobias que “um dos filhos de Israel jazia degolado na praça”, levantou-se para dar sepultura ao defunto, como já havia feito antes, tendo sido objeto de críticas e, por pouco, tendo escapado da sentença de morte. Sabe-se que, na ocasião em que se passa o relato, Tobit era exilado em Nínive: “Quando o rei Senaquerib, fugindo da Judéia ao castigo com que Deus o ferira por suas blasfêmias, mandou assassinar, na sua ira, um grande número de israelitas, Tobit sepultou os seus cadáveres. Denunciaram-no ao rei, que o mandou matar e confiscou todos os seus bens. Tobit, porém, despojado de tudo, fugiu com seu filho e sua mulher e, como tinha muitos amigos, conseguiu permanecer oculto” (Tob 1, 21-23).

<sup>60</sup>Trata-se de Jesus Cristo.

<sup>61</sup>No original latino, Nieremberg escreve:

“*Reiicio omnino, quod proposuit Seneca, alioquise peverus, interdum Christianus, Catonis exemplum*”. Trata-se, portanto, de Sêneca.

religiosamente por todos, por tê-la feito partícipe de uma ação tão cheia de fragilidade e de desespero<sup>62</sup>. A que título, eu vos pergunto, pode-se ter como constante aquele que foi abatido com o mesmo golpe que derrubou a República? Aquele que não tinha mais coração, tão logo a República não tinha mais liberdade? Certamente, isso é apenas uma glória ilegítima, uma reputação vã e sem fundamento, acerca de uma constância que só foi sustentada sobre a prosperidade da Pátria, de uma grandeza de coragem que não conseguiu suportar o objeto presente de suas calamidades. Eu confesso com ele que o combate de um homem magnânimo contra a má sorte é uma ocasião que merece atrair os olhos de Deus mesmo; é um espetáculo digno de que Ele se distraísse um pouco de suas obras para olhar. Mas, o que se pode pretender de semelhante num caso como este? O que encontramos em Catão que não possa ser encontrado em Sardanápalo<sup>63</sup>, ou entre os mais frágeis, entre os mais covardes dos homens? Se nós os considerarmos após a desolação de seu país, quando só um casebre restou em meio às ruínas públicas, compreende-se como ele mesmo é o motivo de sua queda; ele caiu sem ser empurrado por ninguém; aquele de quem admiramos tanto a coragem, testemunhou menos do que as crianças e as mulheres – que normalmente caem de medo quando, por exemplo, alguma coisa faz barulho e não lhe causa mal algum. Mas, não credes, poder-se-á dizer, que, estando de tal maneira encurralado pelo inimigo, os meios de escapar lhe tenham igualmente sido tirados – pelo mar ou pela terra – a ponto tal que ele tenha tido o coração de abrir para si um caminho tão difícil para se subtrair da tirania e se salvar de uma prisão tão estreita? É uma bajulação através da qual pretende-se desculpá-lo; mas, exatamente por causa disso, ele é sobrecarregado, se torna ainda mais culpado; é como querer dar a uma fuga as cores de uma justa retirada; é como revestir uma covardia com as aparências de uma boa ação. Ele fugiu das mãos, não tendo conseguido fugir dos pés. O que importa da forma como foi, visto que sempre vai se tratar de uma fuga? A diferença não é fazer ou não fazer a coisa, ela está na maneira de fazê-la. A indústria de sua fuga não o desculpa em nada, não apaga a censura. Isso foi a invenção de sua fraqueza, que sugeriu isso a ele em meio à absoluta impossibilidade de fugir de outra maneira. Mas, o que pode temer aquele que tão frequentemente teve alguma coisa contra a Fortuna? Foi ela mesma quem deu motivo para que ele ficasse apreensivo. Será possível que ele não a conhecia, tendo estado tantas vezes em suas mãos? Seguramente, ele a conhecia, mas ele abusou dessa falsa persuasão, que ela mudaria como é seu costume. Ele fundou sobre sua ligeireza a esperança de sua salvação. Mas, vendo que contra sua expectativa, ela se ligava firmemente a ele, ela não o largava de forma alguma, ela se obstinava por sua ruína, ele entendeu que este era o derradeiro golpe, vindo muito mais de uma deliberação do que de um capricho, e necessariamente

<sup>62</sup>Lúcio Aneu Sêneca (4 a.C. – 65 d.C.), em *Sobre a tranquilidade da alma* (XVI, 1-4), escreve: “Vem em seguida uma consideração que muitas vezes, e não sem motivo, entristece nosso espírito e o mergulha na maior inquietude: quando vemos pessoas de bem acabarem mal – Sócrates constringido a morrer prisioneiro; Rútílio a viver no exílio; Pompeu e Cícero a se entregarem aos seus clientes; e Catão, este Catão, enfim, viva imagem da virtude, reduzido a testemunhar publicamente, atirando-se contra sua espada, que a República perecia ao mesmo tempo que ele. Como não se afligir com a ideia de que a fortuna paga tão injustamente os méritos dos homens? E que esperar para si mesmo, quando os melhores dentre eles são os mais maltratados?”. Trata-se de Marco Pórcio Catão (95 a.C. – 46 a.C.), que foi um político romano e filósofo adepto da escola estoicista. Segundo se conta, Catão, negando-se a viver em um mundo governado por César, suicidou-se, segundo a crônica de Plutarco, jogando-se contra sua própria espada.

<sup>63</sup>Em português é mais conhecido como Assurbanípal (c. 690 a.C. - 627 a.C.), que é considerado o último grande rei dos assírios.

interessado em sua perdição; assim, ele quis se reservar pelo menos esta miserável vantagem de se tornar o instrumento de sua própria perdição, a fim de receber um tratamento menos rude do que aquele que ele podia esperar dela; e por um conselho de sua delicadeza elegeu a morte como o menor dos males que ele cria lhe poder atingir. Mas, essa é uma constância muito fácil de suportar: a constância que escolhe e que faz dela mesma a matéria de seu exercício. Houve suficiente resolução para sustentar as ligeirezas da Fortuna e para não se deixar vencer pelos repentinos movimentos de sua cólera. Mas, ele não pôde se defender contra o seu ódio. É ser mediocremente corajoso rejeitar os arrebatamentos e as impetuosidades de seu adversário. Mas, é ser valente até o mais alto grau sustentar os mais grandes esforços e os sustentar por bastante tempo. Catão, como um covarde e um Atleta vil, fugiu da luta não somente sem ter vencido a Fortuna, mas sem nem mesmo a ter tirado do jogo; e sua infâmia cresceu ainda mais por causa da vaidade que seu inimigo teve de mostrar suas armas e suas forças todas e não ter recebido o menor ferimento. Que razão poderá haver aí para nomear como constante um homem que foi muito menos constante do que aquela que podemos chamar a inconstância mesma? Que razão poderá haver aí para estimar um Filósofo que desonrou tão fortemente este nome? Um Filósofo que ultrapassou, pela prontidão de sua fuga, a ligeireza de todos os movimentos da Fortuna<sup>64</sup>. Há ainda menos mérito o nome de justo, tendo feito uma tão grande injustiça contra a virtude, ao acreditar que haja alguma coisa pela qual o sábio deva renunciar à vida. Se, em lugar de ler o livro que Platão escreveu sobre a morte de Sócrates, ele tivesse visto aquilo que foi escrito por um outro Filósofo, que buscou em fontes melhores e tirou esta instrução, segundo a qual não há nada de tão digno que possa obrigar o Sábio a tirar a própria vida. Como é que, disse este Filósofo, aquele que se elevou por um generoso desprezo acima da Fortuna e dos acidentes humanos, renunciando à vida por causa deles, e, por causa disso, sustentando-os como males, estará de acordo consigo mesmo a ponto de não reconhecer como mal aquilo que não é honesto?<sup>65</sup> Se Catão tivesse aproveitado bem da comunicação que seus estudos lhe haviam permitido ter com Sócrates, ele teria aprendido dele que é uma extrema covardia se desfazer por suas próprias mãos, e que o soldado é um criminoso quando deixa seu posto sem a ordem daquele que o colocou ali. Louvar sua constância, depois disso, não seria prostituir ao vício os elogios da virtude? Não seria pecar com uma extremada ignorância tomar por generoso, por um valente Capitão, como o fez o seu Panegirista, aquele que teve menos coração e bravura do que um franzino e infeliz soldado que deixou seu posto sem ordem e, se é permitido falar assim, que deixou a vida sem ordem de ninguém; e, por uma mesma ação, se tornou culpado duplamente, tendo acrescentado à desobediência a fraqueza? Além do mais, não é nenhuma vantagem alegar que, na noite de sua morte, ele estudava ainda, ele se dedicava à instrução sobre o estado e a duração da outra vida. Há nisso muito mais motivo para dizer que seu estudo foi muito mais inútil para isso do que para dizer que ele tenha aprendido mal acerca da extensão da eternidade. Parece mais que ele teve medo de que ela não fosse suficientemente longa para ele e que se ele não se apressasse em morrer

<sup>64</sup> Fala ainda de Sêneca.

<sup>65</sup> No original latino, Nieremberg escreve:

*“UtinampraelegissetconclusionemTheodori,nondissertationemSocraticam.NullamsatismagnamcausamverissimeaffirmavitTheodorusCytheraeussapientiesseadvitamsiniendam”*. Com este nome, porém, não encontramos referência a nenhum filósofo. Há um nome que se aproxima e que está ligado à vida tanto de Platão como de Sócrates, que é o do matemático e filósofo grego Teodoro de Cirene (séc. V a.C.), que foi professor de Platão e, segundo consta, manteve constantes contatos também com Sócrates.

ele poderia não chegar suficientemente a tempo. Ele a mediu comparando-a com sua virtude que acabou tão cedo; mas ele podia muito bem tê-la esperado, como até então ele havia esperado pela Fortuna; e sem dúvida ele teria feito muito melhor colocando sua constância à prova do que se precipitando em fazer a tentativa da imortalidade. Tivemos razão em dizer, portanto, que não se encontrará em Catãonada que não se possa encontrar no mais covarde dos homens, visto que, suicidando-se, ele não fez mais do que fez o último dos Reis dos Assírios que, por um ato autêntico de sua moleza, parecida com a das mulheres, não apenas se declarou indigno de todas as vantagens de seu nascimento, como também de todas as prerrogativas de seu sexo. Ele certamente não fez mais do que qualquer mulher faria, mesmo aquelas para quem o hábito e a profissão do vício fizeram se apagar todos os sentimentos de honra, queimaram todas as sementes da virtude.

Que glória ele poderia ter pretendido de uma ação na qual ele se acomodou às pessoas mais frágeis do mundo, junto com as crianças, os velhos, os doentes e os insensatos? Verdadeiramente, por mais favorável que seja a interpretação que seus adutores façam de sua morte, e mesmo que ele tenha desejado ganhar a imortalidade ou se subtrair à tirania, seus adutores não poderiam negar que ele testemunhou impaciência, seja pelo desejo que pelo temor. É preciso que os adutores de Assurbanípal se dobrem ao fato de que, em um e outro<sup>66</sup>, ele se mostrou incapaz de sofrer a vida. Na verdade, ele a achava tão insuportável que não foi capaz nem mesmo de procurar a glória de suportá-la o mais pacientemente possível, como suportou, por exemplo, uma vez, a sede nos desertos da Líbia, quando um dos soldados de sua armada, tendo lhe apresentado água, a recusou tão corajosamente e muito longe de tê-lo feito do seu agrado. Ele o expulsou com essas belas palavras: *Tu és um covarde. Acreditas, por acaso, que sou o único em meio a essas tropas que seja sem virtude? Como é que eu posso parecer para ti tão dessemelhante àquilo que realmente sou a ponto de creres que eu tenha necessidade do injurioso serviço que tu me prestas? Tu estas certamente bem convencido da fraqueza, tu és certamente bem digno de ser olhado, de ser desprezado por todos os teus companheiros, como aquele que lhes tira a parte de honra que ainda lhes resta no sofrimento dos incômodos pelos quais são pressionados*<sup>67</sup>. Depois disso, que desculpa poderá haver para ele? Não teremos razão em dizer que, no final, ele se tornou dessemelhante a si mesmo? E que suas generosas mãos, com as quais distribuiu esta água, saciou a sede de sua armada, perderam sua antiga dignidade ao se empregarem em uma ação tão vil e covarde como a de produzir a própria morte? Digamos francamente, ele esqueceu sua virtude ao querer se eximir de sofrer, vendo sua pátria no sofrimento, e ao aspirar à liberdade sozinho, enquanto sua pátria estava sob o ferro inimigo. Foi uma ingratidão, para não dizer que foi muito desumano, privá-la voluntariamente da consolação que ela pretendia ao partilhar com ele suas dores, partilhando-as com Catão. Fê-lo, estando certo de que os males que nos acomunam às pessoas de bem parecem não nos ser incômodos, que não quase não

<sup>66</sup> Desejo ou temor.

<sup>67</sup> Nieremberg, na verdade, cita versos de Marco Aneu Lucano (39-65), poeta romano. Ao longo do parágrafo, refere vários personagens: “O magnum Catonis facinus patrare tantum, quantum is, qui fusos tractavit! Quam foeminae, Evadne, Iocasta, Auctolia! Quam meretrices, Sappho, Phaedra! Quam puellae, Thysbe, Biblis, Phyllis, Anaxarete! Quam pueri, Iphis, Damocles! Quam senes, Aegaeus, Sesostris, Timathes? Quam infirmi, Aristarchus, Eratosthenes! Quam furentes, Empedocles, Timagoras, Lucretius!”.

sentimos os flagelos da Fortuna, vendo-os cair igualmente sobre aqueles que cremos valer mais do que nós, e que é uma espécie de felicidade ser miserável com aqueles que não merecem, de forma alguma, sê-lo. Verdadeiramente, se como antes ele foi coberto de honra ao recusar o remédio para sua sede, rejeitando o remédio que a Fortuna apresentou para a sua dor – e que, sem dúvida, ofendia muito mais sua constância – sua Virtude, que sempre foi grande, conservando-se pura, mereceria ainda hoje todos os nossos louvores e toda a nossa estima.

É, portanto, sofrendo que se adquire a glória da verdadeira constância, visto que é onde ela age mais nobremente e onde ela realiza mais esforços. Jó e Tobias<sup>68</sup> nos foram dados como os dois mais excelentes exemplos dessa virtude. E é tanto mais razoável nos propormos imitá-los do que ser, como eles foram, tão somente feridos constantemente pela Fortuna; ou tanto mais é razoável imitá-los do que a pessoas que devem o máximo de consolação a suas desgraças, já que eles fizeram brilhar sua paciência em sua miséria, eles não a macularam em nada pela covardia de buscar um remédio<sup>69</sup> na morte. Há também o tipo de constância cujo exemplo nos foi suficientemente representado na pessoa de Abel, em quem Deus, por um raro e maravilhoso segredo seja de sua bondade que de sua sabedoria, quis que a Morte, que ainda tinha todas as suas armas, provasse pela primeira vez o inocente, a fim de que, encontrando nisso a paciência, como um duro e poderoso adversário, e realizando contra ela os mais grandes esforços, ela acabasse por amortecer a ponta de sua lança fatal com a qual ela luta contra os homens; e fosse, depois disso, tanto menos perigosa como se estivesse desarmada e tivesse menos com o que ferir. Assim, o inocente Abel a tendo sofrido num momento em que a sua juventude a tornava ainda mais naturalmente assustadora, nos foi proposto para que pudéssemos aprender a sofrer e para que pudéssemos encontrar, na imitação de sua paciência, o soberano temperamento daquilo que ainda permaneceu de amargura. Mas como a experiência nos fez conhecer, em seguida, há dois males piores do que a morte: a vida viciosa, para aqueles que fazem profissão da Virtude; e a vida infeliz, para aqueles a quem a Fortuna persegue. Como os primeiros creem que vale mais a pena morrer que viver na imundície do vício; e os outros desejam a morte por imaginá-la menos dura do que sua miséria; o mundo teve necessidade de dois exemplos para se instruir no sofrimento da Vida. E Jó e Tobias<sup>70</sup> nos foram tanto mais justamente dados por causa disso, porque eles preferiram sofrer uma miséria pior do que a morte a cometer a covardia de se livrarem à morte mesma. Eles se conservaram puros e sem mancha sofrendo-a com constância; e nos ensinaram, pela prática da Paciência, qual é o soberano remédio para todas as enfermidades; eles convenceram o vulgo do erro e, com ele, o Poeta Trágico que escreveu esse louvor à morte, não se lembrando de nomeá-la *a maior de todos os males*<sup>71</sup>. Mas, como ela pode ser o remédio se ela não pode ser contra ela mesma? E não seria muito estranho que seu único remédio fosse o pior de todos os males? Ésquilo<sup>72</sup> depois de Eurípedes, não teve

<sup>68</sup>Tobit, como dissemos no parágrafo precedente.

<sup>69</sup> Para o sofrimento e para a miséria.

<sup>70</sup>Tobit.

<sup>71</sup>No original latino, Nieremberg se refere a Eurípedes (c. 485 a.C.-406 a.C.), que é considerado o último dos três grandes poetas trágicos da antiguidade, junto com Ésquilo e Sófocles.

<sup>72</sup> Ésquilo (c. 525 a.C.-455 a.C.).

nenhum constrangimento em nomeá-la o *Médico dos males incuráveis*; e Sófocles<sup>73</sup> não caiu num erro menor ao nomeá-la o *último Médico das doenças*, visto ser ela mesma uma doença da qual não se pode escapar. Mas, um e outro acreditou que, segundo o método ordinário dos Médicos, a cura de nossos males se devia fazer com remédios mais amargos e mais violentos do que os males mesmos. Certamente seria comprar a um preço muito alto a cura, pagando com a própria vida. A morte carrega muito mais frequentemente os males do que qualquer outro remédio; mas ela é sempre cheia de amargura. E um Cômico, a quem Eurípedes subscreveu sem dificuldade<sup>74</sup>, disse que *por mais miserável que seja a vida, ela vale mais do que uma boa morte*. Será que não seremos capazes de avaliar, depois disso, que nossa condição seria extremamente infeliz se não tivéssemos antídotos para todos os males, ou se vivéssemos apenas essa cruel necessidade de só conseguir nos curar através de um mal tão grande quanto a doença, de forma a deixar sempre algum mal para o qual não há remédio, tornando a vida assim matéria para dor e desespero?

Não somos tão infelizes, e podemos nos gloriar de termos sido tratados, nesse sentido, com toda sorte de vantagens. Certamente, é-nos necessário algo mais do que um mal para nos curar de todos os nossos males. Não precisamos absolutamente esperar este bem da morte, sendo que ela é tida universalmente como um mal, mesmo pelas pessoas de bem, mesmo que, para elas, para dizer de forma bem saudável, ela não seja um mal de forma alguma, e só o seja para as pessoas más, visto que ela os leva ao ponto fatal que é reservado ao castigo por seus crimes. Qual seria, então, esse raro e geral remédio contra nossos males? É justamente aquele que age mesmo contra a morte, aquele que, por uma prerrogativa singular, tendo conservado sempre seu império, nunca passou, mesmo entre os mais injustos, por uma má escolha. Em uma palavra, é a Paciência que, por mais falsa e deformada que tenha sido, teve a vantagem de se fazer louvar; grande é a excelência desta virtude, de ter conseguido adquirir a estima para o vício que teve algum relacionamento ou alguma semelhança com ela. Que honras ela não faz merecer a quem a possui verdadeiramente? Sua glória, tão universalmente reconhecida, precisaria ainda de algum testemunho particular? Escutemos esse Grego que a nomeou o *único remédio contra a morte* e elevemos, em seguida, sua dignidade por seus legítimos títulos<sup>75</sup>. A Paciência é o soberano antídoto contra os males, o Médico daqueles cuja cura é deplorada, o último em ordem, mas o primeiro em dignidade, o verdadeiro Esculápio que nos concede uma saúde perfeita. Ela é o lenitivo das mais violentas dores do espírito; o charme inocente dos mais insuportáveis problemas; e a fim de lhe devolver aquilo que um Filósofo lhe roubou para dar à morte, ela é o asilo comum dos infelizes<sup>76</sup>. Não lhe sejamos mais injustos do que a inveja mesma foi com a Fortuna; mas não nos esqueçamos de dizer que a excelência desse

<sup>73</sup> Sófocles (c. 497 a.C.-c. 406 a.C.).

<sup>74</sup>No original latino, não há referência ao nome desse “Cômico”.

<sup>75</sup>No original latino, Nieremberg, após citar Sêneca, Dion Crisóstomo, Filón de Alexandria, cita Boécio – “...calamitosorumsacrum, ut restituum quoque, quod Boetius mortuusurpavit. Hoc patens unum miseris Asylum”. Não resta dúvida, portanto, sobre a que grego o tradutor estará se referindo, pois da lista de nomes citados no texto latino, o único grego é Dion Crisóstomo (c. 40-c. 120), que foi filósofo e escritor de origem grega, mas que viveu no período da dominação romana.

<sup>76</sup>Trata-se, nesse caso, de Anício Mânlio Torquato Severino Boécio (c. 480-c. 525), filósofo, estadista e teólogo romano que traduziu Aristóteles para o latim e é considerado um dos Padres da Igreja, sendo inclusive considerado mártir.

remédio cresce pela sua facilidade mesma; ao praticá-lo, não teremos necessidade nem das raridades que vêm do novo mundo para o uso da medicina, nem das produções que a natureza faz nas entranhas da terra, nem do suco de ervas e de raízes, nem do sangue ou da gordura dos animais; eu ousaria mesmo dizer que não teremos necessidade nem mesmo daquilo que há de mais fácil, que é fazer votos e pedidos. No lugar de todos esses remédios, nos será suficiente aquele que temos nas mãos, e que encontraremos preparados para vencer todas as doenças. A Paciência é um Médico que acorre tão logo a chamemos; ela nunca se faz de surda, como a Morte, nem ridiculariza aqueles que a imploram; ela é tão favorável que vem ao nosso encontro ainda mais rápido do que o mal.

Nós apenas a conhecemos, até aqui, a partir de um de seus usos; ela só nos ficou aparente a partir daquela face em que ela coloca em ação a geral e inteira cura dos males. Nós só a vimos de viés e de perfil, por assim dizer. Mas, se a virmos de frente, descobriremos que as vantagens que podemos receber dela não se resumem apenas àquilo que vimos antes; descobriremos que ela não nos oferece menos do que aquilo que, pela moderação, ela nos ensina a guardar na prosperidade e nos comunica, através da força, para aprendermos a sofrer a má sorte. Encontra-se nisso todo o mistério da Virtude; é a verdadeira e digna Obra da Paciência. Em todos os lugares onde ela está se pode encontrar o bem, nunca há o mal com ela; porque, suportando-o, ela o alivia, ela o modifica de tal maneira que se pode, seguramente, dizer que ela o transforma em um bem. Ela é a segunda fonte de todos os bens; tudo o que há de virtudes tira dela o ser e a origem; ela se encontra dispersa em todas as virtudes; elas lhe devem aquilo que têm de mais glorioso e santo. Será que precisamos representar essa verdade em termos ainda mais expressos? A Paciência é o espírito que move todas as outras virtudes; é o fogo que não apenas as vivifica e as mantém, mas também que dissolve e prepara a matéria de sua ação. Da mesma maneira que, para fazer uma imagem de cobre ou de bronze, é preciso, antes de mais nada, fundir o metal e o tornar capaz das operações da arte, a Paciência deve fundir, por assim dizer, o que há de duro e de difícil no sofrimento, a fim de formar aí a viva Imagem da Divindade, o homem virtuoso. Por uma condição bastante justa que a Natureza nos impôs, e que podemos nomear a lei fundamental do Mundo, ela quis que os bens pudessem ser adquiridos apenas ao preço de sofrimentos. É preciso, portanto, suportar com constância aquilo que nos acontece contra a s nossas expectativas, visto que este é o meio infalível através do qual realizemos nossos desejos. Sem dúvida, não há relação mais certa do que aquela entre a Paciência e o Sofrimento. Tenhamos por certo que nada é capaz de nos enriquecer mais; a experiência nos mostra que as duas causas mais comuns para a pobreza são a Ociosidade e a Preguiça. É através delas que nos privamos não apenas dos bens da Fortuna, como também, e sobretudo, dos bens do espírito; às vezes, até mesmo, caímos na tristeza de nos privarmos do maior de todos os bens, de perdermos a posse de nós mesmos; sendo indubitável que só somos, de verdade, de nós mesmos, através da Paciência e do Sofrimento. Foi tão somente fundadas sobre um e outro, como se fossem cauções suficientes, que a Natureza e a Virtude, e poderíamos acrescentar também a Fortuna, nos confiaram seus bens. A felicidade não parte, não se comunica a nada mais livremente do que no sofrimento; ela se abandona nele inteiramente; e não tenhamos dúvidas de que as delícias que estão preparadas pela pena sejam menos atraentes do que a amargura que, verdadeiramente, as tempera. A Fortuna pratica contra nós o antigo provérbio grego que diz que dando pão a um pobre, dá-se-lhe um soco; que se faça este segundo ato de caridade que é excitá-lo, por esse meio, ao sofrimento. É-nos impossível segurar tão

fortemente uma cobra nas mãos de forma que ela não escorregue ou se nos escape, senão tivermos o cuidado de segurá-la com alguma coisa rude. Da mesma forma a Fortuna: ela é tão escorregadia que, por maior que seja o esforço que se faça para abraçá-la, só poderá ser retida pela força e pela aspereza do sofrimento. Não é verdade que aquilo que adquirimos com mais dificuldade é possuído com mais contentamento, é guardado com mais cuidado? Os sofrimentos são os arreios pelos quais nós nos asseguramos a felicidade; e, conseqüentemente, é bastante justo que eles façam parte do preço que pagamos para adquiri-la. Um Filósofo<sup>77</sup>, considerando que não houvesse nada de mais doce posse do que aquela possessão que se sucede a uma penosa busca, teve razão em dizer *que por mais bela e preciosa que seja a Glória, ele não a quereria, ele não a amaria se lhe tivesse chegado sem nada lhe custar.*

Ele foi tão razoável ao expressar esse sentimento quanto é certo que a grandeza mesma de Deus não consiste em não sofrer, mesmo que, para bem dizer, ele seja soberanamente isento de tudo aquilo que causa pena; e tanto é verdade que lhe é próprio não agir e que se trata de algo que não é digno da perfeição de seu ser, que, pelo contrário, ele elevou o mérito do sofrimento em sua pessoa; ele quis nos obrigar ao sofrimento por seu próprio exemplo; e é o que esse Filósofo que pensava tão mal da Divindade a ponto de representá-la sem ação se confundiu ao tentar estabelecer na ociosidade sua suprema beatitude e de não ter sabido que ela<sup>78</sup> extrai infinitamente mais glória do sofrimento do que do repouso<sup>79</sup>. Assim, verdadeiramente, em meio a essas três sublimes vantagens que, entre uma infinidade de outras, podemos considerar em Deus – de contemplar a beleza do Mundo, de a possuir e de a ter feito – esta última é a maior, sem dúvida; e podemos dizer que não há outra coisa que componha mais solidamente sua satisfação. É disso que os homens devem aprender que sua honra é a mais eminente, como também é a sua mais necessária obrigação: trabalhar e sofrer. E, para falar de forma sã, não parece verdade, por isso mesmo, que Deus, depois de ter feito como uma experimentação de sua arte, numa matéria menos preciosa do que aquela da qual ele quis fazer sua obra prima, tenha empregado seu poder e toda a sua indústria no fazer o homem, quer dizer, fazer sua própria imagem? Para dar o ser aos animais e ao resto das criaturas, foi-lhe suficiente querer que eles fossem; ele acreditou que a sua simples ordem poderia valer todos os seus cuidados. Mas, a dignidade da obra que deveria levar o seu caráter – parecendo-lhe muito grande para que não se obrigasse a colocar as próprias mãos – ele quis formar com toda a atenção e toda a exatidão que os grandes Escultores e os excelentes Pintores têm ao formar suas Estátuas e para terminar seus quadros. Tendo se contentado em fazer o resto das coisas pela sua palavra, ele fez o homem com suas próprias mãos; e esta divina obra que ele julgou a única digna dos últimos esforços de sua arte, mereceu não ser feita com cerimônia, e ser consagrada, pela pompa e pela magnificência do sofrimento, para a soberana beatitude e para a semelhança com seu autor. Assim, o homem é instruído acerca das condições através das quais ele recebe a Vida, antes mesmo de a receber; tão logo ele chega ao Mundo, ele aprende que deve sofrer; e a ociosidade é banida dele antes mesmo de ser admitida. Ele aprende que é destinado ao sofrimento pela maneira com a qual a vida lhe foi inspirada,

<sup>77</sup> No texto latino, Nieremberg se refere a João Tzetzes (1110-1180), poeta e gramático bizantino que viveu em Constantinopla.

<sup>78</sup> A suprema beatitude de Deus.

<sup>79</sup> No original latino, Nieremberg se refere a Hermógenes, que viveu nos séculos V e IV a.C. Segundo Diógenes Laércio, Hermógenes foi professor de Platão.

visto que foi com esforço; e de tal maneira que parece que a dificuldade com a qual Deus tentou formá-lo do limo da terra, colocando-o sem respiração, ele fez com que o homem recuperasse a respiração, dando-lhe o sopro. Todos os outros animais foram instruídos e votados à servidão pela forma como foram criados; o homem, pelo contrário, recebeu na sua criação o título e, por assim dizer, a investidura do poder absoluto de comandar a todos os animais e foi, em seguida, acometido da pena. Deus o fez sofrendo a fim de lhe imprimir o amor de uma condição ligada a seu nascimento; e como que para se dar uma obrigação de o amar tanto mais fortemente, ele custou mais a fazê-lo. Assim, certamente, são as obras que, para serem perfeitas, custam-nos mais sofrimento, mais cuidado, e são, por isso, aquelas pelas quais temos mais amor.

Na verdade, quando a Paciência for considerada sozinha, quando a desprovermos de todas as vantagens que a acompanham e que ela parecerá nua, ela terá, por ela mesma, tanto brilho que muitos homens quiseram fazer passar por virtude uma dureza, uma obstinação em sofrer: eles elevaram ao mais alto grau e debitaram sob um tão belo título a abstinência dos habitantes de Samos, a severidade dos Estoicos, o rigor dos Cínicos, a dureza dos Gminosofistas<sup>80</sup>, e semelhantes ações de loucura e de desespero. Uns e outros estabeleceram a sabedoria sobre a Paciência, como se sobre seu verdadeiro fundamento; toda a Filosofia tomou da Paciência seus mais especiais e magníficos títulos; a Filosofia, em todos os tempos, apresentou-os todos em sua doutrina e em seus hábitos. O jovem homem que tendo sido enviado a Atenas para aprender o comércio, trocou generosamente o desígnio de sua viagem; e, por um pensamento mais nobre do que aquele que tiveram seus pais, preferiu o Liceu ao banco, e preferiu se instruir na arte de se fazer sábio do que na arte de se fazer rico; por isso, ele é um exemplo suficiente para justificar essa verdade<sup>81</sup>. Como, em seu retorno, seu pai tenha derramado sobre ele maldições e golpes e, com aquele orgulhoso desprezo que normalmente acompanha a ignorância, o tenha questionado sobre o proveito que ele tirara na escola dos Filósofos, ele respondeu, de sofrer sem pena o mau tratamento que eu recebo. Um discípulo de Zenão testemunhou, num encontro semelhante, que o exercício da Paciência é o objeto mais comum do estudo da Filosofia, bem como é também o fruto mais precioso desse mesmo estudo<sup>82</sup>. Mas, esta prova custou bastante àquele que, por uma presunção ordinária àqueles de sua Seita, pensando debitar sua sabedoria a um preço mais alto do que os outros, quis parecer insensível aos maiores esforços da dor, até ao ponto de desprezá-la e desafiá-la: *Tu te esforças em vão para me atormentar; por mais insistente e irritada que tu possas ser, tu não conseguirás me fazer crer que tu sejas um mal*. Outro, mais sábio do que ele, encontrando-se sob os efeitos de uma cólica furiosa, e não dissimulando em nada o

<sup>80</sup> É o nome dado pelos gregos aos filósofos orientais que meditavam nus acerca da indiferença, vagueando pela Índia.

<sup>81</sup> No texto latino, Nieremberg escreve:

“*Aedesius postquam mercatura gratiam in Graeciam, Philosophia ededit operam; post reditum plagis accipit, parientissime ferens, rogantem patri quid in Philosophorum scholadidicisset*”. O jovem a quem se refere o tradutor, na verdade é o filósofo neoplatônico Edésio (c. 280-c. 355), que se estabeleceu na Síria, emigrando da Capadócia, atraído pelas aulas do filósofo Jâmblico (245-325).

<sup>82</sup> No original, Nieremberg escreve:

“*Idem disciplinae testimonium Zenonis alumnus perhibuit. Maius Possidonio periculum fuit; etiam volentes ipsos dolores medicinae exaudivit*”. Não está claro a que Zenão se refere o autor nesse ponto do texto. Porém, na sequência, se nomeará o filósofo Dionísio de Heracleia, que foi pupil de Zenão de Cítio. Já a frase seguinte faz referência a Posidônio de Apameia (c. 135 a.C. – c. 50 a.C.), que foi político, astrônomo, geógrafo, historiador e filósofo grego, seguidor da escola Estoica.

sentimento de seu mal, não fez a loucura de fingir uma falsa sabedoria, e estabeleceu a verdadeira sabedoria na paciência, visto que ele sabia muito bem que é nela que a sabedoria consiste e que é dela que a virtude recebe aquilo que tem de mais nobre e santo<sup>83</sup>.

A Paciência é, para a virtude, o que os Guardas são perto dos Reis: ela serve igualmente à sua grandeza e à sua segurança, ela a mantém sob proteção e lhe dá reverência. Ela vela incessantemente perto da Paciência, a fim de impedir que os males a ataquem; ela é o asilo comum dos miseráveis e, para dizer em uma palavra, ela é o Deus tutelar do espírito. Um antigo a chamou, com muita razão, a muralha inexpugnável da condição humana<sup>84</sup>. Não seria preciso que a Virtude fosse maior do que é para ter como sua guarda a Rainha de todas as coisas? Ela não somente é o caráter da Sabedoria, como também da piedade; ela é o nobre e vitorioso estandarte da milícia Cristã. Certamente não apenas os impacientes a reverenciam, mas também aqueles a quem a cólera possuiu e que foram transidos de fúria. Um famoso soldado de JESUS CRISTO, encontrando-se numa cidade do novo mundo, perseguido pelos infiéis e todo coberto de feridas, conseguiu uma maior e mais inesperada vitória do que aquelas que elevaram tão alto os nomes de Alexandre e de César, e aquilo que a torna ainda mais maravilhosa é saber que ele só se valeu, como arma, da Paciência<sup>85</sup>. Ele se cobriu apenas com essa muralha e só opôs ao inimigo essa única máquina com a qual, tendo-os estupefeito, eles não foram capazes de reconhecer dignamente o bastante a sua Virtude se ele não tivesse se elevado muito acima deles através do poder absoluto de sua ordem. Eles colocaram, portanto, entre suas mãos a inteira direção de seu Estado, julgando que, assim, honravam mais adequadamente uma tão alta magnanimidade; eles creram que uma Virtude Soberana como a dele merecia uma autoridade soberana, era digna de uma Coroa.

Tudo isso, sem dúvida, é suficiente para justificar essa verdade, segundo a qual por mais maldosos e obstinados que seja os inimigos da Paciência, ela sempre consegue seus objetivos, ela os ultrapassa ou ganha deles. Seu poder foi muito bem reconhecido por esse sábio entre os Gregos que, vendo que achavam estranho que ele tenha feito um jovem sofrer, um jovem a quem queria tirar da corrupção e que chegou a impudência mesma de lhe cuspir na face, disse que ele imitava os pescadores que, para pegarem um

<sup>83</sup> No texto latino, aparece:

*“Sed & Dionysius Heracleotes, cum non dissimulavit, non potuit simulare Philosophiam, quam unacum patientia posuit adeo auctoritas, & augustum illud, quod in virtute miramur a constantias sustentatur”*. Trata-se de Dionísio, o Renegado (c. 330 a.C. – c. 250 a.C.), também conhecido como Dionísio de Heracleia, que foi um filósofo estóico e pupilo de Zenão de Cítio e que, no final da vida, afligido por terríveis dores, abandonou o estoicismo.

<sup>84</sup> No texto latino, Nieremberg anota: *“Merito illam Halitgarius dixit custodem conditionis nostrae”*. Trata-se do Bispo francês Halitgar, que comandou a diocese de Cambrai entre 817 e 831.

<sup>85</sup> No texto latino aparece:

*“Abraames caesus, obrutusque ab infidelibus, integro oppido, nontantum restitit, sed felicius Alexandro, ocyus Caesare vicit. Machina, patientia fuit: tormentum inde iaculatum, veneratio sui, admiratio”*. Parece se tratar de Santo Abraames, que foi bispo de Carres. Segundo Butler (1866), era venerado pela sua mansidão e pela sua paciência, tendo superado a perseguição dos pagãos de uma aldeia do Monte Líbano. Não se sabe a data de seu nascimento, mas faleceu em Constantinopla, no ano 422. Cf. Butler, Rev. Alban. (1866). *The lives of the Fathers Martyrs and other principals saints compiled from Original Monuments & Authentic Records (Vol. II)*. Dublin: James Duffy, p. 137.

peixe, não aprendem a se molhar<sup>86</sup>. Eu não sei ao certo se ele pegou, mas eu sei muito bem que, dessa mesma maneira e com um uso feliz da rede, um Pescador Ilustre, da ordem daqueles a quem o Filho de Deus elevou à mais alta condição<sup>87</sup> quando fez deles Pescadores de homens, Fernández, companheiro do grande Xavier<sup>88</sup> na conversão do novo mundo, tomou um Reino inteiro. Um dia, ele estava pregando em público, quando um infiel que vinha passando tomou barro e, por desprezo, lançou-o em seu rosto, ele, de seu lado, não se perturbou em nada, enquanto que o infiel tão logo virou o rosto em direção ao pregador foi surpreendido por seu olhar de um homem de bem, que lança sem relâmpagos ou tempestade raios de ira poderosos que confundem os malvados; e tendo se limpo sem se interromper, ele prosseguiu seu discurso, como se fosse necessário falar depois de uma ação tão eloquente, como se aquilo que tivesse a dizer pudesse valer mais do que aquilo que havia feito. Um exemplo tão raro de paciência enchia a assistência de admiração e os preparava para receber a verdade que, até aquele momento, eles tinham rejeitado obstinadamente. Ele os incitou a um santo desejo de se instruírem numa tão divina Filosofia, e os submeteu absolutamente àquele a quem eles só haviam despejado injúrias e desprezo. Isso tudo para mostrar o quão verdadeiro é o fato de que é mais seguro ganhar os mais rebeldes e os mais obstinados pela paciência, que é a mais adequada maneira e a via mais curta de conseguir esse objetivo. A malícia não é nunca vencida pela malícia, mas pela bondade, disse razoavelmente um Antigo<sup>89</sup>. É através disso, sem dúvida, que devemos vencê-la. Mas, se podemos vencer o vício pelo vício, por que seríamos tão injustos de não reservar essa glória à virtude? Foi também através desse excelente meio, a Paciência, que esse generoso Cristão Japonês triunfou sobre seu inimigo. Bem longe de se vingar do seu inimigo, como ele poderia tão facilmente fazer, não lhe sendo inferior nem em força nem em coragem, quis evitar todas as ocasiões, se colocando sempre em prontidão para se retirar, chegando mesmo ao ponto de se trancar num lugar particular para não chegar nem mesmo a ofendê-lo com sua simples presença<sup>90</sup>. A Paciência tem bons ombros, mas não tem mão alguma; ela sabe sofrer o mal, mas ela não é capaz de ser a causa de sofrimento para quem quer que seja. Como ele percebeu seu inimigo se aproximando fortuitamente de sua prisão, ele saiu e correu para abraçá-lo, culpando-se de tudo aquilo que havia acontecido entre eles e dizendo que o inimigo era inocente, dizendo que havia cometido um crime ao deixar espaço para a cólera contra outra pessoa dentro de si e não se contentando em lhe pedir perdão; ele o levou até à sua casa e lhe encheu de bons tratos e de favores. Disso, devemos aprender que a Paciência é um raro instrumento para operar a felicidade e, para bem dizer, ela traz a paz para os outros. Visto que ela frutifica tão felizmente no terreiro dos outros, imagine-se o que ela não é capaz de fazer no seu próprio terreiro! Visto que ela não apenas corrige nossos vícios, mas também os vícios dos outros, imagine-se que maravilhoso progresso ela é capaz de nos ajudar a fazer no caminho da Virtude!

<sup>86</sup>Trata-se, no texto latino, de Sólon (683 a.C.-558 a.C.), que foi um legislador, jurista e poeta grego. Foi considerado um dos sete sábios da Grécia antiga.

<sup>87</sup>Refere-se à Companhia de Jesus.

<sup>88</sup>Trata-se de Juan Fernández, irmão coadjutor, de quem não temos mais dados a não ser o fato de que acompanhou Francisco Xavier (1506-1552) a Goa, em 1549.

<sup>89</sup>No texto latino, Nieremberg se refere a São Pimênio que viveu entre os séculos III e IV, foi presbítero e mártir.

<sup>90</sup>Não encontramos, no texto latino, referências acerca do nome desse “Cristão Japonês”.

Mas, isso é elogiar apenas pela metade, é ser-lhe injusto e cortar pela metade a glória que merece, quando nos contentamos em dizer que ela ultrapassa ou ganha de seus inimigos, visto que ela não somente faz um e outro, como também, por uma vantagem muito maior, ela ultrapassa e ganha dos males mesmos. Ela é muito poderosa sobre os homens; mas ela é ainda mais poderosa sobre a Fortuna; ela tem um Império seguro sobre a Fortuna de forma tal que ela consegue fazê-la abraçar o partido de sua inimiga, constringendo-a a servir à Virtude. Seus títulos são magníficos e brilhantes, mas não são menos legítimos, pois são fundados sobre os bens e sobre as vantagens infinitas que a Virtude recebe de seu socorro. Um grande Santo quis que esta Verdade fosse representada por esta árvore fabulosa que, tanto mais é cortada, tanto mais cresce<sup>91</sup>; que combate contra o ferro e, para dizê-lo com o Poeta, *conserva sua vida mesmo na morte*<sup>92</sup>. Assim, a Virtude, fortificada pela Paciência, aumenta seu vigor e sua coragem na má sorte. Aquilo que se pode fazer para abatê-la só serve, realmente, para elevá-la ainda mais alto; ela é ornada com suas próprias infelicidades; as penas que se suscitam nela servem apenas de decoração que se acrescenta à sua beleza natural. Será preciso fazer uma imagem mais ingênua que essa? Como a Hidra das fábulas que parece ter tanto mais fonte de vida quanto mais feridas tem, assim também a Virtude recebe de seu sangue a ajuda e o crescimento, como as plantas os recebem do orvalho; aquilo que parece ser capaz de destruir e de fazer se perder a virtude, pelo contrário a conserva e a mantém. Ela cresce através daquilo que se pensa ser a causa de sua ruína.

A Paciência tem, portanto, esses dois raros e divinos efeitos: diminuir os males do corpo e aumentar os bens do espírito ou, para dizer melhor, ela só produz um único efeito que é o de transformar os males em bens. Assim, certamente por causa disso, ela foi chamada muito propriamente por São Gregório Nazianzeno<sup>93</sup>, *a digestão dos inimigos*. Eu vos peço que consideremos a conformidade de suas operações com as do calor natural: assim como o calor vivifica as coisas mortas, e torna suas aquelas coisas que são estranhas, convertendo-as em sua substância, fazendo-as servirem ao seu sustento, também a Paciência transforma na substância da Virtude tudo aquilo que há de difícil e de estranho. Os Lupinos<sup>94</sup>, espécie de legume, por si muito amargos, tendo sido fervidos na água, não só ficam adocicados, como também servem de alimento. Assim, as calamidades se temperam através da Paciência e, perdendo sua aspereza e sua amargura, se tornam alimento para a Virtude. Sai, das chagas do corpo, uma luz divina que ilumina o espírito, assim como de uma pedra batida pelo ferro saem faíscas de fogo. Tanto menos o espírito se ligar ao corpo e parar sobre os objetos sensíveis e materiais, tanto mais ele se torna capaz de entender os conselhos da Razão, tanto mais ele progride na ciência das coisas do Céu e no conhecimento de si mesmo, tanto mais ele recebe, pelas chagas – como se fossem fendas e aberturas numa prisão – os raios que o iluminam; e podemos mesmo dizer que as feridas são como janelas através das quais ele

<sup>91</sup>No texto latino, Nieremberg se refere a São Máximo (580-662), teólogo e místico católico que deixou muitos escritos.

<sup>92</sup>No texto latino, o autor se refere apenas ao poeta – “*utPoetarumverbausurpemus*” – e cita, em seguida, um longo trecho em grego. Porém, é evidente que a citação do grego está incorreta. Não bastassem as dificuldades de transcrevê-la devido à pouca legibilidade do texto, foi impossível encontrar referência segura sobre o autor da citação. Procuramos, inclusive, referência ao poeta a partir da tradução para o latim que se encontra anotada à margem do texto, no entanto nada encontramos.

<sup>93</sup> São Gregório Nazianzeno (329-389) foi Patriarca de Constantinopla, teólogo e escritor cristão.

<sup>94</sup> Planta faseolácea.

olha para o Céu. Mas, não está aí ainda a maior de todas as obras da Paciência – não é apenas a capacidade de converter em vantagem própria as calamidades –, não está nisso sua mais alta e excelente operação. Ela muda a morte mesma em Vida; ela é capaz de digerir a mais dura de todas as coisas. Depois de ter experimentado em Abel, ela tirou a prova na pessoa de JESUS CRISTO; de maneira que não é preciso mais tomar como um paradoxo a palavra de Pirro<sup>95</sup>, segundo a qual não há nenhuma diferença entre a vida e a morte; e não precisamos mais tomar como um jogo do espírito estas palavras de Eurípedes: quem sabe se não seria não viver isso a que chamamos morrer? Certamente a constância com a qual os justos sofrem a morte tem o poder de fazer dela uma vida.

Além do mais, é próprio do sábio se dedicar a toda sorte de emulação, bem como a toda conformidade de ofício com a morte; e, por uma voluntária separação de seu espírito e de seu corpo, nunca espera dela o bem de gozar dos privilégios da outra vida, pois essa é uma vantagem que ele recebe da Paciência. Por ela, nosso espírito, escapando de sua prisão mortal e se desembaraçando dos liames do corpo, se esforça e se eleva até ao Céu. Da mesma forma como um rio transborda e que, tendo inundado o campo, toma as casas e começa a ganhar terreno, obrigando os habitantes a subir para as partes altas para se garantirem contra sua violência, assim também quando o corpo se encontra atacado pelas dores e quando é pressionado de alguma maneira, a Alma se recolhe inteira no entendimento, como se se recolhesse num local de soberana segurança; e se desembaraçando da violência do inimigo, ela se retira para onde ele não é capaz de chegar. Esse Rei Lacedemônio<sup>96</sup> que nós não sabemos se deveria ser nomeado Filósofo ou grande Capitão, visto que foi digno dos dois títulos, que foi cruelmente perseguido pela gota, tendo sido visitado pelo Filósofo Carnéades<sup>97</sup>, vendo que ele acabara de entrar, e que já queria sair como se estivesse cheio de uma justa pena de ver que a natureza tenha respeitado tão pouco a Virtude a ponto de não isentá-la das enfermidades da Vida e de ter, parece, assujeitado mais os bons do que os maus, disse ao filósofo: *ficai, porque nada do que acontece ali chegou até aqui*, mostrando-lhe os pés e a cabeça respectivamente, querendo lhe dizer que a parte superior não sentia nada das desordens da inferior. E certamente é preciso dizer que vem o espírito duas excelentes vantagens desse retiro – estar como se estivesse no Céu – que é o fato de haver comunicações mais particulares com ele e o fato de receber de mais perto suas inspirações; além de ele participar mais abundantemente de seus favores, ele participa disso direto de sua fonte. De cima, ele consegue ver o que se passa embaixo, as dores e os sofrimentos do corpo, com a mesma segurança de que olha de uma janela um combate que se dá na rua. Por mínimo que seja o vínculo que ele tem com o corpo, ele pode se gloriar de ser livre, e pode mesmo dizer que ele antecipa o gosto da liberdade do futuro. A morte rompe suas mais fortes e potentes cadeias; e livrando-o de toda sorte de

<sup>95</sup> Trata-se de Pirro de Élis (c. 360 a.C.-c. 270 a.C.), filósofo grego considerado o primeiro pensador cético e fundador do chamado Pirronismo, tradição de pensamento que tem na máxima “nada pode ser conhecido, nem mesmo isto” a sua fundação.

<sup>96</sup> No texto original, Nieremberg cita nominalmente o legendário rei espartano Agesilau I (?- c. 786 a.C.), que foi o 6º rei da Dinastia Ágida.

<sup>97</sup> A única referência encontrada acerca desse nome é a do filósofo platônico Carnéades (214 a.C.-129 a.C.); porém, há um evidente problema histórico, visto que é impossível a visita desse último àquele primeiro, separados que estão por 600 anos. Identifiquei um segundo Agesilau que, no entanto, não resolve o problema, já que viveu entre os anos 444 a.C. e 360 a.C.. Não há outros reis espartanos com esse nome contemporâneos a Carnéades, de quem não encontramos outra referência histórica.

impedimentos, o torna absolutamente capaz de chegar ao princípio de todas as coisas. A Paciência não faz menos; e se ela não rompe suas cadeias, ela as alonga tanto, ela alarga de tal forma o circuito de sua prisão, que a extensão que ela lhe confere vale quase como a liberdade inteira. Com isso, esse divino ardor que a anima, esse fogo celeste tão puro e tão cheio de prontidão que se pode nomear o espírito do espírito mesmo, estando tomado por adversidades como se fosse por ventos contrários, adquire nisso, sem dúvida, muito mais vigor. O fogo nunca é tão ardente do que quando está circundado por água e quando se encontra cercado por uma densa nuvem, vigiado por dois inimigos naturais – o frio e a umidade: quando isso acontece, ele força, ele rompe sua prisão, ele explode em trovões e relâmpagos, quando todas as passagens estão obstruídas de forma que o fogo do espírito se evapora e exala em fumaça; esse é o efeito que lhe causam os desejos e as volúpias, ele sai não apenas de uma só vez e com violência, mas também, por mais pesado que seja o corpo, ele o eleva, às vezes, e o arrasta para suas paixões. Nós não nos surpreendemos em nada ao pensar no quão brusca e poderosa é a atividade do fogo, ao pensar em suas operações subterrâneas, em como age com forças desiguais para carregar prodigiosos edifícios e fazer voar pelos ares montanhas inteiras, por assim dizer.

## COMPLEMENTO II

### *Precaução de se arrepender*

Mas, é preciso retornar ao poder que a Paciência tem sobre os males, lembrando que é isso que aumenta mais o seu valor e que é através disso que sua glória é mais solidamente estabelecida. Nós mostramos, até aqui, o Império que ela tem sobre a Fortuna e sobre todas as coisas que a opinião nos faz tomar como más. Coisas que não o são, de fato, mas apenas são assim tomadas pela nossa imaginação. Se, com efeito, elas não o são mesmo, nós acreditamos nisso de tal forma que fazemos delas males verdadeiros. A pobreza, a dor, a infâmia serão defendidas por nós, serão justificadas por nós. Não havendo nelas nenhum outro mal além das injúrias que recebemos da Fortuna – nos enganar e nos persuadir de que sejam males. É por isso que essa grande Virtude, que produz tão raros efeitos – a Paciência – não teria glória alguma ao ultrapassar esses males imaginários, e seria uma muito fraca vantagem a Vitória sobre inimigos tão vãos. Seu louvor é legítimo e o é porque ela age contra males verdadeiros, não tanto por nos fazer sofrer com eles, mas de uma maneira muito mais nobre, quando nos faz evitá-los. Porque, para falar seriamente, somente o mal que se faz é a causa do mal que se sofre, a dor é o fruto de más ações. Ora, como a impaciência as produz e mantém, ela é muito mais perniciosa, já que é sua mãe e nutridora; a Paciência, pelo contrário, muito mais excelente, não as admitindo de forma alguma, nos guarda de cometê-las, faz com que as evitemos. O maior de todos os males é nos deixarmos enganar pela sua aparência durante o comércio que temos com elas; e se sua feiúra e sua deformidade natural, que não pode ser descoberta antes, não aparecer depois e não tirar a máscara sob a qual se esconde, não haverá salvação para nós. Esse é o defeito comum e, por assim dizer, o vício ordinário de todos os vícios: introduzir-se com falsos títulos, fazer-se passar por algo que não se é, parecer, no início, doce e agradável e, depois, mostrar-se cheio de dor e desespero! Que perigo pode haver em admitir e sofrer isso? De um lado, sua força e poder são tamanhas que mesmo depois que passa a ação que têm sobre nós, e mesmo

quando podemos dizer seguramente que não estão mais agindo, elas subsistem ainda, nos pressionam através do arrependimento e da dor que nos deixam; e sua malícia é, por outro lado, tão grande que, quando estão agindo, se subtraem ao nosso conhecimento e se fantasiam e se guardam de passarem por aquilo que realmente são. Tão logo cometemos o pecado, ele não nos diz o quanto ele é malfeitor e perigoso; mas depois ele se explica suficientemente através dos incômodos aos quais ele nos abandona. O que deveríamos esperar de sua presença e o que não deveríamos temer de forma alguma, visto que sua ausência mesma é tão cruel? Para evitar, portanto, essa extrema infelicidade, e conseguirmos um sólido repouso, sem o qual só conseguiríamos pretender inutilmente a posse da felicidade, sendo, como é, a fonte da e, às vezes, a felicidade mesma. Rejeitemos com um cuidado exato e escrupuloso tudo aquilo que pode nos causar arrependimento. Pratiquemos apenas aquilo que é legítimo, que é inocente, que leva à Virtude, que tem sua marca e seu caráter. Que paz, que satisfação seria, eu vos pergunto, ter aquele que, tendo se feito seu próprio inimigo, faz a guerra mortal contra si mesmo? Que vida é a vida de um homem que se dilacera com suas próprias mãos? Como pode repousar aquele que sofre com um remorso secreto, está continuamente em dificuldade? E que alegria ele sentiria em meio aos prazeres e às delícias? Na maior de todas as prosperidades? Cheio de honras e de bens? Não há calor ou frescor exterior algum que possa nos proteger do frio e do calor que a febre nos causa por dentro. Temos condições de nos protegermos dos rigores do inverno e dos ardores do verão; mas o que quer que façamos para evitar os assaltos da consciência é inútil, mesmo que pareça que a Fortuna nos esteja ajudando e por mais poderosa que seja a assistência que ela nos presta.

Diremos ainda uma vez: assim como o ardor que queima nosso interior é incomparavelmente mais violento do que aquele que o Sol nos faz sentir mesmo quando está a pino, quando o cão do Céu o irrita com suas mordidas, por assim dizer<sup>98</sup>. A dor que sentimos por causa dos remorsos é muito superior à dos males mais difíceis, que nos suscitaríamos o ódio contra nosso inimigo mais mortal. Ela ultrapassa a crueldade dos Tiranos mais desumanos, ela a enriquece, ela se vale de todas as suas horríveis invenções para atormentar os homens. E certamente que pena sofreram aqueles que experimentaram seus suplícios! Não foram inferiores àquela que o crime de Orestes<sup>99</sup> lhe fez sentir sem precisar estar sob ferros e dificuldades e tendo como carrasco apenas a si mesmo! Os antigos habitantes de Damietta, tendo que punir um parricida, e não crendo que as leis fossem severas o suficiente para punir esse tipo de criminoso, não se valeram nem do rigor do fogo nem do veneno das serpentes, eles simplesmente o abandonaram às censuras de sua consciência, como se o tivessem livrado a carrascos ainda mais impiedosos e cruéis, eles o condenaram a manter, durante três dias, a vista presa ao corpo

<sup>98</sup> É interessante observar o que vem anotado no original latino: “*Maiordolor (ilegível) sui est, quam perpetientis hostilia: sicut maiore calor, qui praecordiis, & febriperartuum medullas surrepit, quam quem morsu Caniculae irritatus Soliaculature caelo*”. A imagem do cão que morde o sol (*morsu Caniculae irritatus Sol*) é a que deu origem ao termo “canícula”, que é usado para descrever uma condição do tempo meteorológico associada a ondas de calor. No hemisfério norte, está associado à passagem aparente do disco solar pela constelação de Cão Menor (conhecida, na França, como *Canicule*).

<sup>99</sup> Orestes é um personagem da mitologia grega, filho de Agamêmnon e Clitemnestra. Segundo o relato mitológico, Orestes, depois de ter matado sua mãe, sofre amargamente o remorso, fugindo das Erínias – personagens mitológicas, em forma de mulheres aladas, com serpentes como cabelos, que empunhavam tochas acesas e chicotes, e perseguiam infratores. O relato é descrito por Ésquilo, na tragédia “Eumênides”.

morto, a fim de que a presença e a força desse objeto infeliz, redobrando seu remorso e a grandeza de sua pena, igualasse a enormidade de seu crime. Esse foi também um tormento que o famoso Tirano de Agrigento<sup>100</sup> julgou mais estranho do que aquele a que ele submeteu o autor do seu Touro de Bronze, que lhe parecia apenas um meio medíocre de exercer sua crueldade, e que lhe servia apenas para suas vinganças ordinárias e para os menos culpáveis – para os mais culpáveis, ele se valia dos remorsos de suas consciências, de forma que, concedendo-lhes viver, ele acreditava, sem dúvida, os estar tratando com mais rigor do que lhes oferecendo a morte. Mas, um suplício tão grande como esse já era usado muito tempos antes dele. A justiça Divina fez com que o primeiro criminoso do mundo o sofresse. Aquela para quem a morte, ainda inocente e virgem, fez seu primeiro fruto, Caim, não foi julgado digno de uma pena menor do que a de ser despedaçado pelo remorso de seu fratricídio<sup>101</sup>. Ele teve a vida como punição, até mesmo a certeza da vida se é que se pode dizer isso quando se fala da guerra contínua que os malvados vivem em sua consciência, ou de uma vida que sofre com os contínuos remorsos. Não seria melhor uma morte cruel? Nossos primeiros pais mesmos – se podemos nomear dessa forma aqueles que nos deram mais a morte do que a vida<sup>102</sup> – experimentaram também a severidade desse castigo. Confundidos com sua desobediência, e pressionados por seus remorsos, eles acreditaram que Deus, tendo lhes dado a Vida, lhes fazia menos uma graça do que um suplício. A Imagem de seu crime, seguindo-os em todos os lugares e os pressionando, os fez querer se afastar de si mesmos, a fim de evitar um objeto tão funesto, os fez querer poder se livrar, através da morte, da vergonha cruel que sua consciência os fazia sofrer. Mas, eles tentaram encontrar lugares distantes e escuros, eles quiseram se esconder e se sepultar em cavernas e nos abismos; mas seu mal, em todos os lugares, não tinha remédio; os furores internos que eles sofriam tornavam inúteis todos os cuidados que eles tinham para se aliviarem. Eu vos pergunto, que suplícios maiores pode haver depois disso, seja nos extremos rigores das leis, seja na crueldade dos Tiranos, seja na justiça natural, seja na Divina? Esta é uma verdade que Deus, a Razão e a Natureza confirmam, e da qual a consciência, por perturbada e furiosa que esteja, é uma séria e fiel testemunha.

Com isso, podemos dizer que esse tormento não é menos infalível que estranho. Podemos, seguramente, dizer que sua segurança ultrapassa também sua grandeza. Nunca se viu Tirano algum que não tenha concedido graça a alguém; ou mãos de que se tenha escapado, seja pelo perdão que pela fuga. Nunca houve quem não se tenha alguma vez enganado pelos ministros de sua vingança. O remorso é o único Tirano da crueldade, contra quem nada é capaz de nos garantir, ele não é sensível absolutamente à piedade, não temos nem amigos nem crédito perto dele, e não seríamos capazes de escapar dele, nem pela força nem pela indústria. Ninguém, certamente, pode fugir e enganar; ninguém é prevaricador, ninguém é infalível diante de sua consciência. Ter remorso é estar numa escravidão perpétua, é carregar uma corrente da qual não é possível se desfazer; é estar sobrecarregado com um jugo de que é impossível se libertar. Um antigo disse, depois de

<sup>100</sup> No original latino não há referências a nomes. Sabe-se, no entanto, que a tirania foi instalada ali com Fálaris (?-554 a.C.). E, certamente, é a este tirano que Nieremberg se refere, como se verá a seguir, visto ter sido este tirano a instaurar o Touro de Perilo como instrumento de tortura.

<sup>101</sup> No texto francês, o tradutor, erroneamente, anotou “parricídio”.

<sup>102</sup> Trata-se de Adão e Eva.

Platão, *que a pena é a companheira inseparável do pecado*<sup>103</sup>. Outro, mais apropriadamente, a nomeou *sua irmã de leite*<sup>104</sup>. Mas, é muito mais razoável dizer que ela, na verdade, é sua filha, visto que não apenas ela nasce com ele, mas também nasce dele. Também é preciso dizer que ela é formada por uma fecundidade infeliz, parecida com aquela daquele tipo de animais que, estando ainda no ventre de sua mãe, carregam um feto e são pais ao mesmo tempo que filhos. E certamente é a primeira e maior pena do pecado: ser o autor de sua própria pena. Não há desculpa legítima alguma contra as reprovações da consciência. Aqueles que ela condena não conseguem se persuadir de que não sejam culpáveis, ainda que, pela opinião de todo mundo, eles até passem por inocentes.

Não há nenhum refúgio, não há nenhum asilo para o infeliz que ela faz sofrer e que ela persegue; ele não seria capaz nem mesmo de encontrar em si mesmo o suporte e a defesa contra si. Por mais inexpugnável que seja a muralha que o cerca, por mais forte que seja a guarda que vela noite e dia por ele, e por mais que ele tenha tudo o que poderia desejar para sua perfeita segurança, infelizmente ele nunca estará seguro. Ele só está verdadeiramente em paz fora; mas, se está dentro, estará sempre com problemas, estará eternamente em guerra. Ele não teme cair nas mãos dos ministros da justiça e experimentar o rigor dos suplícios que ela ordena; mas ele sofre uma pena interior mil vezes mais dura do que o muro que o cerca, que o mantém prisioneiro de si mesmo. Sem dúvida, há cadeias mais rudes que ele não poderia evitar. Como é deplorável a sua condição! Ele pode dobrar um Tirano, ele pode encontrar sua piedade, mas não a poderá encontrar dentro de si mesmo. Eis o horrível suplício que um famoso Bárbaro praticava<sup>105</sup>: por um prodigioso e novo meio, afligia os homens, reunindo em todas as suas partes os corpos vivos com os corpos mortos, a fim de que a corrupção desses ganhasse a vida daqueles, fazendo durar ao máximo o sentimento da morte, até ao ponto de ela se produzir necessariamente. E tornando-o longo, ele tornava ainda mais cruel esse suplício. E eu vos pergunto, se pode haver comparação mais adequada com o remorso que o pecado nos causa? Ele é como uma carniça fedorenta que nos é amarrada e que nos dá a sensação de uma longa morte. Eu chamo assim à negra e profunda tristeza com a qual ele nos aflige. Em todos os outros males, cada um é seu próprio consolador, a razão os alivia ou, pelo menos, os tempera; mas ela dá novas forças a ele, ele recresce, se irrita através daquilo que os outros receberiam atenuações.

Assim, podemos dizer que se trata de injustiça contra a Natureza acreditar que ela seja a única culpada de nossas infelicidades e de nossos problemas. Nós armamos contra nós mesmos nossa própria malignidade; nós lhe colocamos nas mãos o ferro com o qual ela nos mata. Nossas más ações nos fazem sofrer muito mais, sem dúvida, do que nossa má sorte; e nossos sofrimentos procedem bem menos do mal que nos chega por acaso do que daquele que fazemos por eleição. Ora, o maior dos males é sofrer por nossa própria ação. Qual é a miséria daquele que se encontra nesse estado deplorável?

<sup>103</sup> No original latino, Nieremberg escreve:

“*Laxea Victore dictum: Contermina poena a culpas sua est. Item & a Platone*”. Porém, não conseguimos identificar esse autor: será São Victor (?-303)? Ou o Papa São Victor I (155-199)? Ou ainda Hugo de São Victor (1096-1141)? É bem provável que seja este último, mas será preciso uma pesquisa mais atenta para se chegar a alguma certeza a este respeito.

<sup>104</sup> Trata-se de Hesíodo (séc. VIII a.C.), poeta grego.

<sup>105</sup> No original latino não há referência nominal a este bárbaro.

Ele nunca tem contentamento sólido ou, se podemos dizer, ele não tem contentamento algum; suas satisfações são todas falsas; e quando parece que ele se encontra na alegria e nas delícias, ele está é atormentado. Não há nada de mais justo para acusar a Fortuna do que o fato de, nos fazendo o bem, nos leva a fazer o mal, nos aplaudindo e nos bajulando, ela nos suscita as ocasiões e nos facilita os meios para fazer o mal. Para essa infelicidade, sem dúvida a maior de todas ou, para melhor dizer, a única verdadeira infelicidade, a Paciência tem remédio; mas de uma maneira extraordinária e por um nobre esforço que ela faz sobre si mesma, imprimindo o vigor e a atividade de sua inimiga, a cólera; e passando então sob a aparência de impaciência, que é seu sobrenome, da mesma forma que os vitoriosos, antes, se diziam vencidos.

Assim como não há remédio mais soberano contra os males que recebemos da Fortuna do que suportá-los com constância, assim também não há defesa mais segura contra os ataques que a consciência poderia nos fazer do que rejeitar corajosamente tudo aquilo que é contrário à virtude, não admitir de forma alguma qualquer mal que seja dentro de nós, opor todas as nossas defesas contra as suas aproximações. Não há meio mais seguro e fácil para vencer a Fortuna do que sofrer suas injúrias; não há forma mais excelente de se preservar dos ataques da consciência do que não sofrer nada e nada fazer do que seja capaz de os excitar. A única coisa necessária é não se deixar excitar por aquilo que a Fortuna faz contra nós, a fim de torná-la absolutamente impotente quanto ao que diz respeito à nossa ruína. Pelo contrário, é preciso condenar com rigor tudo aquilo que pode nos trazer remorso, a fim de adquirir uma calma perpétua em nossa consciência. Os meios que a Fortuna emprega para nos causar um mal são conhecidos por nós; só a origem que nos é escondida e, por isso, é-nos tão difícil evitá-los e nos prevenirmos deles. Porém, é muito fácil para nós nos abstermos das coisas que podem nos causar arrependimento, pois isso depende unicamente de nós; e, para que ajamos mal, não é preciso movimento algum de outros, mas apenas nossos. Portanto, é preciso que nos previnamos, visto que não somente conhecemos suas causas, como também sabemos que elas estão em nós; e, por uma vergonha antecipada, evitemos aquilo que não é honesto, para que não ressentamos a aflição. Assim, nunca teremos remorsos. O que nos serve contra a Fortuna vem antes dos males; mas o que nos protege dos atentados da consciência nos previne dos males. O primeiro é um remédio e outro é um antídoto. É um feliz obstáculo que os impede de chegar. A dor que nos vem de uma má ação pode muito bem se levantar contra ela mesma e se tornar uma justa indignação contra a injustiça da Fortuna; mas aquele que procede de uma ação viciosa deve permanecer do rebaixamento e, por uma timidez saudável, não deve nunca ter a segurança de se levantar. Assim como a alegria e a tranquilidade do espírito são os frutos e os ornamentos necessários da inocência, o desprazer a vergonha de ter falhado são as flores e os sinais mais certos da mesma inocência. O pudor é a infância da Virtude; e sendo assim evitemos ao máximo abafar o lamento que vem do pecado, visto que será ele mesmo que irá destruir o pecado – por um parricídio legítimo e feliz, esse filho mata o pai. A Providência, de quem cada efeito é uma maravilha, quis para o bem do mundo que os animais malignos que não estão na ordem dos produtos ordinários da Natureza e aqueles que parecem ter nascido apenas para a ruína de outros, fossem estéreis ou que só fossem fecundos para a própria infelicidade. Ela quis que as coisas nocivas e malfeitoras não tivessem escapatória ou que não pudessem escapar por muito tempo. Assim, as mulas são infecundas para que os monstros não se multiplicassem; as víboras só produzem para sua própria destruição. Nisso, elas são verdadeiramente mães felizes, visto que são mães de sua própria morte. Certamente que, como elas recebem a

morte de seus próprios filhos, o lamento que nasce do pecado faz morrer o pecado mesmo e, conseqüentemente, é bastante justo que deixemos viver esse favorável destruído dos males. Assim, não devemos impedir seu nascimento, mas o nascimento daquilo que o produz. Não é preciso nos defender do lamento após a falta, mas nos defender da falta mesma.

Portanto, para não cair sob o jugo e a tirania do remorso, evitemos, quando estiverem nascendo, os maus desejos e os afetos desordenados. Resistamos corajosamente a tudo aquilo que nos aconselha o mal. Ninguém, certamente, que lhe tenha dado crédito se saiu bem. Todos os nossos defeitos, todos os nossos desprazeres, procedem em absoluto do defeito de nossa paciência, porque, não querendo sofrer, recusamos fazer o que há de mais excelente na Virtude. Falhamos no maior e no mais necessário dever que ela nos impõe. Quando agimos no pecado, esses dois males se apresentam para nós: o de cometê-lo ou o de sofrer algo para nos defendermos de cometê-lo. Ora, nossa miséria é tal que, para nos garantir contra este, que é muito fácil de suportar, nós nos precipitamos no outro, que é tão extremado; e caímos nele com muito pouco escrúpulo, dada a natural complacência que temos com nossos sentidos, cujas formas de persuasão são muito poderosas a ponto de falar mais alto que a razão. Ela quer soframos um pequeno mal para que evitemos o pecado que, sem dúvida, é o maior de todos os males. Pelo contrário, eles querem que nos abandonemos ao pecado muito mais do que admitamos a menor pena; eles deixam a alma perecer cruelmente, mais do que consentem o mais leve sofrimento ao corpo. O remédio infalível para esses dois males é sofrer o último e resistir ao primeiro. E se não sofremos algo para não pecar em nada, sofreremos um tormento extremo por ter pecado. Quem não escolheria muito mais um curto sofrimento em lugar de um longo incômodo como é o que nos causa o remorso? Verdadeiramente, visto que não sabemos evitar sofrer – seja antes da falta, para que não a cometamos, seja após a falta, por tê-la cometido –, seremos não apenas muito ignorantes e cegos, como também nossos próprios inimigos quando perdermos a vantagem que temos nessa escolha e se, nos encontrando entre dois males, falhemos quanto à máxima que nos diz que devemos eleger o menor; através disso, nos eximimos do rigor dos dois grandes suplícios; nos subtraímos ao furor dos dois Tiranos desumanos – a pena que nos causa o remorso e aquela que nos impõe a penitência do crime. Assim, este sofrimento praticado antes dos males nos servirá como excelente antídoto contra os males mesmos; e, por um mal abreviado, evitaremos o mal inteiro. Mas, somos de tal forma inimigos de nosso próprio bem que rejeitamos aquilo que nos preserva como se fosse um veneno; e não temos menos desconfiança e horror daquilo que nos concede saúde do que daquilo que nos arranca a saúde e nos faz perder a vida.

Tendo dito isso tudo, fica claro que esse sofrimento é salutar, na medida em que, não sendo um mal, é a causa de um bem extremado; ele produz e estabelece a paz e a alegria do espírito. E eu vos pergunto que bem, por maior que seja, pode justamente ser comparado com a felicidade daquele que não sente nem incômodo nem remorsos? Alguém cuja consciência, podemos dizer, é um Teatro inocente e magnífico para as ações da Virtude. Alguém que é adornado com a pureza do seu coração como se fosse uma joia vinda do Céu, como se fosse um ornamento divino e conveniente a Deus. Que alegria pode se igualar àquela que resiste aos esforços da mais negra tristeza e que nenhum acontecimento estranho e funesto conseguiria suspender ou atrapalhar? Um Antigo, a este propósito, disse muito bem que os tormentos mais rudes e mais incômodos são apenas motivo para desprezo para aqueles cuja consciência não sofre com nenhuma recriminação; porque como não tem nenhuma diminuição para aquela a quem ela atormenta, sem dúvida, não há também nenhuma pena para aquele a quem ela

justifica<sup>106</sup>. Um não seria capaz de encontrar suporte ou defesa contra si; e o outro se encontra perfeitamente livre de dor e de apreensão. A consciência sã e sem recriminação é a mais alta vantagem de um homem de bem; é a primeira coroa da Virtude; é sua recompensa natural; é o maior ganho que podemos ter no comércio que temos com o mundo; e, para não mentir, poderíamos esperar proveito mais considerável e tirar uma usura melhor do sofrimento do que nos colocarmos na defesa contra o pecado, do que adquirir um perfeito repouso e comprar, por assim dizer, com um momento de pena, um século, uma eternidade de alegria? Pelo contrário, pode haver perda mais perigosa do que o ganho que se tem no mal? Visto que ele se faz ao preço da consciência. Não é exatamente a este respeito que o Sábio se refere quando diz que é preciso preferir a perda ao mau negócio?<sup>107</sup> Visto que uma só nos aflige uma única vez, enquanto que a outra nos faz sofrer sem cessar. Visto que, se não podemos desejar bens maiores do que a liberdade, pois todos os outros só nos tocam imperfeitamente sem ela, nós a possuímos eminentemente se formos isentos de temor; porque o que pode ser apreensivo para quem não é motivo de apreensão para si mesmo? Alguém, perguntando a Periandro<sup>108</sup> no que consistisse a liberdade, obteve como a resposta: na boa consciência. Outro, seguindo seu pensamento, disse *que o homem de bem é aquele que parece menos viver pela vida que pela virtude, que não sente nenhuma guerra interior, quando luta contra seus inimigos; e que, trazendo um coração limpo e puro, é a feliz testemunha desta verdade: que a coragem é filha da inocência*. Pelo contrário, eu vos pergunto, qual é o efeito do remorso? Ele nos abate, ele nos arranca o coração, ele nos confere a baixeza e a timidez dos escravos. E, para dizer a verdade, que alegria, ou apenas que segurança pode haver aquele que sofre em si mesmo um suplício contínuo, que tem serpentes no seio, que o fazem sofrer o tempo inteiro, que o pressionam e enchem de dor, e para quem o futuro paralisa de medo? Quem, para dizer em poucas palavras, está num abismo de males do qual ele só ousa esperar o fim de sua vida e para o qual ele não encontra nem remédio nem alívio?

### COMPLEMENTO III

#### *As ações honestas nutrem a alegria*

Sendo que as boas ações são fontes felizes de onde jorra a alegria e legítimos títulos que nos garantem sua posse, busquemos ardentemente a Virtude; coloquemos toda a nossa correção e todo o nosso estudo em jogo para chegar aí; não deixemos jamais de agir bem. Nisso deve estar nosso maior cuidado e nossa tarefa principal, já que se encontra nisso, sem dúvida, o mistério de nossa felicidade. Não haveria sacrifício mais digno do Céu do que lhe oferecer como vítimas agradáveis nossas próprias mãos. Os Antigos Portugueses cortavam a mão direita de seus cativos e a imolavam a seus Deuses, se impondo, através disso, uma obrigação necessária de abraçar o sofrimento e pareciam lhes prometer, com essa mão, não lhes deixar ociosas. A exemplo desse povo,

<sup>106</sup> No original latino, Nieremberg cita um certo "*religiosusTheophanes*", o que parece se referir a Teófanos o Grego (c. 760-817), monge bizantino bastante cultuado na Igreja Ortodoxa.

<sup>107</sup> No texto original, Nieremberg se refere a um dos Sete Sábios da Grécia, nomeadamente a Quilón de Esparta, que viveu no século VI a.C..

<sup>108</sup> Ao que tudo indica, trata-se de Periandro (?-583 a.C.) que foi o segundo tirano de Corinto.

e mais razoavelmente ainda – já que temos as luzes e os conhecimentos que eles não tinham –, ofereçamos a Deus nossas próprias mãos e não aquelas de outros. Sem dúvida, é nos louvar muito mal, ou ainda mais é não nos louvar em nada, dizer apenas que não somos viciosos; e só pode ser um louvor na medida em que temos complacência com nossos defeitos e nos bajulamos a nós mesmos. A corrupção do mundo chegou a tal ponto que aquele cuja vida, aparentemente, não é sobrecarregada e criminosa que, para bem dizer, é o menos malvado, passa por homem de bem; mas, como a glória é pequena! Para falar ingenuamente, como ela é falsa! Achamos que ele merece não ser considerado malvado, mas ele merece ser condenado. Não é suficiente não ter o hábito no vício; não devemos permanecer aí, é preciso ir adiante, é preciso ter o hábito na Virtude. Há diferença entre fazer o bem e não fazer o mal; a verdadeira estima consiste no primeiro e nunca poderá vir do outro. Como, para não fazer o mal, nós, no entanto, nos escusamos de não fazer mal, mesmo podendo fazer o bem, nós nos tornamos criminosos se não o fizemos. O louvor vem do bem e nunca poderá vir do mal. Ele deriva da Virtude como se fosse essa a sua fonte natural. Portanto, nos deve ser suficiente que nossas ações não nos engajem no arrependimento e não nos lancem condenações sobre nós. Devemos agir de tal modo que elas nos deem satisfação e mereçam aplausos. Mesmo que não nos tornemos bons pela prática do bem, há muito a dizer sobre a diferença entre fazer o que é bom e fazemo-nos bons nós mesmos. Não é suficiente fazer o bem. É preciso fazê-lo de tal sorte que ele peça para ser feito; é preciso sofrer com isso de tal modo sejamos obrigados a fazê-lo. A virtude, que é a regra de todas as coisas, está às vezes muito mais na maneira que nas coisas. Fazer o bem e não o fazer com a arte e o método que lhe são próprios é gastar com uma mão o que fazemos com a outra, é escrever com uma bela caligrafia e apagar o que se escreveu ao mesmo tempo em que se escreve. O bem cessa de ser bem se ele não é feito com as precauções convenientes e necessárias. Se, portanto, queremos fazer boas ações e as fazer precisamente, se queremos que nossa obra seja impecável e limpa, adquiramos pureza; pensemos que uma mancha aparece muito mais sobre uma veste real do que sobre um manto simples – na veste real, ela é muito mais suja e vil.

O Arminho, esse nobre animal, que parece se desfazer de sua pele apenas para revestir os Reis, e que serve como seu adereço e pompa, prefere muito mais morrer do que se sujar. Ele conserva sua pureza através da perda mesma de sua vida. Que desculpa pode haver, depois disso, para os homens que estimam menos a Virtude do que um animal estima sua pele? Ou para homens que preferem simplesmente viver a viver com honra? Ou ainda para aqueles que optam apenas pela vida, em detrimento daquilo que lhes pode conferir lustro e ornamento? Que evitam, assim, aquilo que pode tornar a vida agradável e feliz? Esses homens, certamente, são indignos, pois amam a vida por si mesma. Mas, ela só deve ser considerada como um instrumento necessário para a prática da virtude. Se respeitarmos apenas isso, será o suficiente para que a consideremos cara. E seria uma estranha perversão da ordem, seria cometer uma injustiça, fazê-la servir ao desprezo da Virtude. Eu vos pergunto, o que pode haver de mais vergonhoso e miserável do que não merecer viver, por não ter preferido a morte à infâmia? Pelo contrário, o que pode haver de mais digno e nobre do que viver gloriosamente na memória dos homens por haver evitado a infâmia através da escolha voluntária da morte? Que coroa carregam, por causa de uma tão bela eleição, esses dois famosos Atletas, Dâmocles e Pelágio! O primeiro porque preferiu se entregar à morte do

que consentir com as brutais paixões de um Tirano<sup>109</sup>. O segundo, por se garantir das amorosas perseguições de um Rei Bárbaro, se deixou cortar pedaço por pedaço, preferindo perder a vida que a inocência, e sofrer mil suplícios a trazer uma única mancha de impureza no corpo<sup>110</sup>. Pode haver mais glorioso troféu do que aquele que se eleva pela derrota do vício? Ele quis morrer para permanecer casto. Arrancaram-lhe todos os membros, mas não lhe tiraram uma gota do contentamento; e, não tendo nem mãos nem braços, ele tinha o suficiente ainda, ele foi suficientemente poderoso, suficientemente forte, para lutar contra a potência de um Rei e destruir todas as máquinas de sua cólera. O que mais posso dizer a esse respeito? Mais do que ter a vergonha de se ver sujo, ele não teve o mínimo horror de se ver morto. Esta glória não foi menos corajosamente aceita por essas ilustres Virgens, essas Heroínas do cristianismo, Apolônia<sup>111</sup>, Margarida<sup>112</sup>, Águeda<sup>113</sup> e Brígida<sup>114</sup>; e isso lhes custou a ruína inteira de sua beleza. Como se elas tivessem desejado isso para punir a inocente traição que a beleza lhes havia feito, ao acender a más paixões no coração dos Tiranos; assim, elas expuseram com alegria a beleza que tinham à crueldade dos carrascos, elas se viram, cheias de alegria, tendo o rosto e os seios sendo desfeitos para que se conservasse sua pudicícia, elas se gloriaram da deformidade de seus corpos como se fosse a melhor e mais segura guarda que poderiam dar para a beleza de suas almas.

Nós gostamos quando estamos vestidos com um belo par de sapatos cujo uso é pensado apenas para o chão; e o operário se gloria de fazer adequadamente algo que, tão logo é feito, se exporá à sujeira. Será que somos tão covardes e negligentes para com uma vestimenta tão rica como é a virtude, que é feita para o Céu e cujo uso diz respeito a Deus mesmo? Cada artesão se dedica a trabalhar de tal forma que o mais rigoroso dos Censores não seja capaz de encontrar nada de repreensível. O homem, tendo que se formar, tendo que se produzir, tendo que produzir a mais nobre e excelente de todas as obras, não deveria, por isso mesmo, se esforçar de tal forma a esse trabalho a ponto de se poder dizer que não há nenhum defeito no produto final? Assim como só podemos saber acerca de uma árvore a partir da bondade de seus frutos, só podemos pretender ser dignos de estima a partir de nossas ações virtuosas; elas são nosso preço e nossa glória; elas nos permitem adquirir uma glória que não tem preço. Portanto, visto que nossa dignidade depende unicamente de nós mesmos, e que ela só é indubitável na medida em que fazemos o bem, fazemos nosso preço e nosso valor de estima, não nos contentemos em ser medíocres; façamos o bem no grau mais eminente, para merecer a glória até ao

<sup>109</sup> Ao que tudo indica, trata-se do protagonista de uma anedota moral criada por Timaneus de Tauromenium (c. 356 a.C.-260 a.C.). Desse relato é nasceu a expressão “espada de Dâmocles” para indicar a insegurança dos que têm grande poder.

<sup>110</sup> Parece que se trata de São Pelágio de Córdoba (912-926), que foi martirizado pelo califa Abderramão III. É venerado pela Igreja Católica como exemplo de virtude e de castidade juvenil frente à homossexualidade. Segundo os relatos de seu martírio, foi morto com tenazes de ferro que o cortaram pouco a pouco em praça pública.

<sup>111</sup> Santa Apolônia de Alexandria (?-249), martirizada durante a perseguição de Décio, teve todos os dentes arrancados ou quebrados sob tortura.

<sup>112</sup> Encontramos várias referências a santas com este nome, mas nenhuma com precisão suficiente para indicarmos como sendo aquela a que se refere Nieremberg.

<sup>113</sup> Santa Águeda de Catânia (c. 230-251), martirizada também durante as perseguições de Décio, teve os seios arrancados com tenazes.

<sup>114</sup> Também não encontramos uma referência precisa quanto a esta santa.

mais alto ponto. Um sábio da antiguidade disse muito razoavelmente que cada um é filho de suas obras e, nisso, por uma nova e rara maneira de geração, temos o ser daquilo que o tem de nós<sup>115</sup>. É desta genealogia que devemos nos gloriar. Nossas boas ações são nossos ilustres Antepassados; são os monumentos e os títulos de nossa nobreza. O excelente privilégio de nossa Razão, de nos podermos compor a nós mesmos, e nos formarmos tal como nos agrada ser. O grande operário do mundo só teve, parece, como desígnio começar e esboçar o homem; ele lhe deixou, tão logo o criou, o cuidado e os meios para se terminar, e lhe colocou entre as mãos os instrumentos necessários para chegar à sua perfeição. A virtude não é um bem que outra pessoa poderia adquirir para nós; ela precisa de nossa ação; sem dúvida, é o fruto de nosso estudo e de nossa indústria. Ela não é comercializável nem pode ser traficada, assim como as coisas da Fortuna. Ela não pode ser nem emprestada nem trocada. E quando nós a adquirimos, não é melhor que ela venha de nós e seja nossa produção? Seguramente que vale mais. E Deus mesmo, que nos destinou para sermos suas imagens vivas, não espera que sejamos Expectadores inúteis de seu desígnio; ele quis que nós sofrêssemos no rumo do destino junto com ele, e que fôssemos os artesãos da obra cujo Arquiteto é ele. Dar-lhe-íamos o imenso desprazer de ver essa obra imperfeita por causa de nossas faltas? Se algum desses grandes Escultores que a Grécia coroou por terem feito as imagens dos Deuses, trabalhando na estátua de Júpiter, e se entediando com um ofício tão nobre, a tivessem deixado inacabada para se ocupar em outras funções vis que poderiam ser realizadas pelos últimos dos homens; se, abandonando o ouro e o marfim esse Escultor fosse se sujar as mãos para tirar o barro das rodas; que julgamento se faria dele? Haveria uma desculpa legítima para uma tal fraqueza? Nós não somos menos ridículos quando nos ligamos ao lixo dessa vida e quando deixamos imperfeita a imagem viva da Divindade. Consideremos a ofensa que a Divindade recebe de nós quando esse é o assunto. Nós não apenas não temos o cuidado de representá-la como ela é, e de fazer com que a figura responda à dignidade de seu modelo, como também fazemos o modelo mesmo defeituoso; nós o imaginamos sem olhos, sem mãos e sem pés; sem luz, sem ação, sem progresso rumo ao bem; nós o tornamos incapaz de exercer a virtude, não sentimos vergonha de fazer dele um monstro. Como nos afastamos de sua verdadeira semelhança! Quais as proporções pode ainda haver entre as cópias e o original? Podemos julgar isso a partir dessas palavras de um Padre entre os Gregos<sup>116</sup>: *Aqueles cujos hábitos são conformes à virtude carregam, profundamente impresso, o caráter da Divindade. Ligados que estão à matéria, são considerados como Deuses. A virtude, neles, cumpre o papel do corpo; eles têm por alma um conhecimento puro e infalível; eles possuem as vantagens da natureza divina.*

Portanto, esforcemo-nos seriamente numa obra de tamanha importância; não nos distraiamos de um labor tão necessário e glorioso. O espetáculo que estamos preparando não é para o mundo, é para o Céu. Somente nisso podemos dizer que estamos

<sup>115</sup> No original latino, Nieremberg simplesmente anota:

“*Unusquisque filius est operum suorum: rarum generationis genus, esse ab illis, quae eas sunt*”. Não há, portanto, referência explícita ao “sábio da antiguidade” e sequer aparece como citação a frase que o tradutor anotou como citação.

<sup>116</sup> No original latino, Nieremberg escreve:

“...*inquit in suis theologicis magnus Theologus Maximus, & addit...*”; trata-se portanto de São Máximo o Confessor (c. 580-662) que também é conhecido como Máximo o Teólogo ou Máximo de Constantinopla.

trabalhando para a eternidade; e nosso verdadeiro desígnio é agradar a Deus e não aos homens. Assim, não esperemos menor glória do que a de sermos louvados por Deus. O Escultor executa sua obra com tanto cuidado porque ele sabe que, ao dá-la ao público, ele terá todos os Expectadores como Juizes, e que os defeitos que escapam aos olhos do povo não serão capazes de evitar a censura dos hábeis e dos inteligentes. Seremos menos cuidadosos conosco mesmos, tendo que aparecer diante de um Juiz, à vista de quem nada pode escapar, que conhece soberanamente o bem e o mal que nos fazemos, e que não receberá nossa obra se ela não estiver dentro do rigor e da justiça das regras que eles nos deu? Nada de nós lhe é mais agradável do que aquilo que é direito e legítimo. Só seríamos capazes de agradá-lo com uma sólida e real virtude. Ele, certamente, não é nada parecido com esse Júpiter indulgente dos Atenenses que se contentava com um sacrifício enganador e cujo culto mais verdadeiro era feito com falsas vítimas. Estejamos bem atentos de nada lhe oferecer de indigno de sua aprovação. Não seria uma extrema loucura querer nos apresentar a ele imperfeitos e incapacitados justamente da melhor de nossas partes, ou seja, incapacitados de nossa razão que é deixada definhando numa sonolência mortal que lhe arranca todas as forças de movimento e de ação para o bem, e a impede de produzir os efeitos que sejam dignos dela. Se somos capazes de abandonar livremente ao ferro um membro inútil e morto, que desonra o corpo e que só é um peso inútil para o corpo, seríamos tão covardes a ponto de sofrer esta miserável apatia que nos segura na realização de toda e qualquer ação virtuosa, que enfraquece e sufoca tanto o vigor de nossa alma a ponto de dizermos que ela fica como que morta na mais perfeita de suas operações? Ela torna inúteis para nós todas as vantagens da Razão; e tirando-a da ação, ela nos faz cair do mais alto nível e nos priva do mais nobre título que honra nossa condição; ela abole toda a grandeza e toda a glória do homem. Nesse estado infeliz, podemos, verdadeiramente, acreditar que usamos da Vida? Se nós a recebemos apenas para agir e agir razoavelmente, nós a passamos inteira na ociosidade; perdemos todo o tempo que deveria ser empregado para fazer o bem; não temos a vergonha de apodrecer numa preguiça tão infame. Para dizer bem claramente, não sofrer nada é não viver nada, é fazer da vida um espaço vazio e, por assim dizer, um eclipse. Somos tão ociosos que não poderíamos dizer razoavelmente se estamos vivos.

Com efeito, o que é a preguiça senão a morte de um homem que sobrevive a si mesmo; do que um sono vígil, parecido com o de certos animais que dormem com os olhos abertos? Na verdade, a preguiça é não viver, é não cuidar para bem viver. Este pensamento de um Sábio do Paganismo foi bastante razoável: *um só dia da vida de um homem hábil vale mais do que toda a vida de um ignorante*<sup>117</sup>. E nós diríamos, além disso, que um momento bem empregado é preferível à longa duração, não apenas dos pecados, mas também da ociosidade e da inutilidade. O tempo é algo sagrado; ele tem sua origem nos Céus; ele é produzido por seus movimentos; ele vem do lugar onde a eternidade reside; é preciso restabelecer ali e buscar nele a eternidade. Ele parece, nisso, com a potência suprema da qual ele depende; que o conheçamos ou que não o conheçamos e, sem dúvida, quando ele está presente, é exatamente então que ele é mais invisível. Consideremos aonde nos leva a infelicidade de o desprezar e de não utilizá-lo como é preciso. O primeiro, nos torna culpados de sacrilégio. O outro faz de nós homicidas de nós mesmos, visto que é indubitável que viver mal é, de alguma maneira, se matar. Assim, podemos muito bem dizer que um homem ocioso é, ao mesmo tempo,

<sup>117</sup> No original latino, Nieremberg nomeia esse sábio como sendo Posidônio de Apameia (c. 135 a.C.-c. 50 a.C.), que foi político, astrônomo, geógrafo, historiador e filósofo grego, seguidor da escola Estoica.

vivo e morto; que uma vida estéril e que nada comunica é uma morte mesma na vida. Mas, ainda mais, é uma morte ainda mais malvada, na medida em que se compadecendo com a vida ela não nos faz perder o sentimento. A mortenatural tem isso de bom: ela nos incapacita para o sofrimento. Pelo contrário, aquela que nasce da preguiça nos faz, não apenas sentir os males, mas ela é tão maligna que elas os produz; da mesma maneira que um terreno ruim produz cardos e espinhos.

Desejamos muito que nossos campos e nossas vinhas deem bons frutos; e somos, sem dúvida, muito cuidadosos na colheita daquilo que eles nos dão. Mas, que infelicidade é essa a nossa que nos faz sermos negligentes com o fruto que podemos colher de nós mesmos? Que infelicidade é essa que nos faz não querer nos impor pela melhor colheita que podemos fazer? Que infelicidade é essa que nos faz estimar tanto os bens estrangeiros e tão pouco aqueles que vêm de nós mesmos? O homem é um terreno tanto mais fértil e feliz quanto mais é cultivado pelas próprias mãos de Deus. Seus frutos são suas boas obras; que ele saiba, portanto, usar de si mesmo, visto que não há nada de que ele possa tirar mais vantagem do que disso; que ele se sirva disso e que ele se aproveite disso, da mesma forma que ele faz coisas para si mesmo. Como nossos terrenos não produzem por si mesmos, eles só produzem o que podem e, muito frequentemente, menos do que podem. Se o pecado do homem não tiver colocado limites à fertilidade da terra, se ela estiver livre nas suas produções, certamente que, ao invés de só responder raramente às nossas expectativas e praticamente sempre ter efeitos menores do que suas promessas, ela ultrapassará em muito nossas esperanças e desejos. Com isso, ela depende da constituição e dos caprichos do exterior, e só produz aquilo que agrada a esta potência Superior. Somos tão felizes que nossa fertilidade não é em nada limitada, nem depende de outros. Produzimos apenas para nós e ainda com a vantagem de produzir o quanto quisermos. Portanto, não deixemos na inutilidade a melhor e a mais nobre de nossas posses; não diminuam em nada, por nossa preguiça, o maior e o mais seguro de nossos rendimentos; o mais precioso de todos os nossos bens; aquele apenas através do qual podemos estar certos de ter e nos persuadirmos de ser ricos; em uma palavra, aquele cuja excelência é tal que, nos causando extrema satisfação, e nos levando a um proveito maravilhoso, não dá menor prazer a outros.

É exatamente assim que entendemos a virtude. Já não fizemos, uma vez, a comparação mostrando a conformidade particular que há entre ela e a Música? Assim como esta última agrada naturalmente e dá prazer tanto àqueles que não a conhecem como àqueles que têm inteligência dela, também a outra agrada àqueles que não a têm como também àqueles que a possuem. A experiência justifica que mesmo os Viciosos a consideram com estima e a reverenciam nos outros aquilo que não conseguiriam encontrar em si mesmos. Dá-se a glória à Música por ter, outrora, levantado os muros de uma cidade; a Virtude faz algo ainda maior e mais admirável; e aquilo que é uma fábula para aquela, é uma verdade para esta; a Virtude edifica a Cidade do Céu. Uma e outra recriam o espírito; elas o excitam com a alegria. Todas as duas exigem exercício e demandam estudo e atenção. A Virtude, assim como a Música, produz sua obra; não se trata de uma obra consistente, como a obra das artes mecânicas; ela é das Artes liberais, sua obra é sua operação. É suficiente para os operários sedentários e para aqueles que exercem uma arte pública expor sua tarefa para que se faça ver a sua habilidade. Julga-se um Pintor e um Escultor pelas imagens que eles mostram; e visto que elas sejam boas, não se fica inquirindo sobre a forma como eles trabalharam para realizá-la; e se foi por acaso ou por habilidade que eles conseguiram; nesse sentido, eles até poderiam ter realizado a obra sem se dar conta, sem conhecer adequadamente a arte ou, pelo menos,

sem observar suas regras e máximas. Há um Pintor famoso que, jogando com cólera uma esponja em sua obra, a concluiu felizmente, e fez, por despeito, o que não conseguiu fazer por Arte<sup>118</sup>. Dessa forma, ele não tem Virtude, pois ela não faz nada por ignorância, nada por cólera; ela toma de empréstimo ainda menos do acaso, visto que ela é sua inimiga; e ela não quer dever nada à Fortuna. Se o bem que fazemos não for ordem sua e parte de seu método da Virtude, ele será irregular e falso. Nós fazemos mal uso da virtude quando não agimos conforme sua prescrição. Em todas as outras artes, uma só obra é suficiente para mostrar a inteligência que se adquiriu acerca dela. Um operário se contenta com isso e, se ele quiser, não lhe é necessário trabalhar muito. Mas, assim como o Músico não seria capaz de mostrar sua Arte se não cantasse, nós também não seríamos capazes de mostrar que agimos bem se não agirmos. E certamente não será suficiente agir assim uma única vez; é preciso fazer incessantemente, é preciso mostrar que se possui a Virtude por um contínuo exercício da Virtude mesma.

Como não há nada de maior utilidade do que a Virtude, nada também é tão usado quanto ela. E, de fato, ela tem essa excelente prerrogativa de não decair em nada ao longo do tempo e de crescer muito mais do que perecer. Porque, ainda que a operação das Artes não seja consistente e passe, a operação da virtude permanece e não passa. Desejaremos conhecer um meio raro de não passar também nós? Um meio infalível e fácil de adquirir a imortalidade? Basta que não nos seguremos àquelas coisas pelas quais o comum dos homens tem paixão e julga sólidas e permanentes; os bens, as honras e as outras obras da Fortuna. Por mais constantes que elas pareçam, por mais duráveis e fiéis que acreditemos que sejam, elas passarão tão logo começemos a sonhar menos com elas; e, por uma cruel infidelidade, elas nos abandonarão tão logo as creiamos nossas. Portanto, para nos preservar dessa infelicidade tomemos o partido contrário. Esforcemo-nos com aquilo que parece não ter nenhuma duração, quer dizer, no fazer o bem. Sem dúvida, é isso o que permanecerá e que, por uma fidelidade rara e maravilhosa, nos acompanhará até à morte e, até mesmo, para além dela; é preciso imprimir em nós, seriamente, a verdade segundo a qual temos todo o tempo o bem que fizemos uma vez e segundo a qual praticar um momento que seja a virtude é adquirir uma vantagem que se estende e se comunica a toda a vida. Não há assistência que se assemelhe àquela que recebemos de nossas boas obras, quando não temos nem suporte nem consolo de ninguém, quando nossos amigos, parentes e toda segurança nos vêm a faltar e nos encontramos abandonados por todos; elas, por outro lado, são nossas amigas e assumem o lugar de parentes, elas nos dão uma segurança muito poderosa a ponto de vencer nossos inimigos mesmos. Através delas, o ódio mais obstinado entrega as armas sobre nossa tumba e nós nos tornamos vitoriosos em todas as perseguições da inveja. Através delas, a posse da imortalidade nos é assegurada e nós colhemos calmamente a mais alta recompensa da Virtude. Eu vos pergunto, de que nos serve enterrar nosso ouro conosco se, com isso, apenas estamos fazendo um Ato de Justiça, devolvendo para a Terra aquilo que tiramos de suas entranhas? Quando deixamos de ser, nossas riquezas nos são inúteis; perdemos a capacidade de usar delas quando perdemos a vida, e nada além de nossas boas obras permanece depois da tumba. Sobre isso, a morte não tem direito algum. Seu rigor é impotente contra a Virtude; não apenas ela é incapaz de apagar seu brilho, como também acaba destacando-o ainda mais. De todos os desejos de que é capaz o homem, não há nenhum que lhe seja tão próprio e natural como o da

<sup>118</sup> No texto latino, Nieremberg não fala de “um” pintor específico, mas fala hipoteticamente de um pintor que assim agisse.

imortalidade: às vezes, esse desejo é de tal sorte que, para chegar à imortalidade, até mesmo os mais malvados se fazem gente de bem; e aqueles que não foram bons de verdade, pelo menos fingiram ser e acabaram por assumir a fisionomia e aparência de bons. Julguemos, com isso, quão excelentes e necessárias são as boas obras, visto que é apenas através delas que se realiza o mais natural e violento de nossos desejos. Certamente, elas não são sujeitas à fatalidade da tumba. Agir bem é um meio raro e fácil de se tornar imortal; a morte dos bons e dos virtuosos é, para eles, como que uma sorte de continuação da vida.

Assim, para satisfazer ao maior e mais nobre desejo que recebemos da Natureza, e para adquirir uma vantagem tão alta – que é a de nos tornarmos imortais – tenhamos todos cuidado e toda habilidade possíveis para nos instruímos no método de fazer o bem; liguemo-nos fortemente ao estudo da Virtude, como àquilo que deve ser nosso exercício mais ordinário. Mas, guardemo-nos de nos divertir numa ociosa e vã contemplação; e de perder o tempo na busca por meios de fazer o bem, quando o que temos que fazer é, na verdade, praticar. Guardemo-nos de cair no inconveniente daqueles que, por perderem muito tempo na deliberação, não executam nada e nunca chegam ao objetivo, por ficarem considerando com muito cuidado qual a melhor via para chegarem ao objetivo. A maneira é, sem dúvida, necessária em todas as coisas, se não for nelas que consiste puramente a maneira mesma, como são as boas obras. É preciso aprendê-las através do uso, e nos relembremos daquilo que Pitágoras disse: não é no conhecimento que reside o bem, mas na ação. E, certamente, fazer o bem é, nisso, ser muito sábio; é suficiente ter a inteligência disso do que ter a prática disso. O saber e a eloquência do Médico não servem a nada, para o doente, sem a operação da mão e a aplicação do remédio. Uma poção vale muito mais, nesse sentido, do que todas as especulações da Academia e do Liceu. Os conhecimentos sublimes e delicados não fazem o homem de bem, mas somente a prática da Virtude.

Ora, nisso, é de extrema importância, para nós, não ignorar que há uma certa avidez de conhecimentos, um desejo insaciável de saber, que consiste em sempre se encher, sem nada produzir, em ajuntar uma infinidade de regras e máximas e nunca colocá-las em prática. Assim como o justo emprego do dinheiro é nos fazer ter as coisas que nos são necessárias, o direito e o legítimo uso da ciência é nos permitir adquirir a Virtude, nos fazer praticar o bem. Mas, como é o costume dos avaros esconder e enterrar seu Ouro, não se servindo dele nem dividindo-o com outros, eles pensam, eles aspiram incessantemente a novas riquezas; assim também, há homens que tendo adquirido excelentes conhecimentos e se tendo enchido de preceitos salutares, os escondem e os enterram em seus espíritos; e não cessando de buscar novas curiosidades, incorrem justamente no erro que levou um Filósofo a censurar os Atenenses *de usar seu dinheiro apenas para calcular*<sup>119</sup>. O que pensamos que seja a riqueza de um Avaro? Ela não é mais do que uma magnífica pobreza. Eu vos pergunto ainda mais, o que é do saber de que nada se pode aproveitar? Ou uma sabedoria louca? Por mais cheios de bens que sejam os avaros, podemos dizer, seguramente, que eles são os mais pobres de todos os homens; e podemos dizer também que não há ignorantes maiores do que aqueles cuja ciência, por profunda e universal que seja, nada produz, não traz fruto algum. Como a

<sup>119</sup> No original latino, Nieremberg escreve:

“Dicamdeiis, quod Anacharsis de Atheniensibus, nummis ad numerandum dumtaxat”. Trata-se, pois, de Anacársis, um filósofo cita que viveu no século VII a.C., de quem se sabe muito pouco a respeito.

natureza se contenta com pouco e não há muitas coisas que sejam necessárias para a vida, a prática da Virtude não tem necessidade de muitas regras; e se se fazem, todos os dias, Livros, se se fazem tantos Volumes sobre isso, não é para que nós a abracemos, mas apenas para excitar nosso querer. Aqueles que sofrem para nos fazer bons imitam aqueles que jogam dados; como nossa conversão e nossa emenda é seu objetivo, como eles querem nos ganhar, eles buscam todos os meios para isso, eles tentam frequentemente a Fortuna para ver se têm algum sucesso; eles jogam os dados várias vezes para ver se conseguem uma boa soma de pontos; eles arriscam muitos discursos para tentar nos persuadir. Assim, certamente, nos é necessário pouco para praticar a virtude, mas nos é necessário muito para que nos resolvamos. Ajuntemos a isso, para a confusão daqueles que tornam inúteis, por covardia, suas luzes e seus conhecimentos, para os sábios ociosos, que eles são ainda mais ridículos do que aqueles que guardam seus tesouros; o dinheiro se consome com o uso; ele pode ser corrompido e pode ser falsificado; enquanto que o saber que se coloca em prática e que se emprega em fazer o bem conserva não apenas o seu valor, como também adquire, todos os dias, mais valor e se torna ainda mais precioso.

A Esperança de agir bem no futuro e, dessa forma, reparar os erros do passado, nos diverte e nos engana algumas vezes. Acreditamos que, tendo adquirido bastante saber e enchido nosso espírito com uma infinidade de conhecimentos, nós os colocaremos em prática facilmente e receberemos de nós mesmos, como se viesse de uma segunda fonte, os meios para exercer a Virtude. Mas, como é vão o nosso conhecimento! Como ele se parece mais com uma paralisia! E, podemos dizer ainda mais, como somos extravagantes por causa da nossa muita razão! Não somos, certamente, menos extravagantes do que aquele que, esperando comer à mesa de um Rei, e jejuando nessa espera para se preparar a fim de degustar melhor as delícias da boa carne, morreu, enquanto isso, de fome. Negligenciamos a vida presente, aquela que é a única que podemos chamar nossa e que nunca será suficientemente boa se não sofrer desde já na busca de torná-la de fato boa. Como fazemos belas propostas de bem viver! Mas, como agimos mal nesse sentido! Como nossa intenção é generosa! Mas como nossos efeitos são covardes! Todos os dias, nós nos resolvemos a reformar a nossa vida; todos os dias, queremos sair do vício; mas nossa emenda está sempre apenas em nossa ideia; e a inocência que meditamos não sai de nossos pensamentos e desígnios. Concebemos uma vida pura e virtuosa; e a concebemos com um coração impuro e sujo pelas nossas afeições desordenadas. Parecemo-nos com os Cisnes que, por manter os pés continuamente no banho e sempre se lavar, sempre os têm, no entanto, pretos. O resto de seus corpos, que está fora da água, é muito limpo, é extremamente branco. Assim também nós: apenas essa porção de vida pela qual, em nós, fazemos tão belos projetos e tomamos tão sãs resoluções, aquela que está fora do tempo presente e que talvez nunca venha a fazer parte do tempo presente, possui pureza, é limpa e branca, por assim dizer; todo o resto é sujo e preto. Dessa forma, meditamos sobre nossa correção, mas não nos corrigimos de verdade; temos pressa com relação a isso, numa eterna indiferença.

Que pesado fardo é o Sábio que contempla e não age! Certamente, o homem tem muitos motivos para se gloriar dos privilégios de sua condição; tem muitos motivos para se vangloriar do Império absoluto que exerce sobre todas as coisas da Natureza; se ele não sofre, ele não passa de uma obra inútil. Se aquele para quem tudo foi feito permanece ocioso e sem nada para fazer, ele perde seu lugar, ele se coloca abaixo de tudo aquilo que há de mais vil. Que ele não se orgulhe demais da falsa persuasão de que

ele serve de ornamento para o Universo. Além de ele não ser feito de uma matéria muito preciosa para isso, nem ter sido feito por uma fábrica muito excelente, o Céu e os Astros têm essa vantagem sobre ele. Eles cumprem, sem dúvida, suficientemente bem suas funções ao se fazerem ver; e, para eles, não é ócio serem grandes e os mais nobres espetáculos do mundo. Quando o Sol cessar de realizar seu percurso ordinário e se tornar imóvel; quando esse divino Ecônomo da Natureza perder sua força e atividade, com as quais ele faz tão diversas e maravilhosas operações; não pensemos, no entanto, que ele se aposentou; ainda lhe restará emprego suficiente na função de clarear o mundo e adornar o Céu, e ele nunca será inútil na medida em que for sempre belo. O mesmo não se pode dizer do homem: se ele não age, nada haverá que seja capaz de reparar esse defeito; e por mais impressionante que seja sua condição, não há desculpa alguma para a sua covardia. Não seria suficiente repetir, mas é preciso dizer que aquele a quem todas as coisas servem, não serve de nada se não servir a si mesmo, se não servir à Virtude. Não há nada de mais nobre e de mais agradável na Natureza do que o Sábio que age; ao contrário, não há nada de mais odioso do que aquele que permanece na ociosidade, que esmorece e apodrece na preguiça. Sem dúvida, o movimento da Virtude é o repouso do espírito: quem quer que seja que não age e não age virtuosamente sempre entenderá a Virtude como um problema. Eu diria ainda mais que há muito menos inconveniente em não viver e não ser do que ser ocioso e não agir na virtude. Eu vos pergunto se, nisso, não se está praticando o vício e se está voltando ao nada de onde se foi retirado. Não agir e não sofrer é cair no nada. Se acontece de encontrarmos em nosso pomar uma árvore infértil, não sofremos nada por ela e mandamos cortá-la. O mesmo em uma família bem ordenada onde cada doméstico tem sua função e sua tarefa. A ociosidade não é admitida ali dentro. Geralmente, todos trabalham, e é uma lei da qual não há nem dispensa nem exceção. As coisas de uma natureza mais excelente e que, dentro dessa família, ocupam um lugar mais elevado são, sem dúvida, aquelas que mais agem. Pode haver um exemplo maior do que o movimento contínuo dos Astros? O mais belo dos Elementos, o fogo, que habita tão próximo dos Astros, como se morasse nos subúrbios do Céu, não deveria merecer, por sua atividade, a honra de ocupar um lugar tão digno? Pelo contrário, vemos como a terra ociosa e, por assim dizer, preguiçosa está localizada em um lugar mais baixo; e como o seu peso e sua imobilidade, parece, a afastaram de uma tão nobre vizinhança.

### **REGRA DISCIPLINAR I**

#### ***Limpendo as perturbações da vontade***

Fomos plenamente instruídos acerca das notáveis vantagens que a Vontade bem ordenada produz. Ela é suficientemente reconhecida por ser a causa infalível do maior bem que podemos pretender nesta vida; sem dúvida, ela produz soberanamente a paz e a alegria do espírito. O que nos resta é aprender os meios de nos servirmos de um tão nobre e raro instrumento; e como conhecemos sua excelência, é preciso aprender a usá-lo. Não basta demonstrar o que deve ser colocado em ação, mas é preciso aprender o fim e a maneira, se bem ou se melhor. Após a capacidade do operário, é preciso considerar a bondade do instrumento. Após termos nos tornado sábios na arte de adquirir a felicidade, é preciso aprender de que condição deve ser aquilo que nos permite tê-la. Um mal instrumento é capaz de fazer falhar o mais hábil artesão do

mundo; é preciso, antes de tudo, que ele seja adequado a seu uso, que não haja nele nada que possa causar dano à mão, nada que impeça ou retarde a operação. É necessário, sem dúvida também, procurar a precisão, sobretudo, naqueles instrumentos que estão sujeitos mais facilmente à ferrugem. Nossa Vontade é assim; ela não permanece pura por muito tempo; ela se suja muito rapidamente com as sujeiras das paixões. Sua parceira natural é a liberdade; ela tem o direito de se colocar do lado de quem ela quiser e de agir da forma como ela quiser; mas seu dever é agir razoavelmente e agir para o bem. Ora, aquilo que a desvia e lhe faz tomar um partido errado é a perturbação que lhe causam as paixões, que a corrompem tão fortemente e a pervertem de tal forma que ela se torna inábil para todo tipo de ação legítima. Da mesma forma como um olho bem esclarecido e dos mais penetrantes que possa haver não conseguiria ver o fundo de uma água lamacenta, também o entendimento mais claro não é capaz de discernir o que quer que seja em meio à perturbação do espírito. Um espelho que remexemos sem parar não é capaz de representar nada com constância; da mesma maneira, uma alma agitada não permitiria ao entendimento ver algo firme e certo. Que chama seria capaz de resistir à violência dos ventos que sopram contra ela como se fossem uma conspiração para apagá-la? As paixões não são um esforço menor contra a luz do espírito. Um Piloto, a quem a tempestade arranca de suas mãos, de um só golpe, o leme, não seria capaz de conduzir seu navio nem mantê-lo na rota. Alguma vez já teremos visto como aqueles que estão sujeitos à vertigem sentem a cabeça rodando de tal forma que nem parecem estar na terra, como eles têm tonturas que fazem com que os objetos mudem de face, e vertigens que lhes fazem ver outros objetos que não existem? Já vimos a imagem do estado deplorável a que as paixões reduzem o espírito. Depois de o ter, por muito tempo, agitado e colocado num tão estado de desordem que não é mais capaz de conhecer as coisas, nem reconhecer a si mesmo, enfim, elas o reviram e o fazem decair da vantajosa posição que sua condição lhe permitia ocupar. Não seria um triste e miserável espetáculo ver um Príncipe sendo tratado indignamente por sujeitos revoltados? Ou ser despojado de todas as marcas de sua grandeza? Ou derrubado de seu trono e colocado entre correntes como se fosse um escravo? Esse é o mal que atinge o nosso espírito quando os apetites se rebelam. Eles corrompem, eles gastam o entendimento; eles o tornam escravo do prazer dos sentidos. De um conselheiro sincero e fiel, eles fazem um complacente, um bajulador infame, que só age segundo suas ordens, que só diz, covardemente, aquilo que lhes pode agradar, e não tem mais vergonha de fazer todas as coisas segundo seu bel prazer<sup>120</sup>.

Sem dúvida, aquilo que serve a um fim segue, necessariamente, sua condição; e seria depravado se fosse perverso e desordenado. Esta verdade se justifica pela conformidade e pela relação entre o entendimento e a ciência, pelo abuso que causam nessa as desordens daquela. Certamente também que foi a bom direito que o Apóstolo São Tiago, considerando os maus usos nos quais a ciência se aplica, a chama material e terrestre, quando ela se abaixa e se profana até ao ponto de servir às Volúpias sensuais; ele não finge ao dizer que ela é diabólica que abraça o luxo e se abandona à vaidade. Como a agulha da bússola gira em direção ao Norte, no lado em que ele a tocou; o entendimento também se dirige para a Vontade, atingido pelo seu contágio. Todos os objetos parecem, aos olhos do Ictérico<sup>121</sup>, ter a cor de seus olhos<sup>122</sup>. Alguém, muito

<sup>120</sup> Nieremberg cita São Paulino de Nola (354-431).

<sup>121</sup> Acometido de icterícia.

<sup>122</sup> A icterícia é uma doença cuja característica mais marcante é a cor amarela da pele e da esclerótica.

sabidamente, disse que, quando não há ninguém a quem se possa pedir um conselho, e quando se está destinado a dá-lo a si mesmo, é preciso, sobretudo, escolher purificado das paixões; pois, sem dúvida, não há nada mais contrário à luz do entendimento do que o apetite, não há nada que a obscureça mais e que, por essa razão, a torna mais inútil. E, verdadeiramente, que segurança poderemos ter nisso, sabendo – como sabemos – que ele é cego? E que espetáculo não ofereceríamos ao, não querendo nos desviar do caminho e não nos perdermos, seguirmos um guia que não conhece os caminhos, que, ordinariamente, faz com que se percam todos aqueles que o seguem? A experiência ensina, todos os dias, àqueles que governam grandes máquinas, que um ligeiro inconveniente, uma sujeirinha de nada, uma poeirinha, pode fazê-las parar e cair em desordem; por menor que seja a ferrugem nos dentes da engrenagem-mãe de um relógio, ela é capaz de fazê-lo atrasar e parar todo o movimento. Não tenhamos dúvida de que, se a vontade não estiver pura e imaculada, e não tiver o mínimo de impedimentos, ela não será capaz de permitir livre ação à nossa alegria; é preciso que ela possa agir sem dificuldades naquilo que mais lhe agrada, na medida em que for legítimo e que ela se conforme à razão<sup>123</sup>.

Quanto é a estima que temos pela vantagem de sermos absolutamente mestre de nossas vontades e de ter em nosso poder a realização de nossos desejos? É possível imaginar uma glória semelhante àquela de nos ver em uma condição mais nobre e mais eminente do que a condição dos Reis – a condição de possuir um Império mais extenso do que o próprio Universo e, para dizer em uma só palavra, a condição de possuir a nós mesmos? Seguramente que esta glória é tal que nada é capaz de se igualar a ela. Não seria, pelo contrário, uma deplorável loucura esquecer e trair de tal forma esta nossa dignidade, sujeitando-nos às nossas paixões, querendo depender da mais dura e mais cruel de todas as Tirantias? Imaginemos que se proponha aos animais a liberdade do homem com todas as suas prerrogativas; que se quisesse lhes dar a Razão de tal forma que uns moderassem seu furor e outros mantivessem sob freios seu apetite; será que eles teriam alguma dificuldade em aceitar? Nós, por outro lado, recebemos gratuitamente a Razão e a liberdade; e, no entanto, fazemos tão pouco caso delas, a ponto de não sentirmos vergonha de vendê-las pelo mesmo preço que os animais não recusariam comprá-las; e, por uma infeliz e brutal emulação, tornando-nos mais irracionais e, às vezes, eu diria, mais animais que os animais mesmos, nós nos privamos voluntariamente de duas tão excelentes vantagens; nós nos tornamos indignos da grandeza de nossa condição, e de todos os privilégios que a acompanham, sujeitando-nos às nossas paixões. Perdemos a glória de um lugar na família do Céu; e, ao invés de sermos considerados com o augusto título de filhos de Deus, tornamo-nos apenas miseráveis escravos da Fortuna.

## **REGRA DISCIPLINAR II**

### ***A paixão não é lavada por outra paixão***

<sup>123</sup> Nieremberg, no original, refere, neste parágrafo, um sábio da Arábia, mas não fica claro quem pode ser.

Portanto, considerando a extrema desordem para a qual nos levam as paixões, visto a violenta perturbação que elas excitam em nosso espírito, é preciso, muito seriamente, tomarmos a resolução de bani-las de espírito, e que exerçamos esse rigor de forma geral sobre todas as paixões; não deve haver, nisso, nem reservas nem exceções; e nos é necessário, sobretudo, tomar bastante cuidado de não cairmos no inconveniente de nos servir de umas para nos livrarmos de outras. O perigo de fazer uso delas é suficientemente verificado pelo exemplo do jovem homem de que fala um antigo Poeta: ele curou verdadeiramente o apetite, mas abandonando-se à cólera<sup>124</sup>. Em outro lugar se afirma que ele apagou sua avareza através de sua ambição. Assim como a potência das virtudes é unida, o império dos vícios é dividido; sua malignidade natural é tão grande e cada um deles é tão pernicioso e estrangeiro, que eles não conseguem entrar em acordo e guerreiam entre si incessantemente. Esta é uma verdade cujas provas nós não devemos procurar fora de nós. Nossos vícios não se compadecem com os vícios dos outros. Aquilo que suportamos e amamos em nossa pessoa torna-se odioso, para nós, é insuportável nos outros; e os menores não são melhores do que os maiores. Os orgulhosos se ofendem e se odeiam ordinariamente e não é porque tenham ódio pelo orgulho, mas porque cada um deles é ciumento de seu próprio orgulho e pensa que sua luz é ofuscada por aquela dos outros. Assim, não é de forma alguma por zelo que tenhamos pela Virtude que somos inimigos do vício. É, muito frequentemente, pelo amor que temos pelo vício mesmo; mas o ódio pelo mal não é legítimo se não proceder do amor pelo bem. Não empregar a Virtude para a ruína do vício é não merecê-la, é só correr o risco de sucumbir ao vício mesmo; servir-se de um vício para vencer outro é se entregar como presa àquele que permanece vitorioso. Eu vos peço: consideremos um pouco o eminente perigo ao qual nos expomos. Pensamos estar nos livrando de uma multidão de Tiranos através do esforço de um Tirano mais poderoso que nos chamamos para dentro de nós. Ele faz o que pensávamos que faria – verdadeiramente, ele nos livra dos Tiranos, domando-os e colocando-os entre correntes –, mas ele nos prende junto e se torna o único mestre de nosso espírito. Ele se apodera de nós com a potência que todos os demais, juntos, tinham<sup>125</sup>.

Não há motivo para espanto. Assim como não há nenhuma possibilidade de união entre eles, também não pode haver fidelidade: todos eles seguem seus próprios caminhos, têm vias separadas ou, para dizer mais acertadamente, eles correm em direção a diversos precipícios, eles não têm nem fim nem rota certa. Também é preciso dizer que a sua natureza não é andar direito. Bem como eles caminham em desordem e nas trevas, eles se agridem incessantemente e, disso, nasce sua guerra eterna. Eles não se propõem um fim igual, como fazem as Virtudes que estão sempre estreitamente ligadas umas às outras, formando um colar nobre, como se fosse de belas e ricas pérolas, e que, segundo o pensamento de um Filósofo, são tão unidas e estão tão de acordo entre si que são uma mesma e única virtude<sup>126</sup>. Ao contrário, os vícios, não

<sup>124</sup> No original latino aparece: “*Adolescens Terentianus flammis Cupidinis iracundia domuit*”. Trata-se do poeta e dramaturgo romano, que faleceu muito jovem, Públio Terêncio Afer (c. 184 a.C. – 160 a.C.).

<sup>125</sup> O autor, no original, refere também Guigo I (1083-1136), que foi o 5º Prior da Grande Cartucha, de Grenoble.

<sup>126</sup> No original latino, aparece escrito: “*Ita malum malo contradicit propter inordinatum incursum, & unius finis defectum, qui tamen est foedus, fibulaque virtutum in eadem consertarum linea, ut pretiosissimi uniones, in qua unitae, aut unae sunt, aut una iuxta Apollophanem*”. Trata-se de do filósofo estóico Apolófanes; no entanto, não encontramos nenhuma referência precisa acerca desse pensador.

estando nunca bem entre si e, às vezes até, não estando nunca bem consigo mesmos, teimam e se contrariam sem cessar; e se há algo no que eles estão de acordo é apenas no ódio que cada um deles traz contra a Virtude. É por isso que aquele que não a emprega para a ruína do vício nada pode merecer dela. E se não for uma ofensa muito grande o extremo desprezo de não se servir de sua ajuda numa ocasião tão importante, pelo menos será ignorar a grandeza de suas forças e não conhecer a extensão de sua potência. Não saber que o braço de Hércules, tão fatal contra os Monstros, só pode ser uma frágil e muito imperfeita imagem se comparada à da Virtude força. Diz-se desse Herói que ele tinha muito mais de dois adversários ao mesmo tempo; mas quantos adversários juntos a Virtude é capaz de vencer? E quem poderia se comparar, quanto ao prodigioso valor, a ela?

Mas, nisso, ficamos, às vezes, descontentes, tomando aquilo que deveríamos combater como aquilo que nos deve assistir, tomando nosso inimigo como nosso ajudante, tomando o Vício como Virtude, porque ele pega emprestado dela as aparências e se cobre das mesmas armas. Para evitar um tão perigoso desprezo, devemos saber que, para cada virtude, se opõe um vício que se lhe assemelha, que a contradiz em todas as coisas, que é seu imitador, por assim dizer, que se apresenta a nós sob uma falsa aparência de amigo, com demonstrações de querer nos socorrer; mas, com efeito, ele tem o desígnio formado de nos levar à perdição, na medida em que sejamos de tal forma imprudente aponto de nos confiarmos a ele. Assim, a temeridade é vista, muito frequentemente, como valor; a fineza como prudência; a avareza como economia; a ambição como grandeza de coragem. Essas falsas e travestidas virtudes nos abordam com outros rostos que não os seus próprios, e algumas vezes se apresentam com rostos mais belos ou, pelo menos, mais agradáveis do que, naturalmente, são. Cada uma delas<sup>127</sup> se reveste do nome da verdadeira Virtude por quem ela quer ser tomada, e nos seduz sob uma forma diferente da sua. Mas, o que são essas marcas e fantasmas que não têm nada de real ou de sólido, e só se sustentam sobre a impostura e sobre a favorável impressão que desejam causar em nós? O que são essas cabeças artificiais que são agradáveis apenas por fora, mas são ocas e vazias por dentro, visto não terem nem sentidos nem razão e, conseqüentemente, não terem aquela parte verdadeira que conferem o ser e a perfeição àquilo que elas imitam? Aqui, podemos nos lembrar da história daquele Persa que, parecendo-se tanto com o legítimo sucessor do Império – que fora morto por causa da inveja de Cambises –, pretendendo se colocar em seu lugar, foi reconhecido como enganador, pois não tinha orelhas<sup>128</sup>. A Virtude não é, em nada, imperfeita, como é quem pretende se passar por ela. Ela é inteira e sem defeitos; ela tem orelhas, ela escuta a razão; ela tem docilidade e obediência. Ela permanece firme e imóvel contra tudo o que a ataca. Ela encontra seu porto mesmo em meio à tempestade. Enfim, para marcar aqui aquilo que mais confunde o Vício, aquilo que lhe retira a máscara e descobre plenamente a sua impostura, somente ela é capaz de nos fazer obter o glorioso título de Reis de nós mesmos, somente ela é capaz de nos fazer adquirir soberanamente a felicidade.

Por isso, é muito importante que se conheça aquilo que distingue as virtudes dos vícios, estudar cuidadosamente suas diferenças, a fim de se evitar o precipício onde esse

<sup>127</sup> Das falsas virtudes.

<sup>128</sup> No original latino, Nieremberg refere, na verdade, Esmérdis, o impostor que usurpou o trono de Cambises II (?-522 a.C.), rei da Pérsia.

descontentamento nos pode fazer cair. É preciso que cuidemos de não nos deixar surpreender por tão perigosos inimigos, mas combatê-los corajosamente e trabalhar com toda a nossa capacidade para arruiná-los completamente. Que, nisso, nós nos lembremos dos habitantes de Amicleia<sup>129</sup> que, para serem bem exatos na observância dos dogmas de Pitágoras<sup>130</sup> – segundo os quais a morte dos animais lhes era proibida –, não matavam nem mesmo as Serpentes que se multiplicavam em seus terreiros e, por isso, foram de tal forma perseguidos por elas que sua cidade foi desolada. Se, expulsando de nosso espírito uma má paixão, admitimos e sofremos outra; se, arrancando o jugo de uma, submetemo-nos à tirania de outra; eu vos pergunto: o que estamos fazendo senão nos colocarmos sob o risco de ver que o último acréscimo de ousadia e de força, por causa nossa indulgência, seja capaz de permitir que essa má paixão sozinha cause nossa perda e faça aquilo que todas as outras juntas fariam? Se, às vezes, acreditamos que elas relaxam, que elas amolecem; se nós as governamos por um pouco de tempo como se fossem animais domésticos; não nos sentimos seguros nisso, porém; pois elas são selvagens e ferozes; elas se nos escaparão quando menos esperarmos e se voltarão contra nós como verdadeiramente são na natureza. Um Saltimbanco, tendo treinado alguns Macacos, os apresentou, um dia, em público; como eles estavam dançando, alguém lhes atirou algumas nozes; então, eles pararam sua dança e correram atrás das nozes, criando uma grande desordem. Às vezes, nossas paixões se tornam flexíveis e obedientes, até ao ponto mesmo de escutar a Razão e seguir o movimento que ela lhes ordena; mas, como elas não são capazes de se fantasiar e se contrariar por muito tempo, elas acabam por se corromper facilmente e correm atrás do primeiro objeto que lhes toca, perturbando a paz e a tranquilidade do espírito.

Ora, aquela que mais o agita e que, sem dúvida, mais lhe excita o maior tumulto é esse insaciável apetite de honra, esse ardente desejo de glória, este abismo que nada pode preencher; a ambição que, não podendo sofrer nem freios nem limites, resiste sem cessar à Razão, é absolutamente incapaz de sujeição e retenção<sup>131</sup>. Não é apenas ela que domina nosso espírito com mais Império, mas é aquela que mais se liga a ele com obstinação. A última de que ele consegue se desfazer e que só se separa dele quando ele se separa de nós. Ela imita bem a Virtude, abaixando as outras virtudes; mas é para conseguir, com isso, se elevar o suficiente e poder reinar sozinha. Ela tem por objetivo exclusivamente o seu próprio proveito e só se propõe aquilo que é de seu interesse. Tudo o que ela faz, além disso, é suspender, por um tempo, sua ação; e disso nos chegam esses dois males: reprimindo-os, ela os faz entrar mais profundamente em nosso espírito, ela os encerra dentro ao invés de tirá-los de dentro; e reduzindo-os ao menor dos espaços, ela cresce em toda a sua extensão. Ela os mantém presos; ela impede que eles se evidenciem. Assim, o luxurioso que se abstém da luxúria mais por temor da condenação do que por amor e reverência pela Virtude, não deixa de ser impuro; e por mais que ele não suje o seu corpo, ele suja seu espírito e se polui pelo pensamento. Com isso, esta paixão arrogante e insolente não trata a si mesmo melhor do que trata as outras; porque, frequentemente, ela se abaixa, ela se dobra em si mesma, mas para poder se elevar ainda mais alto; e, como um arco curvado, aumenta ainda mais a sua força. Se

<sup>129</sup> Antiga cidade vizinha de Esparta, nas margens do Erotas.

<sup>130</sup> Trata-se de Pitágoras de Samos (c. 570 a.C. – c. 497 a.C.), filósofo e matemático grego.

<sup>131</sup> No texto latino, Nieremberg explicita o autor desse argumento: “Argute a Simplicio appellantur ambitio...”. Trata-se, portanto, de Simplicio da Cilícia (c. 490-c. 560), filósofo grego neoplatônico, que foi perseguido por Justiniano.

acontece, às vezes, que ela se humilhe e se faça pequena; se, por uma severidade fingida, ela se diminui e, por assim dizer, ela corta sua própria cabeça; dessa diminuição, ela tira matéria para o próprio crescimento, ela deixa nascerem outras cabeças da mesma forma que a Hidra; ela as multiplica infinitamente. Assim, o que pensamos que possa ser evitar um vício através de outro? Isso é arruinar o antigo para tornar o novo mais poderoso. Não é jogar fora o veneno, mas mudá-lo de vaso; porém, assim, ele não muda de qualidade, ele não deixa de ser perigoso porque está numa taça de ouro ao invés de num copo de vidro. Importa pouco se nossa cobiça está ligada aos bens, às honras ou ao resto das coisas que têm algum brilho mas que são frágeis como o vidro. Seja qual for o objeto a que ela aspira, ela sempre nos causará inquietude, ela sempre nos causará sofrimento. Há muita diferença entre abandonar nossas paixões e apenas mudar de paixão. Que sejamos avaros ou ambiciosos, sempre formaremos desejos, sempre desejaremos, sempre teremos apetites. Ora, isso é suficiente para que a Fortuna tenha controle sobre nós; não é preciso mais do que isso para que sejamos infelizes.

Portanto, o que pensamos estar fazendo ao nos subtrairmos de uma paixão, ajuntando-nos a outra? Dessa forma, subtraímos de nós a satisfação e a alegria, reforçamos um novo inimigo para fazê-lo ainda mais corajosamente revoltado contra a Razão. Assim como um Estado é mais tranquilo quando os Grandes são medianamente poderosos e a autoridade se encontra partilhada igualmente entre eles – muito mais do que quando a autoridade se encontra toda nas mãos de um só homem, que abusa dela e aspira verdadeiramente à Tirania –, o perigo é muito menor para nós quando deixamos um poder medíocre e igual a nossas paixões, mais do que quando deixamos que uma se eleve acima das outras, reinando sozinha em nosso espírito, se atribuindo inteiramente a soberana potência da Razão. Dessa forma – quando as paixões dominam igualmente –, ela está, de alguma forma, segura; pois, por mais que elas sempre a enfrentem, elas também se enfrentam mutuamente e, sendo que nunca estão de acordo entre si, elas a mantêm segura de sua insolência por causa de sua divisão; mas, se uma delas, usurpando o poder de todas as demais, e unificando em si todas as suas forças, viesse a lhes declarar guerra, não tenhamos dúvida de que será muito fácil tirar a Razão de seu trono e arruiná-la completamente. Por isso, é necessário que não nos contentemos apenas de afastar de nós uma parte do apetite; é preciso afastá-lo inteiramente; de outro modo, ele retornará como um animal selvagem que se irrita quando está ferido e redobra de furor na mesma medida em que diminui o seu sangue. Que tenta matar uma Serpente pisando apenas em seu rabo, corre muito mais risco de ser picado. Para impedir a mordida, é preciso que a mantenhemos inteira sob nossos pés e pisar sobre a sua cabeça. O meio infalível para vencer nossas paixões é opor-lhes o escudo da virtude, que é impenetrável, que desdenha dos seus mais poderosos esforços e, contra quem, para tudo dizer, elas só conseguem mostrar sua fragilidade. Pelo contrário, a Virtude é tão poderosa, ela tem tanta força que é suficiente combater uma das paixões para vencê-las todas. Servirmo-nos de nosso apetite para apaziguar ele mesmo é animá-lo ainda mais, é reduzi-lo a agir como o Leão que bate em si mesmo com a própria cauda para se colocar em cólera. Certos povos da Antiguidade apreenderam do Oráculo que, por pouco que eles partilhassem sua terra com alguém, eles a perderiam toda<sup>132</sup>. Um Oráculo de

<sup>132</sup> No original latino, Nieremberg escreve: “*Aeneanes sibi ex oraculo persuadebant, fore, ut amitterent patriam terram, si particulam largirentur...*”. Trata-se portanto da tribo dos Eneanes que habitou o norte da Tessália, na Grécia.

infalível verdade – a Razão – nos assegura de nossa total perda, por pouco que relaxemos no combate ao apetite, ou que sejamos indulgentes com nossas paixões. Pelo fato de elas, algumas vezes, nos deixarem repousar, pensamos que elas nunca dormem profundamente; mas certamente que elas estão apenas cochilando e acordam com o menor barulho. Fazemos bem em tratá-las com desprezo e afastá-las de nós; pois elas sempre retornam; é como tentar afastar um cachorro com pedaços de carne; é como tentar mostrar nosso desprezo por avaro com o ouro. Para conseguirmos uma inteira segurança, é preciso usar de um extremo rigor, apagar toda a geração, não perdoar uma que seja, temendo-as como se fossem um germe fatal que produzem outros para se vingar de nós e nos façam um mal semelhante ou muito pior do que o que lhes fizemos eliminando-os.

Este conselho se justifica por um memorável exemplo que a história do Japão nos apresenta nesse encontro: duas das mais Ilustres casas<sup>133</sup> do Reino, tendo nutrido por muito tempo um ódio mortal uma pela outra, tendo partilhado todos os Grandes, tendo feito todo o povo se interessar por sua querela e tendo, em seguido, produzido todo tipo de estranheza que possa haver entre inimigos igualmente obstinados e poderosos, no final, houve uma que foi abatida pelo fardo da guerra e a desolação foi tamanha que o furor das armas só perdoou a uma criança. Quando ele chegou ao ponto de poder se vingar tal como a Natureza o inspirava, ele se proveu de armas e de amigos, ele arruinou de cima a baixo a outra família; e instruído pela graça que havia recebido a não ter piedade de ninguém, ele agiu até ao último dos rigores, não respeitando nem sexo nem idade. Ele sabia, pela própria experiência, que a vida de um só seria suficiente para vingar a morte de muitos. Nosso espírito é dominado por duas grandes potências que sempre estão em guerra – pela Virtude e pelo Vício. Se, segundo o dever e a obrigação que temos, tomarmos a parte da primeira, sofreremos constantemente com ela no sentido de exterminar seus inimigos; se nos acontecer de deixar um único desses inimigos, não tenhamos dúvidas de que deixaremos com ela a causa de nossa ruína e de que, um dia, vindo a se fortalecer com nossa malignidade natural, não apenas ele não se contentará em destruir muitas virtudes, como também as destruirá todas em geral. Pudemos aprender da história Santa aquilo que aconteceu a Atalia<sup>134</sup>: esta ambiciosa Rainha acreditava ter extinguido todo o sangue Real de Israel e, com isso, acreditava que poderia usurpar o cetro para levá-lo aos Reis de Judá. Mas como o pequeno Joás<sup>135</sup>, que havia sido subtraído ao seu furor, foi secretamente alimentado no templo e, algum tempo antes de ser apresentado ao povo – que o reconheceu como legítimo sucessor do trono –, ele se levantou contra ela e lhe arrancou o Reino e a vida ao mesmo tempo. Que vantagem pode haver para nós que permaneça uma paixão que seja em nosso espírito, se ela for capaz de restabelecer nele o domínio de todas as outras? E se nos for necessário

<sup>133</sup> No sentido de “família”. De fato, inclusive, no original latino aparece o termo família.

<sup>134</sup> Atalia é uma personagem da narrativa bíblica do Antigo Testamento. Filha de Acabe - que foi Rei de Israel - e de Jezabel. Segundo os relatos (basicamente dispersos no segundo livro dos Reis e no segundo livro das Crônicas), Atalia se casou com Jorão – do Reino de Judá – e se tornou regente por seis anos, sendo sucedida por seu filho, Ocozias. Não há muita certeza, mas, segundo algumas cronologias, a regência de Atalia se deu entre 842 e 837 a.C. Cf. 2Cr 22.

<sup>135</sup> Segundo o relato de II Reis (capítulo 11) e II Crônicas (capítulo 22), Atalia mandou assassinar todos os membros da Casa de Davi e assumiu o trono de Judá. Mas, Josebá, filha de Jorão, conseguiu esconder Joás, filho de seu irmão Ocozias, quando ainda tinha um ano de idade. Joás foi, então, criado pelo Sumo Sacerdote Jojada e por sua esposa, no Templo de Jerusalém, enquanto durou a regência de Atalia.

apenas uma para que nos tornemos infelizes? O que aproveitamos do fato de termos que combater menos inimigos, se eles são mais fortes do que aqueles que nós já vencemos, e se basta um para que nos sejam roubados todos os frutos de nossa vitória? Do que nos serve dizer que eles são tão poucos, se eles são, dessa forma, mais perigosos; se eles têm a força de uma multidão; e se o pequeno número é recompensado pelo extremo valor?

Portanto, é preciso voltar a esse ponto: que o perigo é muito grande para nós quando somos indulgentes com nossas paixões; que não poderíamos encontrar segurança alguma quando nos servimos de umas para nos livrarmos de outras; que somente a Virtude estabelece a paz de espírito e não somente lhe confere a vantagem de gozar sempre de uma perfeita tranquilidade como também a vantagem de ser sempre o mesmo, firme e invencível em todos os acidentes da vida. Cícero<sup>136</sup> nos ensinou que, em seu tempo, se podia ver que alguns Celtiberos<sup>137</sup> e alguns povos Setentrionais suportavam com uma maravilhosa coragem os incômodos da guerra; mas também que eles sofriam com muita impaciência os males e testemunhavam uma grande fragilidade na dor. Pelo contrário, os Orientais, particularmente os Gregos, faziam parecer uma perfeita constância nas aflições; mas, quanto ao resto, sua fragilidade era tal que eles sucumbiam ao menor sofrimento e suportavam muito mal a vista do inimigo. Isso não seria o suficiente para justificar que o espírito só consegue ter firmeza quando ela vem da Virtude? Que, sem ela, ele não conhecerá repouso sólido e não terá nenhum fundamento seguro? É através dela que ele tem o dom de sempre estar de acordo consigo mesmo; ela produz nele uma tão doce harmonia que nem mesmo a mais excelente música poderia reproduzir. E como um concerto se compõe de muitas vozes que têm uma justa proporção entre si, que se misturam e se confundem agradavelmente umas com as outras, também se forma em nosso espírito uma perfeita correspondência de todas as Virtudes juntas, uma divina melodia que o enche de alegria e lhe dá um prelúdio daquela que lhe está preparada no Céu.

### **REGRA DISCIPLINAR III**

#### ***Os esforços e ímpetos para o bem***

Mas, será inútil tudo aquilo que aprendemos acerca da maneira e das condições do instrumento que nos deve servir para realizar essa excelente obra sobre a qual meditamos, todo o cuidado que tivemos quanto a isso permanecerá sendo inútil se não formos além e não aprendermos, em seguida, qual é a maneira de empregá-la. E verdadeiramente é-nos tão necessário nos instruir acerca disso, quanto sabemos que um Operário só perderia seu tempo se lhe faltassem os princípios de sua arte. O Pintor seria grosseiro e desastrado se pretendesse traçar uma linha delicada apoiando o pincel. Se o Lapidador trabalhasse rudemente, quebraria a pedra que estivesse polindo; mas aqueles que batem o ferro, sem dúvida, fariam um trabalho inútil se não batessem com vigor, se apenas deixassem o martelo cair levemente ou se ficassem acariciando o prego. Quer dizer, há operações que exigem habilidade e outras que demandam força. A Vontade é como esta última: ela não vai em direção ao bem por seu próprio movimento, nem o

<sup>136</sup> No original latino, Nieremberg não cita Cícero.

<sup>137</sup> Povo que resultou da fusão entre as culturas celta e ibérica.

abraça por ela mesma; ela resiste ao bem, ela se afasta dele; é preciso levá-la nessa direção com esforço. Esta vida foi, muito razoavelmente, comparada por um Poeta Grego a uma estação estéril e má, pela qual é difícil passar<sup>138</sup>. É por isso que não somos capazes de praticar meios melhores para vencer na vida do que nos enchendo abundantemente de bens; não daqueles que servem para sustentar e para entreter a vida, mas de bens muito mais preciosos e que nos dão coragem e resolução. É isso, certamente, que nos faz ter a felicidade e que no-la dão a um título muito mais justo do que as riquezas, o luxo e as Volúpias seriam capazes de nos dar – que se atribuem, falsamente, a honra de nos conceder a felicidade; que são, para dizer mais ingenuamente, a matéria mais comum para nossos problemas, e para os acompanhamentos e as infalíveis sequências da miséria. Um grande coração não acha nada duro ou difícil. Os sofrimentos são o apanágio da Virtude; ela caminha com passo firme sobre os espinhos e sobre as brasas; qualquer que seja o passo difícil que tenha que dar, ela o dá com segurança e não deixa de avançar e caminhar sempre; ela é inimiga mortal da preguiça e da moleza. Se a liberdade é a mais preciosa de todas as coisas, como não há a menor dúvida, em que grau de excelência colocaremos a plena liberdade de nós mesmos – a felicidade –, visto que ser perfeitamente feliz, a bem dizer, é ser nada mais do que perfeitamente livre, conservar sua vontade livre da tirania das paixões? Para isso, é preciso esforço, que nada mais é do que um acréscimo de preço à liberdade, tornando-a ainda mais preciosa. A doçura, que se encontra na posse desta última, recompensa muito bem a amargura de sua busca.

Não existe nada que mereça ser comparado a ela; mas por mais que usemos elogios para encantar a Vontade e atraí-la poderosamente à sua procura, ela resiste a eles tão forte e naturalmente, com tanta repugnância, que é preciso que ela seja violentada para que conseguimos abraçá-la<sup>139</sup>. Foi isso que forneceu matéria para que alguém dissesse, a propósito, *que a mais difícil de todas as Artes é aquela que nos ensina a atingir a felicidade*<sup>140</sup>. As outras nos custam menos para aprender, visto que a inclinação que nos leva a elas e a eleição que delas fazemos, aliviando a pena que nos causam ordinariamente seus começos, fazem com que as achemos mais fáceis e, de alguma forma, é como se quase lhes tirasse os espinhos. Mas, aqui, bem longe certamente de termos esta ajuda que vem da Natureza; bem longe de, nisso, sermos assistidos por esta feliz disposição que faz com que tudo seja reduzido à metade, o Operário é, não somente, inimigo de sua Arte, como também de si mesmo; ele combate a si mesmo; o costume que ele tem com o vício se opõe a tudo aquilo que ele cria em si de desígnio para abraçar a Virtude. Seus maus hábitos lhe cruzam o caminho e se colocam como impedimento. Numa palavra, ele encontra em si todos os obstáculos que os outros artesãos encontram nos materiais a que eles se dedicam. É preciso que ele arranque de seu coração suas paixões; que ele faça, para isso, um esforço semelhante

<sup>138</sup> No original latino, Nieremberg se refere ao poeta e dramaturgo ateniense Menandro (c. 342 a.C.-c. 291 a.C.).

<sup>139</sup> No original latino, Nieremberg escreve, logo na primeira linha do capítulo (e não nesse ponto em que o tradutor anota a citação): “*Non imperite Musonius, omnium difficillimam artem felicitatis dixit, difficiliorem medicina, musica, & mechanicis*”. Trata-se, ao que tudo indica, de Caio Musônio Rufo (c. 30-c. 100), filósofo neo-estóico, romano que, juntamente com Epíteto, Marco Aurélio e Sêneca, representa um dos expoentes mais significativos dessa escola de pensamento.

<sup>140</sup> Nieremberg, no DAV, transcreve trecho de Santo Enódio (c. 474-521), que foi bispo de Pávia: “*Vivit medullis, quod necat: turbantur alta viscerum*”.

àquele de arrancar um velho carvalho com todas as suas raízes; e sem parar diante dos sentimentos da Filosofia vulgar, que é muito indulgente quanto a isso, é preciso que ele as arranque de uma só vez. Assim como a febre que se acende em nossos intestinos não conseguiria se apagar em um instante, mas apenas com uma qualidade contrária e infinitamente mais forte do que aquela que ela deve combater, é preciso também uma extrema força para vencer nossas paixões; e tanto mais porque são poderosos e numerosos inimigos que nos atacam em grupo e em um só momento, e porque, delas, não poderíamos esperar nem paz nem trégua. Com isso, temos esta notável desvantagem: sendo que a metade de nós está sob controle das paixões, e que elas se fortalecem com as inteligências que encontram em nós, o que nos resta é muito frágil para as destruir; se não fizermos um esforço extraordinário. Seria necessário, certamente, que fôssemos prodigiosamente valentes ou maravilhosamente temerários para aceitarmos um desafio nessas condições – servindo-nos apenas de um braço, somente por um milagre conseguiríamos vencer nosso adversário. Temos apenas um braço livre quando entramos numa contenda contra nossas paixões. Cada uma delas, particularmente, é capaz de nos vencer. O que pensamos que elas conseguiriam juntas? Para evitar, portanto, este inconveniente e conquistar uma inteira vitória sobre elas, é preciso que aquilo que nos falta de força seja suprido pelo valor extremo.

Por que tardamos tanto em dizer isso em alto e bom som? Trata-se, aqui, de adquirir a maior glória que os homens puderam ambicionar ou pretender, e merecer mais justamente o triunfo do que Alexandre e César. Não se trata de vencer, como eles, nações poderosas; mas, mais dignamente, trata-se de vencer a si mesmo, domar um inimigo mais poderoso e mais pertinaz do que esses dois jamais tiveram. Eis aqui, sem dúvida, a mais importante e mais nobre de todas as façanhas: ser absolutamente mestre de suas vontades é ser mais do que Monarca da Terra universal. E, para não mentir em nada, por maior que tenha sido a glória desses Conquistadores, por terem subjugado povos, é preciso uma glória ainda maior por ter subjugado a si mesmo e ter chegado a reinar soberanamente sobre suas paixões. É no império que se tem sobre elas que consiste a verdadeira grandeza; e é somente através disso que se adquire legitimamente esses magníficos títulos de Vitorioso e Augusto. Quantos homens vulgares se viu tomando cidades poderosas e ganhando memoráveis Vitórias? E, ao contrário, quantos homens houve que, após suas conquistas e quando sua dominação parecia ter como limites apenas os limites do mundo, se renderam como escravos de suas paixões? Qual vantagem poderiam pretender esses homens sobre aqueles que eles venceram se, como eles, foram obrigados a reconhecer um vitorioso, e se sua ambição triunfou sobre eles exatamente no momento em que eles triunfavam sobre os outros? Certamente que, assim como o espírito tem um preço inestimável comparado ao preço do corpo, a glória é incomparavelmente maior do que nós mesmos e os outros; e não seria possível encontrar um mais eminente ato de valor do que esse. Vencendo nosso espírito, conquistamos aquele que vence todas as coisas e cuja grandeza é tal que não é bravura nenhuma nomeá-lo mestre da Terra e do Céu. Mas, uma vantagem tão rara não é fruto de um trabalho medíocre. Trata-se de um bem que só pode ser colhido com muita pena. Escutemos a razão que um Padre da Igreja deu a este respeito: *Quando um homem combate contra outro, ele está inteiro nisso – combate com o corpo e com o espírito; mas quando ele combate a si mesmo, ele está pela metade; e aquele que ataca é*

*infinitamente mais frágil do que aquele que resiste*<sup>141</sup>. É preciso, portanto, prestar bastante atenção para não atacar temerariamente um adversário tão poderoso; e visto que ele é tão difícil de vencer, não podemos nos permitir pensar que seremos capazes de conseguir sem um esforço extraordinário.

É isso que faremos com a ajuda e a prática da Virtude. E certamente seu poder é tão grande que a antiguidade, não encontrando nada capaz de a representar, e formando uma Ideia para além da perfeição comum dos homens, empregou a Fábula em lugar da Verdade; e imaginou, por isso, um Herói sob o nome de Alcides, dotado de uma tão rara constância e de uma tão maravilhosa força que, depois de ter passado por todos os sofrimentos da terra, e ter vencido tudo o que há de mais difícil, ele ainda sustenta o Céu<sup>142</sup>. Certamente também pode-se supor, sem desgosto e sem murmurações, aquilo que vem de sua parte, que consiste na grandeza e na força da Virtude. Está nisso, sem dúvida, o mais digno emprego e a provação mais segura. Mas, está no espírito e não no corpo a consistência dessa força. Devemos ser robustos através da Vontade, por assim dizer. É quanto a isso que devemos nos esforçar e tentar conquistar o bem, visto que este é o único meio para conseguir, e visto que nada nos é dado gratuitamente, e visto que estamos certos de que não obteremos nada sem pena. Será que não ouvimos dizer que há um comércio entre Deus e os homens, no qual ele vende seus bens e eles os compram a preço de sofrimentos? É preciso, portanto, sofrer a fim de adquirir estes bens. É preciso vencer corajosamente tudo aquilo que possa atravessar nosso caminho. E, para dizer em uma palavra, é preciso que vençamos a nós mesmos e combatamos com todas as nossas forças nossos maus hábitos e nossas paixões. Nisso, não devemos nem fingir nem nos gabar. Não se trata de inimigos contra os quais podemos lançar ataques temerários e emboscadas; é preciso lhes fazer guerra aberta; lançar contra eles todo o nosso poderio e não lhes economizar nada. Será que devemos ceder a eles e buscar nossa salvação na fuga? Certamente o perigo será maior do que a vergonha; a experiência ensina que é dar uma notável vantagem à nossa adversária, virar-lhe as costas; e que ela se torna ainda mais forte, dirigindo todos os seus pensamentos ao ataque contra nós e não perdendo tempo com os cuidados de se defender. É por isso que se vê, ordinariamente, tão grandes derrotas, tantas pessoas mortas na fuga – mais do que no combate propriamente dito. Portanto, há não apenas mais glória no combate como também mais segurança; e nesta ocasião, se não se descansa, certamente alcançar-se-á a Vitória. Sobretudo, não podemos descansar no combate dessas violentas paixões que nos dominam mais absolutamente; e devemos agir contra elas da mesma forma como agimos contra esses animais que, não conseguindo ser governados pela doçura, só podem ser domados pela força. Ora, é principalmente aqui que se deve empregar a nossa razão. Ela tem dois ofícios próprios quanto a isso: conduzir as paixões que lhe obedecem facilmente, que seguem sem que se as arraste, por assim dizer; e domar aqueles que lhe resistem, e lhe causam mais pena. Ela deve guiar as primeiras, e

<sup>141</sup> No original latino, além de citar Xerxes (518 a.C.-465 a.C.), Élio Aristides (117-181) e Salomão (?-931 a.C.), logo no início do parágrafo, Nieremberg afirma, nesse ponto: “*Ad haec, ut Urbanus sui nominis quartus, Maximus Pontifex, eleganter dixit: Cum quis contra populus, vel urbes decertat, totus simul interior, & exterior homo pugnat: at, dum contra se, non totus, sed minor quam dimidius dimicat*”. Trata-se, portanto, do Papa Urbano IV (c. 1195 - 1264), que foi o 182º Papa da Igreja Católica, a partir de 1261 até o ano de sua morte.

<sup>142</sup> No original latino, podemos encontrar a seguinte anotação: “*Illud considerandum est ad exemplar virtutis, quanti robur probetur Ethnicis in Alcide, ecclesiasticis Sapientibus in Samson*”. Trata-se, no texto de Nieremberg, de um exemplo duplo: um é Hércules, outro é Sansão.

dominar as últimas; deve ser a chama para umas e a vara para outras. Que feliz é o homem em cujo espírito ela cumpre livremente estas duas funções! Visto que ela garante contra os violentos movimentos da ambição, como quem domina um inimigo furioso! Visto que ela regra seus apetites<sup>143</sup> da mesma maneira que um Pai de família regra seus filhos e seus Domésticos.

### **REGRA DISCIPLINAR IV**

#### ***O cuidado com o bem***

Além do que foi dito, a indústria e a força não são suficientes para a prática das Artes; elas demandam também diligência e cuidado; estando certo de que sem isso, todo o resto perde muito de seu preço, a força se encontra enfraquecida e fragilizada; e a indústria, ociosa e quase inútil. Ora, eu vos pergunto, pode haver algo no que a diligência é mais necessária do que naquilo que regra nossas ações e forma a conduta geral de nossa vida? A que devemos um maior cuidado do que àquilo que nos isenta e nos defende contra todo tipo de cuidados e, pelo bem que podemos negligenciar, mantém em segurança todo o resto? No entanto, é nisso que somos ordinariamente mais lentos e preguiçosos; adiamos continuamente aquilo que não causa nenhum sofrimento; nunca fazemos aquilo que nos propomos fazer, aquilo que incessantemente meditamos fazer. Sem dúvida, é desculpa e defesa honesta deixar algo para o dia seguinte. Mas, quando nossa razão nos solicita a abraçar um bem, nunca a recusamos claramente, e não lhe dizemos abertamente que não queremos fazer nada. Nós a enganamos de forma civilizada com esperanças e remissões; oferecemos-lhe boas palavras e prometemos sempre aquilo que nunca fazemos e que, talvez, não temos nenhuma pretensão de fazer; *há tempos suficiente para isso*, nós dizemos, *vamos fazer amanhã, daqui a um tempo voltaremos a pensar a respeito*. Assim, empurrando de um dia para o outro o estudo e a prática da Virtude, empurramos para adiante também a nossa felicidade; apodrecemos no vício e permanecemos eternamente na miséria. Somos engenhosos quando o que está em jogo é iludir as promessas que fizemos a nós mesmos; e curiosamente buscamos tudo aquilo que nos livrar dessas mesmas promessas. Queremos que a Fortuna seja culpada de nossa apatia, e jogamos, ordinariamente, sobre ela a culpa pelos nossos atrasos e nossa preguiça. No entanto, estamos seguros de que não somente ela não é em nada a causa disso, como também ela é inimiga disso; visto que ela ama a ação e o sofrimento, e visto que a diligência lhe agrada a tal ponto que é apenas muito raramente que se vê que ela [a diligência; ndt] é seguida de infelicidade. Com efeito, ela é a mãe dos bons sucessos e, para bem dizer, ela é uma outra Fortuna; eu digo outra por conta de uma preeminência e não por conta de uma inferioridade, por conta do fato que, dependendo puramente de nós, como ela faz, e sendo obra de nossas mãos, ela tem sobre a outra a vantagem da firmeza; ela é tão melhor que, sem dúvida, é mais segura. Com isso, ela é mais pronta e, por mais que a Fortuna seja a coisa mais inesperada que possa existir, a diligência a ultrapassa ainda naquilo que a Fortuna nos faz de bem, visto que a diligência nos faz o bem muito mais frequentemente do que a Fortuna. Também por essa razão, ela pode ser muito justamente chamada uma prosperidade que está em nossas mãos; um fruto que vem antes da estação; uma boa sorte antecipada. Certamente

<sup>143</sup> Desse homem feliz.

que se nós pensarmos seriamente a este respeito – dos bens que ela produz –, não nos enganaremos de forma alguma em dizer que não há nenhuma outra Fortuna além da Diligência, e que se for necessário admitir uma segunda, ela não será legítima, ela só terá o nome<sup>144</sup>.

Não saberíamos, pelo menos razoavelmente, negar o fato de que a Fortuna deve muito à Diligência e que dela recebe tão notáveis vantagens. Sem dúvida, ela lhe oferece reverência e dignidade. Por ser cega e sem consideração, ela parece esclarecida e judiciosa; ela, na opinião dos homens, lhe oferece luz e condução. Enfim, pela comunicação que ela tem com a Diligência, parece que aquilo que ela faz de forma imprudente e caprichosa é feito, na verdade, com conselho e deliberadamente. Aquilo que podemos mais dizer sobre ela e que, ordinariamente, é matéria de nossas lamentações, é que ela não está absolutamente a nossa disposição e que nós não somos seus mestres. Esse defeito é inteiramente reparado pela Diligência; ela a submete a seu poder; ela a faz depender absolutamente de nossas vontades; ela como que a coloca em nossas mãos. É a ela que pertence, verdadeiramente, esse magnífico título de Rainha de todas as coisas, e seu império é tal que não somente todas as coisas dependem dela, como também a própria Fortuna. Como pensamos que Datames, o famoso Capitão da Pérsia<sup>145</sup> e, mais recentemente, o grande Condestável de Lesdiguières<sup>146</sup>, conservou por tanto tempo aquela prosperidade maravilhosa que o acompanhou em todas as suas façanhas e o fazia, em todos os lugares, triunfar sobre seus inimigos por mais fortes que eles fossem? Ele a conservou através do mesmo meio que ele havia usado para adquiri-la: por uma diligência admirável, com a qual, tendo se tornado mestre da Fortuna, foi-lhe, em seguida, muito mais fácil conseguir vantagens que dependessem dela, que ele fazia com que dependesse soberanamente dele, que ele havia submetido a seu poder; isso é que lhe permitiu os bons sucessos que obteve e o colocou em posse da Vitória. Ele não reconheceu nenhuma outra fortuna diferente da Diligência; ele experimentou que é ela quem torna, verdadeiramente, os homens felizes. É estar no mais alto grau de dignidade, estar por si mesmo! É muito mais vantajoso fazer a alegria do que encontrá-la.

Se é necessário que velemos cuidadosamente pela colheita dos bens que a Fortuna nos faz por acaso e que, na maior parte do tempo, só obtemos por causa de seu capricho, quão justamente devemos empregar nossa vigilância e nosso cuidado para adquirir o bem que procede da Virtude e que ela nos faz por desígnio e que ela nos presenteia incessantemente? Será que estimamos tão pouco a coisa mais estimável que há no mundo, a mais preciosa? Será que não temos paixão nem sentimento pela Felicidade, o único objeto digno de nossos cuidados? Confessemos, francamente, aquilo que nos é impossível dissimular: estamos numa tal apatia, numa tão contínua ociosidade, que ficamos de tal forma imóveis e impotentes para todas as ações virtuosas que não temos mais nem vida nem movimento – apenas os temos para as más ou as

<sup>144</sup> Neste parágrafo, Nieremberg cita Plauto (c. 254 a.C.-184 a.C.) e Antífanes (408 a.C.-334 a.C.).

<sup>145</sup> Datames (?-362 a.C.) foi um general e sátrapa da Capadócia entre 385 a.C. e o ano de sua morte.

<sup>146</sup> O livro *Histoire de la vie du connestable de Lesdiguières*, escrito em 1638, é uma das obras de história escritas por Louis Videl, tradutor da presente obra de Nieremberg para o francês. É interessante notar que a referência a este personagem, obviamente, não consta no original latino. Seja como for, trata-se de François de Bonne (1543-1626), militar durante as chamadas Guerras de Religião Francesas, Senhor e Duque de Lesdiguières, Senhor do Glaizil, Marechal da França e último Condestável da França, durante o Antigo Regime, entre os anos de 1622 e 1626. O Museu do Louvre tem um de seus pavilhões dedicado a ele.

inúteis –; nada daquilo que pode nos tornar feliz é capaz de nos excitar e de causar alguma boa impressão em nosso espírito. Nisso, parecemos com aquele cachorro que, dormindo ao som das marretas na forja de seu mestre, e não despertando nunca por mais tempestade que se fizesse perto dele, se levantava tão logo alguém batesse os dentes e começasse a comer. Consideremos, eu vos peço, a multidão de bajuladores que, ordinariamente, enchem a Corte de um Rei, e que assediam sua pessoa. Pensemos em como só têm olhos e mãos para ver e fazer aquilo que lhe agrada; pensemos na atenção com a qual eles observam os movimentos de seu rosto, para descobrir os movimentos de seu espírito; pensemos na prontidão com a qual eles executam suas ordens e se ocupam mesmo de preveni-las com serviços voluntários e antecipados. Consideremos o entusiasmo com o qual eles imaginam poder agradá-lo e adquirir sua estima. Não é verdade que a Diligência faz toda a sua arte e que ela é sua principal virtude? Quanto a isso, lancemos todo a luz sobre a verdade e coloquemos as coisas no seu devido lugar. Sem a Diligência, não fazemos nada que seja agradável a Deus, nada que seja capaz de nos satisfazer. A preguiça se sobrecarrega e se incomoda a si mesma; ela é seu próprio problema e seu próprio tormento; e quando ela não atrai, como soe, a miséria, ele se pune por não a ter previsto; ela sofre bastante no cuidado que tem de procurar todas as coisas que são capazes de entretê-la. Certamente, aqueles que a amam por causa do prazer que pensam nela encontrar, estão muito enganados, visto que a experiência ensina que, na verdade, ela paga e destrói os prazeres. E se eles saboreiam algum prazer, ele certamente terá o defeito comum a todos aqueles que o vício produz: não será legítimo e será de pouca duração.

Não nos dedicamos o suficiente a pensar nos prejuízos que ela nos causa; e não tivemos um grande cuidado em ver os bens que nos chegam da Diligência. Temos, sobre isso, dois quadros pintados com as próprias mãos da Natureza: a Cigarra e a Formiga. Aquela passa a vida cantando importuna e inutilmente; enquanto que esta se emprega em fazer provisões e sofre, sem descanso, para encher seus armazéns para quando o inverno chegar. A primeira sofre a pena de sua negligência e recolhe, como fruto de sua ociosidade, a fome e a morte. A outra, pelo contrário, goza do bem que seus cuidados lhe oferecem e vive de forma feliz na prisão que o rigor do frio criou para ela. Esse pequeno animal – que, aparentemente, diríamos ser o refugio da Natureza, ou, pelo menos, um exemplo de seu desprezo –, reparando, por sua diligência, a infelicidade de sua condição, previne-se, sabiamente, quanto ao futuro. E, diferentemente dos outros que nada têm de certo e que só vivem para cada dia e que só se ocupam daquilo que é suficiente para entreter o ordinário da vida, a formiga é previdente, ela se enche daquilo que sabe de que precisará. E, certamente, podemos dizer com bastante razão que, entre todos, ela é a única que é rica, visto que ela o é pelas vias mais seguras que conduzem os homens à posse das riquezas – a vigilância e o trabalho. Através disso, a Natureza recompensou suficientemente aquela que, parece, havia sido rejeitada antes. Ela lhe fez bem suficiente, ao lhe conceder a capacidade para adquiri-los; e crendo, por isso, que poderia, sem nenhuma injustiça, se dispensar dos ofícios de mãe quanto à formiga, a Natureza desocupou uma parte de seu cuidado e de sua providência, ao ver sua Diligência e a habilidade da formiga. A Fortuna usa, frequentemente, da sorte com os laboriosos e os vigilantes. Ela lhes tira uma parte de seus direitos e, partilhando com eles seu poder, ela quer que eles sejam autores de seu próprio bem, e que eles recebam de seus próprios cuidados as vantagens que os outros esperam de seu favor e de seu capricho.

Concluamos esta pintura com um novo traço que a tornará mais clara e a erguerá ainda mais alto. Pode haver animal que a Natureza tenha tido mais cuidado e estudo para formar do que o Pavão? E, pelo contrário, pode haver animal que ela tenha descuidado mais do que com a Abelha? Não somente ela não lhe deu ornamento algum – assim como fez com o outro –, como também ela lhe foi avara na matéria e agiu tão negligentemente em relação a ela que se pode mesmo dizer que ela foi feita pela metade – ela nem se dignou concluí-la. Peço-vos uma coisa: imaginem que ambos não existissem. Qual é a importância do primeiro? Ele nos faria falta? E se o outro dos animais – a Abelha – fosse banido da criação, pensem no prejuízo que teríamos. Perderíamos, perdendo-a, a utilidade singular que nos traz o uso do mel que é, ao mesmo tempo, agradável e salutar. A Arte que tem como objeto reparar as ruínas da saúde seria prejudicada em suas ações; e além da quantidade de outros excelentes efeitos dos quais seríamos privados se ela não existisse, faltar-nos-ia o meio que ela nos oferece para iluminar os templos e manter a luz que a piedade consagra à honra dos Altares. Negligenciada e infeliz na aparência, como a formiga, e companheira de sua desgraça, ela é a rival de sua virtude, e partilha com ela a glória de reparar, por sua diligência, os defeitos de sua condição. Ela foi feita, dessa forma, muito mais nobremente, sem dúvida, e mais preciosa do que aquele magnífico e pomposo pássaro cuja plumagem é que lhe confere preço e que é apenas uma forma de diversão para nossos olhos e que não tem nenhuma outra utilidade que essa. Temos, certamente, nesses dois pequenos animais uma excelente instrução para a vida; e a Natureza no-los propõe como um raro modelo ao qual devemos nos conformar. Ainda que os santos Livros se refiram apenas à primeira e não mencionem nunca a outra, o da abelha é um exemplo muito digno. E merece não somente ter um lugar nestas páginas, mas de estar sempre presente à nossa memória e estar profundamente gravado dentro de nosso coração<sup>147</sup>.

### **REGRA DISCIPLINAR V**

#### ***O bem deve ser contínuo***

Mas, após o cuidado que devemos ter para o estabelecimento de nossa Felicidade, é preciso que nos dediquemos no sentido de torná-la firme; pois não é próprio de um artesão hábil fazer obras frágeis e mal acabadas, mas fazê-las sólidas e duráveis. Verdadeiramente, está nisso a consideração que temos por eles e que suas obras têm preço. O vidro seria muito mais rico e procurado do que o ouro se, junto com a graça que ele tem no brilhar, ele não tivesse a imperfeição de se quebrar tão facilmente; a antiguidade das coisas, muitas vezes, lhes confere mérito, e aquilo que há de mais raro nos monumentos que admiramos, que são as mais nobres produções da arte, os maiores e mais definitivos esforços da magnificência dos Monarcas, é a vantagem de ter chegado inteiros até aos nossos dias e de terem podido se garantir das injúrias do tempo. A obra que empreendemos terá essa firmeza, será de eterna duração, desde que lhe concedamos por fundamento o amor e a prática da Virtude. É certo que a perfeição e a segurança de nossa alegria consistem no fazê-la bem: mas é preciso fazê-la

<sup>147</sup> No original, Nieremberg refere um “Elegante Sábio” que disse algo a respeito. Inclusive, a citação apresentada em grego não tem tradução à margem, como soe ao longo de toda a obra e não encontra correspondência em nenhuma obra pesquisada.

incessantemente; e não se trata de ocupar uma hora ou um dia, este deve ser um exercício contínuo que se estende a todos os dias de nossa vida. Em todas as outras Artes, o Operário começa e se retira tão logo lhe pareça bom. Mas, na Arte de fazer o bem, é preciso sempre começar, não se distrair de forma alguma e nunca acabar. Este labor quer ser conduzido como se fosse uma só atividade e como se estivesse mantido por um único fio; ele não tem pausa; não se pode tirar as mãos da obra; e, mais verdadeiramente do que aquele pintor que não quis nunca passar um só dia sem traçar pelo menos uma linha, é preciso nunca deixar passar um momento sequer sem fazer ou sem meditar uma boa ação. A prática da Virtude demanda continuidade; dividi-la, certamente, será como perdê-la, será como sofrer no sentido de mantê-la inutilmente, fazer isso com intervalos. A Vontade constante é todo o mistério da sabedoria; ela fica firme em seus desejos e seu verdadeiro caráter é a unidade. O vício, pelo contrário, é vacilante e vário, é inconstante e variável, se dissipa e se perde; e será nossa maior tristeza se nos perdermos com ele, se não nos desfizemos dele, mas apenas substituir, passar de um para outro; pois, dessa forma, certamente, não o estaremos abandonando nem por conhecimento nem por razão, mas apenas por cansaço e tédio.

Não estaremos praticando a Virtude se não fizermos progresso nessa prática. Para estarmos firmes nisso, é preciso ir sempre mais adiante; ela não será constante se não se mover sempre. Não é verdade que não conseguimos nos manter por muito tempo de pé num mesmo lugar, numa mesma postura? E que é mais fácil ficar de pé quando nos movemos e caminhamos? Se considerarmos o corpo humano na sua consistência e sobre seus pés, nós o descobriremos mais adequado à ação do que ao repouso. Sem dúvida, ele é mais feito para avançar do que para ir para trás. Ora, por que pensamos que Deus tenha querido fazê-lo assim? Qual terá sido o seu<sup>148</sup> desígnio nisso? Não terá sido para nos ensinar que, estando como estamos no fluxo contínuo das coisas do mundo, que sempre seguem em direção a seu fim, ou para melhor dizer, que correm em direção de seu aniquilamento, não seríamos capazes de evitar sermos levados com elas, se não fôssemos capazes de resistir à sua rapidez, se não fôssemos capazes de ir contra a corrente e combater sua violência. É por isso que, certamente, é preciso sofrer com todas as forças. De outra forma, é bastante seguro que, sem que haja nosso desígnio, ou se houver nossa negligência, afundaremos e não seremos capazes de evitar o naufrágio. É uma infelicidade infalível para quem age preguiçosamente quanto à prática da Virtude; este é o final ordinário dos preguiçosos e dos folgados. Nesse sentido, a Sabedoria divina quis se acomodar aos sentidos e ao alcance da sabedoria humana, que, na cegueira do Paganismo, às vezes, teve sentimentos razoáveis suficientes; quando, pela boca de um de seus principais oráculos, condenou aqueles que se enjoam de fazer o bem e que devem ser lançados, com os pés e as mãos amarrados, nas trevas, para sofrer as penas eternas, cujo rigor extremo não pode ser representado por nenhuma imagem de dor, por nenhum choro ou por nenhum gemido contínuo. É por isso que Platão, falando dos suplícios preparados para os malvados na outra vida, relata que um célebre Tirano foi punido; dizendo que o Tirano tinha a cabeça coberta – particularidade que denota a ignorância desse criminoso e que serve para nos fazer compreender que ele não conhecia o bem, que ele não o seguia<sup>149</sup>. Mas, o Filho de Deus julgou tão pouco

<sup>148</sup> De Deus.

<sup>149</sup> No original latino, Nieremberg escreve: "*Hoc ritu narrat Plato Ardiaeum saevire: ubi nec oblitus tenebrarum exteriorum, & fletus, & stridoris*". O tirano a que se refere o tradutor é um personagem de Platão (c. 428 a.C. – c. 348 a.C.), descrito no livro X d'A *República*, (entre 614b-621b) quando o autor fala

necessário este rito que, nos tendo tirado das trevas do erro e nos trazido para a luz de sua doutrina, e nos tendo aberto o caminho que devemos seguir, julgou não haver mais desculpas para nós se viermos a falhar e, sem dúvida, nosso crime procede muito mais de malícia do que de ignorância. A distração era perdoável para aqueles que caminhavam à noite, que não sabiam para onde estavam indo e não tinham nem tochas nem guias. Se, não obstante isso, eles quisessem que sempre se seguisse em frente, eles condenassem extremamente a preguiça e a ociosidade, poderia haver alguém que pudesse nos justificar, a nós que estamos esclarecidos e sabemos certamente a rota que devemos manter? Nós que, ora somos bons, ora péssimos; às vezes seguimos sem erro, e outras vezes vacilamos; ontem éramos diligentes, hoje somos malvados? A Virtude não é, de forma alguma, sujeita aos acessos e aos intervalos da febre terçã – sentindo frio e calor, sendo ora saudável e ora doente. Todos os dias lhe são dias de saúde. Ela só tem bons dias e não reconhece nunca os maus dias.

A Virtude é toda de uma mesma cor e aparência; ela não gosta de se diversificar; ela odeia e foge da variedade. Certamente, o Sábio também é assim: é aquele que sempre se vê num mesmo fundamento, que não conhece a mudança e que é, em todos os lugares, igual a si mesmo. Sem dúvida, a grandeza e a dignidade do homem consistem na unidade, ela tem nisso todo o seu preço e a sua perfeição; ele é rebaixado, a perde, tão logo se faz diferente e divide a si mesmo. Estava nisso o mais comum sentimento da melhor parte dos Filósofos; e por mais diferentes que fossem suas concepções sobre todo o restante das coisas, eles estavam de acordo neste ponto: o que é bom é um<sup>150</sup>. Por isso, então, visto que não temos dúvidas acerca do fato de que a unidade seja a base e o fundamento da Sabedoria, tenhamos todo o cuidado e dediquemos todo o estudo para adquirir isso. Sejamos, hoje, o que fomos ontem, se tivermos sido virtuosos; e se o somos hoje, sejamos amanhã e por toda a nossa vida. Tenhamos como constante que, em matéria de bem, é fazer muito, é fazer o suficiente, fazer sempre a mesma coisa. Quem se divide em diversos empregos, só conseguirá cumprir um pouco de seus deveres; muitos desígnios se confundem e se destroem uns aos outros. E vemos, ordinariamente, que o excesso de desígnios impede o efeito. Ser sempre igual e sempre um é ser algo de muito nobre e de muito excelente; é ter o caráter da Divindade e, ainda mais, é tê-lo de forma segura, visto que é certo que sua soberana prerrogativa é ser incapaz de alteração, ser eternamente aquilo que é e o ser por si mesma. Mas, qual é o meio para adquirir esta igualdade, sendo que encontramos, na vida, a toda hora, dificuldades, obstáculos que nos fazem parar e nos atrasam? E sendo que a Fortuna, inimiga de todos os desígnios que assumimos para deixar nosso espírito em repouso, não cessa de nos suscitar ocasiões de problema e de dificuldade? Somos sujeitos, estou certo, a uma infinidade de encruzilhadas e impedimentos; o caminho que nos leva ao bem é todo coberto de pedras e pedregulhos. Sem dúvida, o sofrimento que sentimos é duro e penoso: mas, aquilo que pensamos que nos deve desencorajar deve nos excitar mais. A pena é o tema e a matéria sobre a qual se dedica a Virtude, chega a ser mesmo a matéria mais preciosa sobre a qual ela poderia trabalhar. Quem já viu que um artesão

---

do Mito de Er ou da Reminiscência, que, de certa maneira, descreve a crença numa forma de purgação da alma que cometeu injustiças durante a vida. Ali, Platão apresenta Ardio, tirano de uma cidade da Panfilia que, segundo o relato, havia matado o pai e o irmão mais velho, além de ter realizado uma série de atos nefastos.

<sup>150</sup> No original latino, Nieremberg escreve: "*Megaricae factionis celebre fuit placitum, id bonum dumtaxat esse, quod esset unum*".

pare de trabalhar porque tenha muita matéria? Ou que o ourives despreze sua arte porque o ouro abunda em sua casa? O que o Escultor desgoste de sua tarefa porque, a cada dia, lhe chega uma peça nova de mármore? Pelo contrário, ele se anima, ele se dedica mais; e tendo que fazer a Estátua do Rei, ou outra obra qualquer de grande importância, ele escolhe o mármore mais duro, mesmo sabendo que isso lhe custará muito mais tempo e trabalho. Por que recusáramos as coisas duras e difíceis, visto serem estas as verdadeiras matérias com as quais se forma a viva Imagem da Divindade, o homem virtuoso?

Nada, portanto, seria capaz de nos impedir de progredir no bem, e há muitas coisas que nos impelem e nos ajudam nisso. Primeiramente, o exercício contínuo nos dá, no progresso do bem, uma segurança maravilhosa; ele torna doce aquilo que é rude e difícil nessa matéria; a matéria a torna flexível e obediente, ele a prepara tão felizmente que consegue arrancar toda a sua rudeza e toda a sua dureza. E certamente aquela máxima de Pitágoras é fundada na razão: *que é preciso escolher uma boa forma de viver*, porque, por mais penosa que ela seja, e por mais espinhos que nela se encontrem, é certo que o costume a torna agradável e faz com que ela se torne um prazer<sup>151</sup>. Segundo pensais vós, este é um motivo de espanto? Consideremos, no entanto, que é próprio do hábito mudar inteiramente as coisas, tornar encantadoras as mais inconvenientes, fazer amar as cadeias e as prisões; converter o amargo em doçura. É próprio de um ânimo maligno lamentar-se contra a natureza porque, tendo concedido às ações do corpo uma volúpia presente, fez com que fossem difíceis as salutares funções do espírito. Este lamento é injusto, visto que, sem dúvida, ela não somente as recompensou também com uma volúpia, mas, com uma volúpia muito maior do que as sensuais seriam capazes de ser. Nisso, ela agiu com sabedoria e aptidão: ela fez pelo corpo, que é enfermo e mortal, uma volúpia caduca e mortal, que acaba tão logo começa, que morre ao nascer, e que é importuna enquanto progride; porque – falando apenas daquela que pertence ao gosto – não é verdade que ela é tediosa quanto mais for contínua? E quem nunca fez esta experiência frequente de quanto mais comer tanto menos sentir prazer? Mas, a Volúpia que acompanha as operações do espírito – tendo em conta a excelência e a perfeição de seu sujeito, que é imortal e divino – está sempre forte e vigorosa, não se diminui nunca e nunca se enfraquece, é sempre agradável e sempre nova. E, ao contrário das volúpias do corpo, ela cresce em doçura na medida de sua continuação, ela não é menos agradável no fim e no progredir do que no começo.

Eis como, pelo benefício do costume, as coisas duras e difíceis se tornam não apenas fáceis como também agradáveis. Certamente, o costume é bastante útil e nos traz muitos bens; e nós lhe somos injustos e o estimamos muito menos do que deveríamos se não o estimáramos como um de nossos maiores bens e não o colocáramos entre nossas mais marcantes vantagens. Reconheçamos aqui a singular e rara obrigação que temos com a providência e com os cuidados da Natureza. Se aconteceu de ela nos formar pouco felizmente e de não cumprir em nós seu perpétuo desígnio de tornar perfeitas todas as suas obras; se contra a sua intenção, ela deixou defeitos em nosso corpo ou em nosso espírito; ela se valeu de um excelente meio para os reparar. Ela nos deu o costume, que pode muito bem ser nomeado uma Natureza voluntária e artificial,

<sup>151</sup> No texto latino, Nieremberg escreve: “*Vere a Samio dictum, eligendam esse vitam bonam, gratam consuetudine fieti*”. Apesar da homonímia – há escultor grego, que viveu no século V, que é conhecido como Pitágoras de Samos –, trata-se sempre de Pitágoras (c. 570 a.C.-c. 497 a.C.), o matemático e filósofo.

pela qual está absolutamente em nosso poder nos suprir daquilo que nos falta, nos refazer e nos formar outra vez. Poderia ela nos ter obrigado mais e ser mais liberal para conosco? Como uma boa mãe dá mais de uma roupa para seu filho para que ele tenha meios de se trocar, segundo cada estação e ocorrência; também ela não quis nos sujeitar a uma única natureza e nos ofereceu meio de nos modificarmos. Assim, se não somos virtuosos, ela agiu de tal forma conosco que só depende de nós nos tornarmos; assumir bons hábitos da mesma forma que pegamos uma roupa; desfazermo-nos dos vícios da mesma forma que tiramos uma roupa. É isso que fazemos com a ajuda do costume, cuja força não é pequena para nos fazer abraçar o bem e largar o mal; que, para dizer em poucas palavras, é capaz de produzir a maior de todas as mudanças; e, si não é fazer de um animal um homem, pelo menos não é fazer de um homem um animal. Temos de uma testemunha segura o relato de um rapaz da Sardenha que, tendo fugido de seus pais, foi para a selva<sup>152</sup>; aprendeu a maneira de viver dos animais selvagens, comendo ervas como eles, andando sobre as mãos e os pés; numa palavra, não tendo outro alimento ou forma de agir diferente da deles. Pouco tempo depois disso, um grande Senhor dessa Ilha, tendo ido caçar e o encontrado numa das armadilhas que havia deixado para pegar Cervos, o devolveu à sua família; e eles se dedicaram inutilmente para obrigá-lo a falar e lhes apresentaram em vão carnes próprias para o homem. Seja lá o que fizessem, ele permanecia mudo e só comia ervas; e tendo lhes escapado mais uma vez, ele voltou para onde estava antes; eis como é poderoso o costume, de forma que torna não somente fáceis as coisas que, por si mesmas, não o são, mas também as torna necessárias e forçadas. Será que iremos nos maravilhar, depois disso, com o fato de que ele supera a Natureza, na medida em que vence a Razão e produz um efeito tão estranho, que é o de perverter a humanidade e fazê-la ser o seu contrário? Experimentamos, todos os dias, a violência que faz em nosso espírito uma vontade confirmada pelo tempo, e com que rapidez somos levados àquilo que queremos por muito tempo. Um uso antigo, assim, adquire a força e a autoridade de uma Lei; e não obriga menos do que as constituições estabelecidas pelo comum consentimento dos povos. Assim como as coisas que são dos outros se tornam nossas por uma prescrição legítima, tornamos a Virtude algo nosso através do costume; adquirimos, dessa forma, o direito e a posse sobre a Virtude. Deixemos, pelo menos algumas vezes, que Deus tome posse de nós dessa maneira; e se não somos seus por nosso consentimento, que, pelo menos, sejamos pelo título que ele adquirirá através do longo uso.

Além do mais, se o exercício contínuo é absolutamente necessário a quem quer chegar à perfeição de uma arte, é indubitável que, para chegar à posse do bem a que aspiramos, é preciso a constância e a assiduidade, é preciso um cuidado e uma atenção que não conheça descanso. O famoso Arquimedes<sup>153</sup> era tão dedicado ao estudo dessa arte da Constância que, através de sua prática, ele fez com que fosse inútil o esforço dos inimigos de sua pátria; que, esquecendo por isso todas as coisas até ao ponto de não se

---

<sup>152</sup> O texto latino é como segue: “*Sardensis quidam, quemadmodum narrat Aben-Ezra, elapsus à parentibus, in sylvas se recepi...*”. A “testemunha segura” a que se refere o tradutor é, portanto, o rabino Abraham ben Meir ibn Ezra, também conhecido como Abenezra (1092-1167), que foi um intelectual judeu e importante escritor da Idade Média, que se dedicou muito particularmente à astronomia, tendo, inclusive, dado o seu nome a uma cratera lunar.

<sup>153</sup> Matemático e físico grego, Arquimedes (287 a.C.-212 a.C.) inventou várias máquinas de guerra para proteger Siracusa, sua cidade natal, do cerco de Marco Cláudio Marcelo, em 215 a.C. Segundo o relato histórico, o cerco durou 3 anos, ao final dos quais, Siracusa foi tomada.

lembrar daquilo que ele devia à sua própria pessoa, se pode dizer que ele viveu menos, não sofreu a vida, a ponto de, muitas vezes, ser preciso solicitar-lhe que se dedicasse à vida, necessariamente, demanda. Como aqueles que cuidavam dele o estavam obrigando a tomar banho e ungir o corpo para trazer de volta o calor que a violenta contenção de seu espírito havia banido, ele não conseguia ficar parado e, traçando com seus dedos linhas e figuras, continuava sem interrupção e sem divertimento algum esse nobre exercício, e foi assim até a hora de sua morte. É preciso que, a exemplo desse excelente homem, toda a nossa vida seja uma firme e constante prática da Virtude; é preciso que nosso último momento se empregue ainda no agir bem. Devemos, para que isso aconteça, esquecer, como ele, todas as coisas e quase nos esquecer de nós mesmos; e acreditar que, após um tão digno emprego, não há nada que seja mais digno de nós. Que aquilo que nossa consciência, uma vez, nos disse ser bom, seja inviolável e santo para sempre; e que tendo tomado uma séria decisão de bem viver, aconteça-nos muito mais faltarmos a nós mesmos do que à nossa palavra. Que nossa vida seja uma contínua sequência de ações virtuosas e seja como uma bela tessitura na qual não se vê marca nem de desigualdade nem de intervalos; e que, por um encadeamento indissolúvel, o fim e o meio de nossa vida estejam ligados ao começo. O bem que fizemos no passado é estimado por aquele que fazemos no presente. A perseverança é que lhe dá o preço, além de o dar também a quaisquer atos virtuosos dos quais possamos nos gloriar; se eles não são contínuos e não estiverem todos presentes em nossa morte, certamente eles não estiveram presentes em nossa vida, por assim dizer. Eles não se sustentam por si mesmos e só conseguiriam subsistir através daqueles que vêm na sequência. Os últimos asseguram todos os demais, e nossas boas obras de hoje esperam sua duração e sua firmeza daquelas que faremos amanhã. Mas, por menor que seja a pausa que dermos, tudo aquilo que tivermos feito de bem se destrói e cai em ruínas; assim, sem dúvida, nossa perda e nossa salvação dependem de um momento; e a eternidade depende desse ponto fatal no qual cessamos de fazer o bem. É também por essa razão que ela foi nomeada por um Filósofo *o produto e o fruto do tempo presente*<sup>154</sup>. Outro pensador, depois dele, considerando a fragilidade e a brevidade da vida, chamou-a judiciosamente de *infância da vida eterna*<sup>155</sup>. Ora, nós imaginamos que seremos capazes de chegar a este ponto simplesmente sendo firmes no fazer o bem? Não nos persuadimos de que nos é possível descuidar, que podemos deixar alguns espaços vazios e que, como os Operários comuns, podemos pensar que é possível recompensar aqui a perda de um dia pelo emprego de outro. É preciso que estejamos certos de que, tão logo deixamos de praticar a Virtude, oferecemos meios para que o vício nos ataque e nos surpreenda. Ele não vem a nós abertamente, mas mascarado e cautelosamente; e como ele se sente culpado por sua extrema feiura, ele esconde seu rosto e seu nome. Ele nos pede que o admitamos em nós por um tempo; e favorecido pela complacência natural que tempos

<sup>154</sup> No texto latino, Nieremberg escreve: “*Sapieter illud Indicum à Megasthene proditum praesentem vitam monet*”. Trata-se, portanto, do geógrafo grego Megástenes (c. 350 a.C.-290 a.C.) que escreveu a obra intitulada *Índica*, na qual descreve a sua viagem pela Índia, provavelmente entre os anos 302 a.C. e 288 a.C..

<sup>155</sup> No texto latino, Nieremberg, após citar em grego, sem tradução, a frase de Megástenes, escreve: “*Consentit sapientissima Syncretica, & magnus Athanasius. Est breve hoc tempus, foetatio aeternitatis, adolescentia aevi, iuventus immortalitatis*”. Trata-se portanto de dois personagens, que o tradutor resumiu a apenas um: Santa Sinclética (?-c. 350), virgem e monja, que viveu em Alexandria no século IV; e Santo Atanásio (c. 295-373), bispo de Alexandria e um dos Padres da Igreja. É interessante observar que também a frase traduzida por Louys Videl está incompleta: na verdade, a anotação completa de Nieremberg diz que “este tempo é breve, infância da eternidade, adolescência da idade, juventude da imortalidade”.

por ele, ele nos persuade facilmente de que irá embora cedo, tão logo nos recoloquemos no caminho do bem agir; mas, tão logo o recebemos em nós, ele nos domina tão poderosamente, ele assume um tão grande Império sobre nosso espírito, que sentimos uma incrível dificuldade para mandá-lo embora. Se não fizermos um esforço extremo não seremos capazes de nos livrar dele.

É preciso, portanto, nos manter cuidadosamente atentos para nunca sermos surpreendidos e cair em armadilhas. É preciso imitar os Sábios Capitães que, marchando em país inimigo e sabendo que poderiam ser atacados a qualquer momento, mantêm os olhos abertos a tudo e permanecem sempre em estado de defesa. Certamente, não há nenhuma verdade mais certa do que essa para nós: estamos na vida sempre em perigo. O contágio do vício nos circunda e nos pressiona de todos os lados; ele está eternamente de espreita a fim de nos assaltar; e marchamos num país que não apenas não é amigo, como também nos é extremamente contrário. É preciso, portanto, sempre estar prontos para combater, estar sempre com as armas nas mãos, ou seja, estar sempre providos de máximas excelentes e de dogmas salutares, que nos sejam presentes e familiares, e que recitemos todos os dias, a exemplo dos discípulos de Pitágoras, que ordinariamente traziam na boca os preceitos de seu mestre<sup>156</sup>. Ora, se sempre está em nosso poder evitar o mal e praticar o bem, é preciso que nós o façamos sem a menor dúvida; não nos deve ser difícil sermos sempre os mesmos, querendo ser bons e virtuosos. Qual outro propósito haveria em ter, incessantemente, na memória aquilo que não somente evita que caiamos no mal, como também evita que nossa vida caia no esquecimento, e nos faz produzir ações famosas e memoráveis? Quantas vezes, para chegar à perfeição da arte de bem dizer, nós estudamos as obras dos excelentes Oradores, ou lemos Cícero e Demóstenes?<sup>157</sup> E mesmo este último, para obter o mesmo efeito, não transcreveu oito vezes, com suas próprias mãos, a história de Tucídides?<sup>158</sup> Certamente, o espírito pede alimento da mesma forma que o corpo; ele tem apetite, por assim dizer, e avidez; chega a ter até mesmo mais apetite, visto a sua natureza imortal que não encontra, nesta vida, nada que satisfaça o seu paladar, nada que o satisfaça plenamente. Mas, há esta diferença entre seu alimento e o do corpo: a digestão, no caso do alimento do corpo, o consome totalmente e o alimento só servirá por um dia, sendo necessário tomar mais alimento depois. Pelo contrário, o alimento do espírito permanece sempre o mesmo e não se consome de forma alguma, de forma que sempre podemos retornar a ele, não precisamos nunca tomar mais outra vez. Este alimento consiste na contínua prática do bem. É nisso que nosso espírito encontra alimento e vida. Mas, levando-se em conta que ele pode ficar descontente com isso, e tomar por bem aquilo que não é ou que o é apenas aparentemente, é preciso, sobre todas as coisas, que ele se guarde de se conduzir, nisso, pela opinião, que é um guia perigoso, que só

<sup>156</sup> No original latino, Nieremberg cita nominalmente uma série de discípulos de Pitágoras entre outros filósofos: "*Galenus singulis diebus praecepta Samii senis recitabat sibi. Hierocles scribit, legem Pythagoream fuisse, bis in die illa repetere. Diogenes mane iubebat praestruui. Epictetus etiam ad singulas actiones*". Temos, portanto, os seguintes nomes: Cláudio Galeno (c. 131-c. 200), Hierócles (séc. II), Diógenes Laércio (séc. III) e Epicteto (55-135).

<sup>157</sup> No original latino, aparece: "*Ut bene semel loquatur Orator, & Sophista; millies legit, relegit Tullii, aut Demosthenis fragmenta*". Trata-se de Marco Túlio Cícero (106 a.C.-43 a.C.) e de Demóstenes (384 a.C.-322 a.C.), ambos reconhecidos como importantes oradores, o primeiro romano e o segundo grego.

<sup>158</sup> Tucídides (c. 460 a.C.-c. 400), historiador grego, cuja obra mais conhecida é a *História da Guerra do Peloponeso*.

leva à perdição; mas, que ele siga a razão, que é direita e esclarecida, que lhe apontará boas direções e servirá de Fio de Ariadne, como aquele que ajudou Teseu a sair do labirinto<sup>159</sup>. Ela o fará sair felizmente das trevas e da confusão das coisas dessa vida; ele lhe dará esta constância e esta firmeza tão necessárias no exercício da Virtude; enquanto que a opinião o fará falhar incessantemente e, o levando por entre falsas sendas, o lançará, finalmente, dentro de um precipício.

Com esse inconveniente, é preciso evitar com extremo cuidado tudo aquilo que é contrário à prática da virtude; tudo aquilo que enfrenta seu meio-termo, que destrói a constância e a igualdade que ela exige. São as esperanças elevadas, os desejos altaneiros, a ambição, a vanglória; e tal como outras conseqüências ordinárias, as vantagens que vêm da Fortuna, riquezas e dignidades. Sem dúvida, essas são armadilhas contra a Virtude, venenos mortais contra a integridade dos hábitos e contra a inocência da Vida. Portanto, não somente é preciso empregar toda a força de nosso espírito para nos defender, mas como também é preciso resistir poderosamente às suas tentações e seus atrativos. É preciso não apenas condenar nossos afetos depravados e nossos desejos desordenados, mas também tudo aquilo que é capaz de acender nosso apetite e que lhe pode servir de matéria. Ainda que, com efeito, a Virtude seja a coisa mais eminente do mundo, ela gosta, no entanto, de se manter no meio-termo; nobre como ela é, brilhante como ela é, ela foge do brilho e da pompa, e moderando todas as coisas, ela permanece no mesmo temperamento e na mesma moderação. Há uma história irônica e marcante: a daquele que, de humilde e modesto que parecia ser antes de ter sido eleito Abade, até ao ponto mesmo de não levantar os olhos e nada falar, e quase guardar um silêncio perpétuo, tendo testemunhado, depois da eleição, presunção e orgulho, respondeu àqueles que se espantaram com uma tão repentina mudança que *aquilo que, antes de sua eleição, o fazia baixar a vista era o fato de ele estar sempre buscando as chaves do claustro, e que as tendo encontrado, ele passou a falar, desde então, em alto e bom som e trazia sempre o rosto levantado*. Mas, isso foi muito mais uma declaração do que uma mudança de sua natureza; ele parecia muito mais ambicioso do que era. O mal que nos fazem as dignidades é muito pior, sem dúvida, pois corrompe nossos hábitos, mais do que os traz à tona; elas nos pervertem inteiramente e são tão poderosas para isso que se viu homens que poderiam ser chamados de perfeitos exemplos de modéstia que, tendo sido elevados por força a grandes empregos, e levados, contra sua vontade, para honras, que não somente se tornaram vãos, mas também foram pervertidos até ao ponto de degenerarem na insolência e se tornarem insuportáveis; e quando elas produzirem apenas um outro efeito – o de descobrir nossa natureza e publicar o segredo de nossas inclinações – elas nos serão de muito prejuízo, arrancando-nos essa máscara de probidade que nos cobria, e evidenciando os segredos que tínhamos escondidos. Nisso se justifica suficientemente que a Virtude é tão venerável que ela se faz respeitar por aqueles mesmos que a corrompem e que abusam dela, estando certo que, para conservarem a imagem de uma coisa tão santa, eles se abstêm de muitos Vícios, têm a aparência de gente de bem, mas se não têm seus efeitos, não o são verdadeiramente.

No entanto, nem a inteligência, nem a habilidade, nem a força, nem as outras condições necessárias no exercício das Artes são capazes de nos fazer chegar a bom termo na obra que vimos meditando, se nisso não tivermos alegria e se a Fortuna não contribuir para que se efetive essa obra. Sem dúvida, nos é necessário, para isso, algo

<sup>159</sup> Trata-se do mito de Teseu e do Minotauro de Creta.

que ultrapasse nosso espírito e nossa suficiência. Um Gênio mais forte do que o nosso, que nos assiste poderosamente, e nos conduz pelas sendas que levam àquela obra pela mão. Será que somos tão injustos a ponto de querer tornar a Fortuna superior à Virtude? Será que perverteremos de tal forma a ordem a ponto de tornar a senhora dependente e sujeita à serva? Não é esse nosso pensamento. Não estamos falando da Fortuna, esta cega, esta inconstante, que é adorada no mundo; que causa tanta desordem entre os homens, que distribui os bens sem julgamento e sem escolha, que persegue os bons e parece ter assumido para si o cuidado dos malvados. Estamos falando do favor do Céu, que é sempre presente para aqueles que o imploram e que por ele esperam; que se comunica a nós sem a ajuda de nossos conselhos e de nossas deliberações; que chega ordinariamente àqueles que mais desconfiam de suas forças e menos presumem de sua Sabedoria. Estamos falando da Graça, sem a qual todos os nossos cuidados e nossos sofrimentos seriam inúteis. É isso a que chamamos Fortuna, mas a Fortuna inocente da alma, que assiste aos bons desejos e às santas intenções; que é a causa de todos os nossos bons sucessos; que parece ser obrigada a nós e nos deu a fé de nunca nos abandonar e sempre nos resgatar o mais prontamente possível. Sem ela, a força, a indústria e tudo aquilo que tem Virtudes, são frágeis e sem força. São como vãos fantasmas que não têm nem vigor nem vida; e podemos dizer que elas sequer existiriam. Certamente, como todas as coisas vêm de Deus, não há bem algum que não venha de sua operação; não há nada que seja tão pequeno que não proceda inteiramente dele, que não seja um ramo dessa videira, um riacho dessa fonte.

Esta é uma verdade da qual não podemos duvidar: a de que aqueles que não foram instruídos como fomos e que não tiveram as luzes e os conhecimentos que temos não a ignoram também. Eles não creram somente em um Deus, soberano autor e princípio universal de todas as coisas; mas, imaginando que, por maior e mais poderoso que ele pudesse ser, ele não era suficiente para lhes conduzir e que o seu governo era grande demais para uma divindade sozinha, eles imaginaram um número infinito de deuses, entregando a cada um deles um governo particular. Poderíamos contar uma dúzia de deuses que deveriam ter presidido o berço da humanidade e deveriam ter assumido a direção de sua infância. Deixo de lado aquelas divindades que deveriam cuidar do homem durante as outras estações de sua vida. Eles consagravam todas as paixões, e faziam uma Divindade de cada uma das Virtudes. Enfim, todas essas mentiras tiveram por fundamento esta Verdade: que todo bem procede de Deus; que não há nada que venha verdadeiramente de nós mesmos; que tudo aquilo que temos de conhecimento, de poder e de habilidade, é inútil e vão sem sua ajuda. A Virtude não é um nobre efeito de nossa força ou de nossa habilidade; também não é um produto da arte; é um dom, é uma pura liberalidade do Céu; a quem devemos, com esse bem, tudo aquilo que temos nessa vida. É dele que vem a luz, através da qual nossos olhos considerem as diversas belezas do mundo, e não são ofuscadas pelas trevas de uma noite eterna; é dele que cai na terra o que causa sua fertilidade e sua abundância; é dele que ela recebe este calor ativo e vivificante que faz tão excelentes obras; e que se pode tão adequadamente chamar a Alma da Natureza. É disso que vêm sobre nós tão salutares influências; é, em uma palavra, de onde nos vem a inteligência, o saber, a coragem, a saúde, a força e geralmente todos os bens e todas as vantagens do espírito e do corpo. Um e outro dependem soberanamente de Deus; ambos recebem plena comunicação de suas graças; mas o privilégio de as atrair pertence exclusivamente ao primeiro; e ele tem o direito de abrir este tesouro todas as vezes que lhe agrada. É isso que ele faz, sem dúvida, quando se abaixa e se anula diante da Soberana grandeza de

Deus; quando ele se lhe apresenta limpo e puro de todos os pensamentos de vaidade; quando se desveste de seus sentimentos de presunção e de vanglória. É quando, com uma cega e perfeita obediência, ele se resigna nele e se submete, sem ser forçado, a todos as suas Vontades. Neste estado, ele atrai não apenas a graça de Deus, mas atrai a Deus mesmo, que sofre ainda menos o vazio que a Natureza; e perfeitamente purificado das imundícies da terra, ele se preenche todo dele. Que grandeza e excelência tem a humildade! Ela que tem preço a posse de Deus; de fazê-lo descer do Céu, de merecer que ele se dê a ela como recompensa! Toda a pompa e a magnificência do mundo, todos os seus bens, todas as suas honras, seriam capazes de produzir um tal efeito? Certamente ela é mais nobre do que eles, que não têm verdadeiro brilho, senão aquele que ela lhes confere. É ela que realça a grandeza mesma; e não teremos nenhum pejo em admitir que aquela que está melhor estabelecida não tem nenhuma segurança se ela não for o seu fundamento. Por mais que esta verdade seja constante e que sustente suficientemente, nós a confirmaremos com esta palavra de um antigo Filósofo que, vendo em um de seus discípulos um espírito extremamente altaneiro, lhe disse<sup>160</sup>: *aprenda que aquilo que é grande nem sempre é bom; que muito frequentemente isso é mal; quase sempre perigoso; e raramente de longa duração; pelo contrário, aquilo que é bom, sempre é grande e seguro*; e diremos ainda mais: é sempre glorioso.

---

<sup>160</sup> No original latino, Nieremberg afirma: "*Haec sui vacuitas magnes sit divini respectus, illex Divinitatis, impatientioris vacui, quam natura. Inest Deus ei, qui sibi deest: adest, si tibi absis, ut Eunomo Cicala pro filo, iuxta Pseudo-Asclepii preces. Sapienter propterea Barbarus dixit: Caput disciplinae, silentium; caput omnis intelligentiae, delectio. Unus est honos, cuius meritum ipso pretiosius est. Videns Scapheus discipulum vehementer instarum, verissima obiurgavit sententia...*". O autor se refere a uma história sobre a qual não encontramos muitas referências precisas. De fato, não encontramos referências a nenhum Pseudo-Asclépio que figurasse ao lado de um Eunômio e uma cigarra, e esse discípulo de nome Escafeo.